



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA – PROF-FILO



NARDA TELES YAMANE

**A ARTE DE FILOSOFAR O MUNDO: a arte trágica como despertar
da experiência reflexiva na EJA**

MANAUS

2023

NARDA TELES YAMANE

**A ARTE DE FILOSOFAR O MUNDO: a arte trágica como despertar da
experiência reflexiva na EJA**

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Programa de Pós-Graduação do
Mestrado Profissional em Filosofia
(PROF-FILO), na Universidade Federal
do Amazonas como requisito parcial
para a obtenção do título de Mestre em
Filosofia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Jocélia Barbosa Nogueira

MANAUS

2023

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Yamane, Narda Teles
Y19a A arte de filosofar o mundo : a arte trágica como despertar da
experiência reflexiva na EJA / Narda Teles Yamane . 2023
138 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Jocélia Barbosa Nogueira
Dissertação (Mestrado Profissional em Filosofia) - Universidade
Federal do Amazonas.

1. Arte trágica em Nietzsche. 2. Experiência reflexiva. 3. Filosofia.
4. EJA - Educação de Jovens e Adultos. I. Nogueira, Jocélia
Barbosa. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

NARDA TELES YAMANE

**A ARTE DE FILOSOFAR O MUNDO: a arte trágica como despertar da
experiência reflexiva na EJA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO), na Universidade Federal do Amazonas como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Linha de Pesquisa: Práticas de Ensino de Filosofia

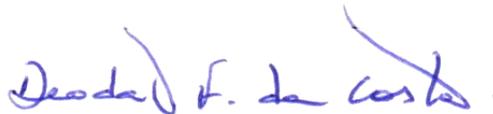
Área de Concentração: Artes e o Ensino de Filosofia

Orientadora: Jocélia Barbosa Nogueira

Esta dissertação foi avaliada e aprovada para obtenção do título de Mestre em Filosofia, pela Universidade Federal do Amazonas- UFAM



Presidente: Professora Doutora Jocélia Barbosa Nogueira



Membro: Professor Doutor: Deodato Ferreira da Costa



Membro: Professora Doutora: Rosejane da Mota Farias

Dedicatória

Dedico estas palavras aos corações que moldaram a minha jornada, meus avós maternos, Caetano e Mainha Pereira, e paternos, Osvaldo e Quininha Telles, "in memoriam". Que essas belas almas, que se tornaram estrelas no céu da saudade, continuem seus suspiros no vento e no eco dos tempos idos, iluminando meus passos na escuridão da ausência.

À minha mãe, Joana Teles, que trouxe a poesia à minha infância, e ao meu pai, Hervaldo Teles, "in memoriam", que me ensinou a força do silêncio que ressoam em cada verso deste trabalho.

Ao meu amado João Pedro Taneda, que segurou minha mão em cada curva sinuosa deste caminho e sugeriu palavras de coragem quando o mundo parecia silencioso demais.

Aos meus irmãos Namedin, Namise, Naise, Nardy e Neisa Teles, que compartilharam risos e sonhos, criando um mundo só nosso.

Aos meus amigos Paulo Queiroz, Arnaldo Chaves e Mara Pacheco, que sempre estiveram ao meu lado, caminharam comigo pelas estradas da imaginação, compartilhando utopias e devaneios e acreditando no meu faz de conta, enxergando a beleza no meu caos e me dando asas para voar na imaginação.

E a Dionísio, o eterno guia do meu destino, que dança em meu coração e canta nos meus sonhos, tornando minha vida uma celebração.

Agradecimentos

Em um tom de gratidão, estendo meu reconhecimento àqueles que tornaram este caminho uma realidade. À CAPES, que com sua benevolência me permitiu dedicar dois anos à minha evolução. À UFAM, portadora da luz do saber, ao PROF-FILO, um farol em minha jornada, ao Departamento de Filosofia, meu guia em um vasto oceano de sabedoria.

Agradeço aos sábios do mestrado que com suas palavras inspiraram meu pensamento: Aldair Andrade, Carlos Rubens, Deodato da Costa, Harald Pinheiro, Nelson Noronha, Pedro Rodolfo e Valcícléia da Costa que abriram as portas para esta dissertação florescer.

Agradeço ao Dr. Deodato da Costa e à Dra. Rosejane Farias que generosamente aceitaram examinar esta jornada e que com sua sabedoria, requintaram este trabalho.

E a todos os que, no futuro, desbravarem estas palavras, meu antecipado agradecimento. Juntos, somos viajantes na busca do conhecimento.

Epígrafe

Aprendi a andar: desde então corro. Aprendi a voar: desde então, não quero ser empurrado para sair do lugar. Agora sou leve, agora voo, agora me vejo abaixo de mim, agora dança um deus através de mim.

(Nietzsche, 2018, Assim falou Zaratustra, p. 33)

RESUMO

Nas trilhas da reflexão e da criação, este trabalho se ergue como um farol a iluminar os horizontes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Amazonas. A essência de sua jornada é propiciar a experiência reflexiva por meio da arte, especificamente da arte trágica, imbuída na filosofia de Nietzsche, que propõe caminhos para uma formação estética da existência. No epicentro dessa busca, desenha-se uma oficina arte-filosófica de análise de textos teatrais. Ela é um convite para os educandos mergulharem nas profundezas do pensamento filosófico. Através dela, almeja-se examinar se o processo de adaptação da tragédia grega “As Bacantes”, realizado em 2013, consegue acender reflexões sobre os intrincados dilemas humanos no palco do mundo. Aqui, a arte se alça como uma ponte para o pensamento filosófico, tornando-se a estrada que conduz ao cultivo de si, promovendo o florescer de uma educação poética e crítica. Os objetivos desdobram-se como fios que tecem o tapete da aprendizagem: a arte como meio de filosofar, a reflexão sobre a existência, a construção de um material didático para inspirar os docentes. A metodologia desta odisseia é a hermenêutica, que, como um sopro de vida, insufla significados nas palavras e nas obras de arte. Dividida em duas partes, a pesquisa teórico-crítica, ancorada na filosofia de Nietzsche, revela a arte trágica como um portal para a afirmação da existência, incitando o pensamento filosófico dos aprendizes. A segunda parte, prático-propositiva, desvenda o processo de análise e adaptação de “As Bacantes” (2013) através das expressões escritas e visuais dos participantes. O propósito deste trabalho ecoa em sua relevância, ao trazer consigo a luz para uma educação que busca respostas em meio às sombras da falta de sentido existencial e do silêncio na aprendizagem. Ele carrega a crença de que a arte e a filosofia podem ser os arquitetos de um projeto educacional que impulsiona a experiência reflexiva dos educandos. O resultado desta epopeia revela que, sim, a arte pode ser a centelha para a formação estética da existência. A jornada dos objetivos é bem-sucedida: a adaptação de “As Bacantes” acende reflexões profundas sobre os dilemas humanos, a arte como meio de filosofar é uma possibilidade de nutrir o “cultivo de si” dos alunos, e um precioso material didático emerge para inspirar os docentes em sua missão de provocar o pensamento filosófico. E assim, nas páginas deste trabalho, a sabedoria de Nietzsche e a magia da arte e da filosofia se entrelaçam, proporcionando aos educadores uma bússola para navegar os mares da educação rumo a horizontes de autenticidade e crescimento.

Palavras-chave: Arte Trágica em Nietzsche. Experiência Reflexiva. Filosofia. EJA.

ABSTRACT

In the trails of reflection and creation, this work stands as a lighthouse to illuminate the horizons of Youth and Adult Education (EJA) in Amazonas. The essence of its journey is to provide a reflective experience through art, specifically tragic art, imbued in Nietzsche's philosophy, which proposes paths for an aesthetic formation of existence. At the epicenter of this search, an art-philosophical workshop of analysis of theatrical texts is drawn. It is an invitation for the learners to dive into the depths of philosophical thought. Through it, it is intended to examine whether the process of adaptation of the Greek tragedy "The Bacchae", carried out in 2013, can ignite reflections on the intricate human dilemmas on the stage of the world. Here, art rises as a bridge to philosophical thought, becoming the road that leads to the cultivation of oneself, promoting the flourishing of a poetic and critical education. The objectives unfold as threads that weave the carpet of learning: art as a means of philosophizing, reflection on existence, construction of a didactic material to inspire teachers. The methodology of this odyssey is hermeneutics, which, like a breath of life, inflates meanings in words and works of art. Divided into two parts, the theoretical-critical research, anchored in Nietzsche's philosophy, reveals tragic art as a portal for the affirmation of existence, inciting the philosophical thought of the learners. The second part, practical-propositional, unveils the process of analysis and adaptation of "The Bacchae" (2013) through the written and visual expressions of the participants. The purpose of this work echoes in its relevance, as it brings with it the light for an education that seeks answers amid the shadows of existential meaninglessness and silence in learning. It carries the belief that art and philosophy can be the architects of an educational project that drives the reflective experience of the learners. The result of this epic reveals that, yes, art can be the spark for the aesthetic formation of existence. The journey of the objectives is successful: the adaptation of "The Bacchae" ignites deep reflections on human dilemmas, art as a means of philosophizing is a possibility of nourishing the "cultivation of oneself" of the students, and a precious didactic material emerges to inspire the teachers in their mission of provoking philosophical thought. And so, in the pages of this work, Nietzsche's wisdom and the magic of art and philosophy intertwine, providing educators with a compass to navigate the seas of education towards horizons of authenticity and growth.

Keywords: Tragic Art in Nietzsche. Reflective Experience. Philosophy. EJA.

LISTA DE ABREVIATURAS

Gostaríamos de esclarecer que optamos por utilizar o título completo das obras de Nietzsche em nossas citações, em vez das siglas habituais. Assim, facilitamos a identificação das obras para os leitores que não estão familiarizados com esse método de referência ao autor.

A: Aurora

BM: Para Além do Bem e do Mal

EH: Ecce Homo

CI: O Crepúsculo dos ídolos

GC: A Gaia Ciência

GM: A Genealogia da Moral

HH I: Humano, Demasiado Humano I

HH II: Humano, Demasiado Humano II

ZA: Assim Falou Zaratustra

VP: A Vontade de Poder

NT: O nascimento da tragédia

LF: O livro do filósofo

VM: Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extramoral

FT: A Filosofia na Era Trágica dos Gregos

DD: Ditirambos de Dionísio

LISTA DE SIGLAS

SEDUC/AM – Secretaria de Estado de Educação do Amazonas

EJA – Educação de Jovens e Adultos

PROF-FILO – Programa de Pós-graduação em Filosofia

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 NIETZSCHE: VIVÊNCIA ESTÉTICA COMO MEIO DE RESSIGNIFICAR A VIDA	28
1.1 O SIM À VIDA NA ARTE TRÁGICA EM NIETZSCHE	31
1.2 CRÍTICA À RAZÃO COMO FONTE DE DESVALORIZAÇÃO DA EXISTÊNCIA	35
1.3 ARTE: EXPERIÊNCIA, EMOÇÃO E IMAGINAÇÃO NO CULTIVO DE SI.....	39
2 SINFONIAS SIMBÓLICAS DA EXISTÊNCIA	48
2.1 SÍMBOLOS: EDUCADORES UNIVERSAIS	49
2.2 DIONÍSO: DEUS DA NATUREZA	52
2.3 A DRAMATURGIA DO POETA EURÍPEDES.....	56
3 O CAMINHO DA PESQUISA: DESAFIOS PARA UMA ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA	60
3.1 CONTEXTO DO PROBLEMA: VAZIO EXISTENCIAL E SILENCIAMENTO DOS ALUNOS DA EJA.....	61
3.2 O MÉTODO: DESVENDANDO O SIGNIFICADO PROFUNDO.....	64
3.3 LÓCUS: ARTE-MYTHOS ESPAÇO DE VIVÊNCIAS E REFLEXÕES... ..	67
3.4 PARTICIPANTES: DITIRAMBOS DA TRAGÉDIA... ..	68
4 O DIÁLOGO ARTE-FILOSÓFICO NAS BACANTES: AS VOZES DOS SUJEITOS DA PESQUISA	73
4.1 A FILOSOFIA DE NIETZSCHE	73
4.2 RODAS DE CONVERSAS REFLEXIVAS.....	74
4.3 EXPLORANDO A TRAGÉDIA GREGA “AS BACANTES”	76
I. Leitura coletivas de As Bacantes.....	76
II. Os símbolos de As Bacantes.....	77
III. Lições a partir da Tragédia	78
4.4 O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO DE “AS BACANTES”	79
I. As Bacantes no tempo presente.....	79
II. Quem podem ser os personagensna na adaptação?	81
III. A escrita da adaptação	82
4.5 O DESPERTAR DA EXPERIÊNCIA REFLEXIVA	83
I. A principal crítica na adaptação.....	83

II. Reflexões escritas dos participantes	84
4.4 ANÁLISE E DISCUSSÃO HERMENÊUTICA DA PRÁTICA DIDÁTICA	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS	93
APÊNDICE 1	97
E-BOOK: ENSINAR FILOSOFIA POR MEIO DA DRAMATURGIA	
APÊNDICE 2	112
E-BOOK – ANÁLISE DE TEXTOS TEATRAIS	
ANEXOS 1.....	124
ADAPTAÇÃO DE AS BACANTES	

INTRODUÇÃO

É chamado de espírito livre aquele que pensa de modo diverso do que se esperaria com base em sua procedência, seu meio, sua posição e função, ou com base nas opiniões que predominam em seu tempo. Ele é a exceção, os espíritos cativos são a regra [...]

(Nietzsche, 2005, Humano, Demasiado Humano I, §225, p. 133)

Figura 1 – Universo em Expansão (2022)



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

A imagem remete-me a tempos de outrora, quando o canto das Mênades¹ ressoaram em meus ouvidos, causando-me um assombro na alma, um espanto tão grande que me permitiu despertar no mundo e vê-lo sob outras perspectivas, levando-me ao caminho da arte, da filosofia e da educação.

Foi aos seis anos, época em que era comum deitar-me no chão do quintal e olhar as estrelas. Mas uma noite, algo curioso aconteceu, e como se de repente não houvesse mais tempo nem espaço, minha imaginação levou-me a vislumbrar uma crescente expansão do céu. E o cosmo foi ficando cada vez maior, e de tão grande, a Terra tornou-se apenas um grão de areia. E vi-me tão minúscula que senti o terror de minha irrelevância diante da grandiosidade do universo. E todo meu corpo tremeu de medo da própria existência, pois naquele momento, a experiência, a emoção e a imaginação mostraram-me a monstruosidade da vida e minha real insignificância dentro dela. (Informação Verbal)²

¹ Mênades: mulheres que cumpriam o culto a Dionísio. [...] Eram conhecidas pela forma quase selvagem de dançar, como se estivessem em transe, ou êxtase, e em concordância com as forças mais primitivas da natureza. (<https://www.significado-definicao.com/Mênades>). Acesso em: 30 maio 2022).

² Relato de uma experiência minha na infância que contribuiu para um novo olhar de estar no mundo. (Escrito em 30/05/2022 em Manaus/AM).

Rememorar este momento tem, primeiramente, o objetivo de explicitar que eu, como educadora, artista e pesquisadora, sou um ser cheio de experiências anteriores à docência. Ao refazer meus passos, vejo que eles me capacitaram a abrir meu olhar para o mundo, para o contexto educacional ao qual estou inserida, para os verdadeiros interesses das instituições de ensino, para a estrutura das escolas, para a diversidade cultural dos discentes e, principalmente, para o que pretendo no processo de ensino-aprendizagem na minha práxis. Neste sentido, a relevância dessas experiências foram fundamentais para a proposta didática que aqui abordarei.

Quando Mnemosyne³ me leva a (re)visitar minha própria história, compreendo a tessitura que me fez educadora, que me levou ao compromisso com o conhecimento e sua transmissão. Vivências que se perderam no tempo, mas não no experienciar, na emoção e na imaginação. Relembra-las traz novas sensações, sonhos, reflexões e pensamentos, pois são experiências estéticas e, nessa perspectiva, estão atreladas a todos os sentidos humanos. Isso, sem deixar de fora a capacidade desses sentidos, ou melhor, dessa linguagem, me renovarem por dentro e, conseqüentemente, o exterior da Terra.

Assim sendo, permitirei que Mnemosyne me guie a diversos momentos e lugares por onde passei com meu pai, militar do exército, que servia nas fronteiras do Brasil. Nessas fronteiras, deitava-me com meus irmãos no chão da floresta, sentia o corpo sobre as folhas secas e o barulho que elas faziam. Olhava as nuvens se transformando em tantas coisas conhecidas e diferentes ao mesmo tempo. Também ouvia o sopro do vento farfalhando as folhas das árvores e passando por mim, por vezes forte e por outras calmo.

Ali, naqueles lugares, existia um cheiro agradável de mato, um barulho nos dizendo que o rio não parava de correr... Eu via animais escondidos a me observarem cautelosos. Então, percebia que a floresta não era parada, ela estava cheia de movimentos e sons. Pássaros cantavam, macacos guinchavam, grilos cricrilavam, insetos zumbiam... Aquilo me conectava com algo desconhecido e agradável. E sem perceber, envolta naquele ambiente, o tempo passava.

³ Mnemosyne: era a deusa da memória, da lembrança. (<https://culturaemmovimento.com.br/o-que-menemosine-a-deusa-da-memoria-pode-fazer-por-nos/>. Acesso em: 30 maio 2022).

Em outros momentos vislumbro os dias em que ouvia o barulho da chuva, forte e incessante, eu e meus irmãos pulávamos e rodávamos, como num louco ritual a sentir seus pingos em nossos corpos. Às vezes, deitava-me de olhos fechados e sentia a água que caía sobre mim, me deixando viva e leve, era incrível o prazer que isso me dava. Apenas a chuva caindo, balançando as árvores, me acariciando, falando uma língua desconhecida que me dizia: "aproveite-me".

Mas em meio a tudo isso, havia algo memorável que minha mãe fazia ao nos colocar para dormir. Sua voz encantatória narrava contos de outros mundos, cheios de mistérios, magias e perigos. E de repente tudo se transformava, a parede do quarto começava a espelhar a história contada, e eu adentrava nela, vivenciando-a com extrema intensidade. Eu havia transposto a parede, estava com todos os sentidos abertos e existia na história, construía o sonho. Isso era fascinante!

Todas essas coisas vêm repletas de uma indescritível beleza, que as palavras não são suficientes para mostrá-las. E sem compreender bem tudo que acontecia, sentia que algo acontecia. Nesse aspecto entendo bem quando Jorge Larrosa diz em sua obra *Tremores: escritos sobre experiência*.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça (2014, p.12).

Um dia, meus pais resolveram vir morar em Manaus, a fim de proporcionar aos filhos acesso à escola e ao conhecimento. A cidade era muito diferente, mas, de certa forma, me propiciou experiências marcantes também. Aconteciam as festas juninas, com fogueiras, bandeirinhas coloridas e as danças de quadrilha. Também havia as bonecas gigantes, Camélia e Jardineira abrindo o Carnaval, quando as ruas eram tomadas por piratas, reis e princesas pulando as modinhas. No entanto, nada se comparava à chegada do circo na Bola da Suframa⁴, era algo deslumbrante! Eles desfilavam com bailarinas em cima de cavalos, elefantes

⁴ Bola da Suframa: em 1972, a então Superintendência da Zona Franca de Manaus - Suframa junto a empresa Conterra, deu início a construção da praça Francisco Pereira da Silva, também conhecida como Bola da Suframa. (<https://idd.org.br/iconografia/praca-francisco-pereira-da-silva-a-bola-da-suframa/>). Acesso em: 03 jun. 2022).

enfeitados, leões com domadores e os maravilhosos palhaços que me levavam ao choro de tanto rir. Ali havia um encanto inenarrável.

Mas de alguma forma, tudo aquilo foi desaparecendo, e em minha adolescência, o mundo parecia ter perdido o sentido. Um vazio profundo tomou conta do meu coração, pois o mundo mostrava-se tão bruto, sem alegria, sem vida. Sentia que algo havia se perdido, como o filósofo Benjamin, em seu escrito *O Narrador*, entendeu em seu tempo:

De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com a sua loquacidade, em histórias; muitas vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a pais e netos. Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência? (1987, p. 114).

Percebendo a tristeza em que eu me encontrava, minha mãe realizou um ato inesperado para a época: matriculou-me em um curso de teatro e, posteriormente, em um curso de dança. Assim, o canto das Musas⁵ chegou efetivamente em 1980, com a professora Socorro Langbeck⁶ (teatro), e em 1986, com a professora Conceição Souza⁷ (dança), docentes contratadas pela Secretaria de Educação e Cultura (Fundação Cultural do Amazonas). Desta forma, posso dizer que as experiências com as artes cênicas criaram novos cantos artísticos: “Não existe, na tradição, uma ideia de experiência [...]. Porém, o que sem dúvida temos é [...] cantos de experiência. Cantos apaixonados, intensos, prementes, emocionados e emocionantes [...]” (Larrosa, 2014, p. 4).

⁵ Musas: figura feminina da mitologia grega, fonte de inspiração nas artes ou ciências. (<https://www.significados.com.br/musa/>. Acesso: 03 jun. 2022).

⁶ Socorro Langbeck: estudou cinema na USP, onde se debruçou nos estudos de cinema marginal, sendo inclusive aluna de Ismail Xavier e Jean-Claude Bernadet. Escreveu várias peças de teatro, na tradição do Teatro Infantil e também da Comédia. Considera o Grito o melhor grupo de que ela participou, que a levou a grandes montagens. (<https://casaraodeideias.com.br/de-menino-jesus-a-sganzerla-um-furacao-de-sinceridade/>. Acesso: 05 jun. 2023)

⁷ Conceição Souza: foi aluna de Adair de Palma e José Rezende antes de ir para o Rio de Janeiro ampliar seus estudos e dança. É formada em educação física pela Universidade Federal do Amazonas. Em 1979, frequentou aulas de dança na Escola Ismael Guiser /SP e no Balé Estágio onde experienciou alguns estilos de dança. Ao retornar para Manaus em 1980, criou o Grupo Dança Viva, e com ele, a dança contemporânea no Amazonas. (<https://cdnsesc.azureedge.net/assets/2023/04/AHISTORIOGRAFIADADANCANOAMAZONAS.pdf>. Acesso: 05 jun. 2023).

Eu tinha exatamente 14 anos quando iniciei nos ritos do teatro. Eu ouvi as três pancadas na madeira⁸, a cortina se abrindo e entrei na carroça do teatro popular, enfeitada de tecidos, fitas coloridas, bonecos e adereços. Assim, minha alma floresceu em variados personagens nos inúmeros grupos teatrais e de dança em que trabalhei, como: Grupo Grito, Grupo Evolução, Grupo Pombal, Grupo Dança Viva, Grupo Vitória-Régia, Grupo Tempo, Grupo de Teatro e Dança Origem, Grupo de Dança Uatê, Grupo Amazônia Arte-Mythos e outros.

Como atriz, bailarina, encenadora e dramaturga, caminhei em diversas linguagens e técnicas nos incontáveis cursos e oficinas em que participei, absorvendo os processos artísticos que cada mestre me ensinou. O Teatro Amazonas⁹ sempre foi minha casa, na qual apresento vários espetáculos, mas os espaços alternativos e a rua são especiais, como: o Espaço Jiquitaia, A Casa de Luz, o Sítio Nonato Tavares¹⁰, os espaços itinerantes de Francisco Cardoso¹¹ e tantos outros.

Tudo isso acontecendo nas décadas de 80 e 90, onde me dediquei exclusivamente a plantar sementes de arte e encantamento. Lembro-me que o acesso ao sítio Nonato Tavares só era possível de carona com amigos, uma jornada que nos levava ao coração da floresta. Ali, uma trilha serpenteava pela mata, e à noite, havia inúmeros vaga-lumes iluminando o caminho, era lindo contemplar. À frente, entre árvores majestosas, erguia-se a casa de madeira, o centro de nossa criação cênica, onde livros eram devorados e bonecos ganhavam vida.

⁸ Três pancadas na madeira: o dramaturgo francês, ator e encenador Jean-Baptiste Poquelin, mais conhecido como Molière, deu origem ao método mais conhecido para acalmar a plateia e avisar que o espetáculo iria começar. Com uma batuta ou um pedaço de madeira, ele dava três pancadas em sequência. (<https://www.spescoladeteatro.org.br/noticia/ponto-terceiro-sinal>. Acesso em: 18 jun. 2022).

⁹ Teatro Amazonas: principal símbolo cultural e arquitetônico do Estado, [...] localizado no Largo de São Sebastião, no Centro de Manaus, mantém viva boa parte da história do ciclo da borracha, época áurea da capital amazonense. Inaugurado no dia 31 de dezembro de 1896, o Teatro surpreende e encanta pela imponência. (<https://cultura.am.gov.br/espacos-culturais/teatros/teatro-amazonas/>. Acesso: 19 jun. 2022).

¹⁰ Nonato Tavares: o mestre mais importante das artes cênicas amazônicas, fundador da companhia de teatro Vitória Régia, ator, diretor e cenógrafo. (<https://amazonasatual.com.br/biografia-conta-historia-de-nonato-tavares-e-do-teatro-da-vitoria-regia/>. Acesso: 05 jun. 2023).

¹¹ Francisco Cardoso, diretor de teatro, dramaturgo, artista plástico, folclorista, diretor do Corpo de Dança do Teatro Amazonas e um dos fundadores da Federação de Teatro do Amazonas (FETAM). Também diretor do Grupo de Teatro e Dança Origem, um dos grupos mais importantes e premiados do Amazonas. O teatrólogo atuou como carnavalesco na Reino Unido da Liberdade, que foi campeã em três Carnavais. Além disso, marcou história como diretor artístico do Festival de Parintins, atuando no Boi Garantido e no Boi Caprichoso.

Evoco também em minha mente a Casa de Luz, o tambor ritmado, as velas acesas mostrando o caminho, os índios dançando seus rituais. Havia penumbra, luz e escuridão; a roda estava pronta e logo eu interpretaria a Cobra Surucucu, a mais pingüça do rio Tiquié¹². Assim, quebrei barreiras e viajei aos Festivais de Teatro que aconteciam nos estados brasileiros; em alguns fracassei, em outros fui beneficiada com indicações e prêmios, aos quais recebi com muita modéstia.

Já os espaços itinerantes de Francisco Cardoso, eram como o vento em movimento, sem dúvida o artista mais criativo e talentoso do Amazonas. Sob sua orientação, eu absorvia a arte da encenação, onde dramaturgias ganhavam vida, músicas eram criadas, adereços nasciam de nossas mãos criativas, filmes e livros desfilavam em debates profundos e a poesia dos grandes mestres sempre ecoava. Tudo fluía em uma sinergia encantadora, me levando à dimensões além da compreensão humana, onde o próprio ato criativo se tornava uma odisseia inesquecível.

No Teatro de Rua, nada era previsível. O contato direto com o público, interagindo com os atores, nos levava ao auge da improvisação. A qual dominei através de minha paixão pela leitura, um presente da minha mãe ao me alfabetizar. Quando entrei na escola, ganhei o exemplar de “Caminho Suave” que se tornou meu companheiro, repleto de narrativas curtas e encantadoras. A partir daquele momento, comecei minha jornada pela biblioteca escolar, onde me embriagava com poemas, contos e fábulas, ao mesmo tempo, absorvia conhecimento em geografia, história e outras disciplinas.

No universo do teatro, desbravei a dramaturgia, mergulhando nas obras de mestres como William Shakespeare, Molière, Ésquilo, Sófocles, Eurípedes, Ionesco, Nelson Rodrigues, Dias Gomes, Plínio Marcos, e tantos outros. Paralelamente, cultivei uma conexão profunda com a literatura, explorando as páginas de “Ilíada” e “Odisseia” de Homero, “A Divina Comédia” de Dante Alighieri, “Dom Quixote” de Miguel de Cervantes, “Fausto” de Goethe, “Orgulho e Preconceito” de Jane Austen, “Frankenstein” de Mary Shelley, “O Retrato de Dorian Gray” de Oscar Wilde, entre inúmeras outras obras literárias.

¹² Tiquié: rio próximo à tribo Desana, localizada no Amazonas. (<https://periodicoscientificos.ufmt.br/>. Acesso: 19 jun. 2022).

Foi por meio dessas palavras impressas que as letras ganharam vida e eu comecei a descobrir minha própria forma de escrever poesias, contos e ensaios, liberando-me para expressar pensamentos. A leitura, de fato, transformou minha existência, enriquecendo minha alma com um tesouro cultural inestimável.

No entanto, foi o teatro que me concedeu a voz necessária para dar vida às minhas próprias palavras e conectar minhas ideias com o mundo ao meu redor. Eis porque o Teatro de Rua resplandece com tanto vigor e estímulo para aqueles que o testemunham. Naquele cenário, surge uma forma única de diálogo, onde atores e público reúnem suas histórias e palavras, e onde todos são acolhidos, independente de idade, posição social ou cultural. É um espetáculo que transcende os limites da arte e abraça a diversidade humana.

Figura 2 – Teatro de Rua (1986)



Fonte: Acervo Pessoal — Narda Telles e Gabriel Albuquerque

Este breve relato da minha trajetória tem a finalidade de que se entenda o caminho que tenho traçado até o momento, no sentido de esclarecer que meu interesse pelo tema desta pesquisa está ligado a uma vida inteira com as artes cênicas, a educação e o pensamento crítico.

Não se trata de um saudosismo, mas busco esclarecer a influência dessas experiências em minha construção humana, em minha escolha pela educação, pela filosofia, pela arte e pela vida. Vivências estéticas tão profundas e importantes

em minha formação, mas que não vislumbro semelhantes na vivência de meus alunos jovens e adultos. Isso me preocupa, pois vejo em suas atitudes apenas um olhar vazio e um silêncio debilitado. Então, passei a crer na necessidade de lhes possibilitar experiências mais enriquecedoras, e que Zéfiro¹³ ecoasse seus cantos por todos os espaços, para assim, quem sabe, suplantar a situação que percebia em sala de aula.

O outro objetivo de rememorar o acontecimento descrito no início da introdução é que o espanto e terror causado por aquela experiência também me levaram ao trágico. O qual em 1994, reencontrei no Curso de Licenciatura em Filosofia na Universidade Federal do Amazonas, na leitura das tragédias, no entender do universo mitológico grego e entre tantos filósofos que estudei, como Nietzsche. A “arte trágica”¹⁴ e seu poder de refletir as bases morais e culturais da sociedade era algo profundamente potente. Assim como o mito, que ao transpor o pensamento costumeiro, coloca-nos diante de profundas questões humanas.

Após a conclusão do Curso de Filosofia, retornei às minhas atividades docentes como professora de Teatro. Eu exercia essa função de maneira informal desde 1990, realizando diversos projetos artísticos. Em 1996, comecei a lecionar de maneira formal a disciplina Educação Artística em escolas particulares, desenvolvendo projetos de arte-educação. No entanto, ao longo dos anos, pude perceber que temas fundamentais à formação sensível e crítica dos indivíduos estavam sendo negligenciados pelas instituições educacionais, como a literatura, a arte, a filosofia, a história, entre outros. Esse cenário resultava em uma formação deficiente, refletida no elevado déficit de aprendizado dos alunos.

Na procura de alternativas para reviver um currículo empobrecido e incapaz de desenvolver o senso crítico, em 2013, propus ao meu amigo Paulo de Queiroz Martins¹⁵, formado em arte, que criássemos um projeto arte-filosófico. Assim, concebemos o “Tragecontemporâneo”, no qual buscamos levar os alunos a uma experiência artística profunda, por meio da montagem teatral de tragédias gregas,

¹³ Zéfiro: era um dos quatro ventos segundo a mitologia grega, como uma brisa suave e um vento agradável. (<https://brasilescola.uol.com.br/mitologia/zefiro.htm>. Acesso: 20 jun. 2022).

¹⁴ A arte trágica é uma maneira do homem grego interpretar o mundo. Apolo é integrado a Dionísio, ambos como forças imanentes! Isso opõe-se com todas as forças aos ideais moralistas e dogmáticos. (<https://www.ex-isto.com/2021/03/arte-e-afirmacao-da-vida.html>. Acesso: 21 jun. 2022).

¹⁵ Paulo Queiroz é ator, diretor, professor, dramaturgo e produtor cultural. Formado em Teatro pela UEA, possui especialização em Gestão e Produção Cultural e mestrado em Artes pela UFAM. Foi conselheiro municipal de cultura e delegado do Amazonas no CNPC-Minc.

como “Medéia”, “Prometheu”, “Antígona” e “As Bacantes”. Esse projeto foi direcionado a jovens e adultos de instituições educativas e culturais da cidade de Manaus, com o intuito de que realizassem uma experiência artística que desencadearia uma reflexão profunda e crítica sobre suas vidas e o mundo.

Em 2016, abracei o papel de professora de Filosofia na Secretaria de Estado de Educação do Amazonas — SEDUC/AM, na modalidade da Educação de Jovens e Adultos — EJA. Esse ensino é projetado para conceder oportunidades àqueles que não puderam completar sua jornada educacional durante o período convencional do ensino regular. Às vezes, a sociedade enxerga esses alunos como portadores de lacunas de conhecimento insuperáveis. Entretanto, inspirada pela visão de Paulo Freire, compreendi que essa postura docente autoritária não é a resposta adequada.

Na verdade, para que a afirmação ‘quem sabe, ensina a quem não sabe’ se recupere de seu caráter autoritário, é preciso que quem sabe saiba sobretudo que ninguém sabe tudo e que ninguém tudo ignora. O educador, como quem sabe, precisa reconhecer, primeiro, nos educandos em processo de saber mais, os sujeitos, com ele, deste processo e não pacientes acomodados; segundo, reconhecer que o conhecimento não é um dado aí, algo imobilizado, concluído, terminado, a ser transferido por quem o adquiriu a quem ainda não o possui (2017a, p. 31).

Ao adentrar a sala de aula da EJA na primeira semana, deparei-me com alguns alunos desvanecidos e silenciosos. Suas vozes se calavam, perguntas não eram feitas e opiniões permaneciam aprisionadas em um mudo silêncio. “O problema do ajustamento e da acomodação se vincula ao do mutismo [...]. Na verdade, no ajustamento, o homem não dialoga. Não participa. Pelo contrário, se acomoda a determinações que se superpõem a ele” (Freire, 2014b, p. 85), as palavras de Freire, delineavam aquele cenário.

Logo, vi que a vida escolar que eles haviam tido foi ajustadora, levando-os a uma existência esvaziada e alienada. Eu mesma havia caminhado por trilhas semelhantes. Minha jornada na escola começou aos oito anos, em 1974, auge da ditadura militar. Seguíamos obedientemente o que os professores nos ensinavam, memorizávamos letras e tabelas de multiplicação, todos temiam a palmatória, e até nossos desenhos eram cópias de cópias, nada surgia da nossa própria imaginação.

Entretanto, quando submetida a esse sistema, eu seguia as regras, realizava as tarefas, tirava boas notas e não ousava questionar nada. Meu único objetivo era corresponder às expectativas de meus pais, professores e da sociedade. Eu não conhecia a liberdade criativa. O recreio, porém, era um oásis de alegria naquele ambiente escolar. Brincávamos de roda, de pega-pega, de cabra-cega, de amarelinha e de outros jogos.

Creio que não fui totalmente consumida por esse condicionamento escolar, graças aos saberes que explorava em minha casa com meus pais e avós. Saberes simples, mas que despertavam em mim e em meus irmãos uma fome insaciável de aprendizado e descoberta. Isso, sem dúvida, se tornou um escudo contra a padronização imposta pela escola. Tive sorte, mas meus alunos não compartilhavam desse entusiasmo. Eles demonstravam uma falta de vontade para executar qualquer tarefa, obter boas notas ou até mesmo se expressar.

Percebi, então, a urgência de uma abordagem que os impulsionassem a transcender aquela realidade. Estavam tão enraizados naquela conformidade que haviam perdido a habilidade de compartilhar suas experiências. Walter Benjamin já observava essa problemática em sua época e alertava sobre essa situação, que, ousaria dizer, expandiu-se até os tempos atuais.

Aqui se revela, com toda clareza, que nossa pobreza de experiências é apenas uma parte da grande pobreza que recebeu novamente um rosto, nítido e preciso como o do mendigo medieval. Pois qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós? A horrível mixórdia de estilos e concepções do mundo do século passado mostrou-nos com tanta clareza aonde esses valores culturais podem nos conduzir, quando a experiência nos é subtraída, hipócrita ou sorrateiramente, que é hoje em dia uma prova de honradez confessar nossa pobreza. Sim, é preferível confessar que essa pobreza de experiência não é mais privada, mas de toda a humanidade [...] (1987, p.115).

Eis aqui um diagnóstico crítico da condição da cultura e da experiência humana na modernidade. Para Benjamin, a pobreza de experiência nos priva de um rico patrimônio cultural que outrora pulsava com vitalidade e significado. O filósofo alerta com fervor que é imperativo considerar essa pobreza e não nos iludirmos com os valores culturais falsos que nos são impostos pela indústria cultural e pelo avanço tecnológico. Ele nos convoca a adotar uma nova forma de experiência, enraizada na imaginação, na memória e na crítica, capaz de resgatar o sentido perdido e de resistir às garras da barbárie.

Essa reflexão me levou a recordar como meu contato com a arte contribuiu em minhas experiências. Afinal, a beleza e a riqueza das expressões artísticas, seja na pintura, na música, no teatro, na dança, na literatura ou no cinema, sempre me surpreendiam e emocionavam. Em cada uma delas, encontrei histórias, cores, sons, gestos e palavras que carregavam significados profundos. Foi aí que me encontrei e floresci, imersa em um mar de emoções, sentimentos, pensamentos e ideias sobre ser e existir neste vasto mundo.

Isso me impulsionou a abraçar a arte como minha vocação e a acreditar no papel fundamental que ela desempenha no processo de aprendizagem e desenvolvimento do pensamento crítico. Pois a arte é uma força que mobiliza não só o corpo, mas também a mente, tornando-se uma via essencial para superar o silêncio e a apatia que por vezes aprisionam alguns estudantes da EJA. Pois é fato: eles também possuem experiências. Experiências que transcendem o prático e o tangível, que necessitam ser compartilhadas e enriquecidas, inspirando-os a voltar à escola após abandoná-la ou pensar em desistir dela.

Portanto, perceber a importância das experiências, esse intrincado enigma, auxilia o docente a criar estratégias de promover um aprendizado que transcenda a mera formação para o mercado de trabalho, que ultrapasse os mecanismos da máquina, que se preocupe profundamente com o caminho de aprendizagem de cada aluno.

Isso se tornou prioridade para mim, pois com o passar do tempo, uma verdade cruel se revelou diante de meus olhos na EJA. Meus alunos passaram pela escola sem jamais terem desbravado as páginas de um livro, mergulhado nas entrelinhas de uma poesia ou se perdido em um conto. Além disso, o mundo da música era um território inexplorado, o cinema era uma paisagem remota e as histórias contadas pelos avós permaneciam ocultas em uma penumbra de desinteresse.

Esta situação me remeteu às palavras de Pedro Segato (2017) em seu ensaio *A importância da literatura para o estudo de filosofia*: “Estudar filosofia sem ter no imaginário uma boa quantidade de experiências já trabalhadas literariamente é tentar raciocinar sem os materiais necessários.” Compreendi, como um lampejo, a profundidade dessa afirmação. Minha jornada como educadora me ensinou que, por mais que me esforçasse para explicar as teorias filosóficas, isso não os capacitava a pensar por si.

Era evidente a falta de vivências enriquecedoras em suas existências. Essa ausência parecia ser intencional, com o objetivo de manter os alunos como trabalhadores insensíveis e acríticos. Uma privação que os impedia de ter experiências enriquecedoras que lhes proporcionassem a abstração necessária para compreender e explorar questões filosóficas e, assim, talvez, libertarem-se da alienação imposta pelo mercado global.

É neste ponto que Nietzsche observava o ensino em sua época, ele via que na sombra das palavras, onde os pensamentos dançam como folhas ao vento, encontrava-se uma lacuna, uma falta, que não permitia ao estudante sua própria expressão. É o que fica claro quando Rosa Maria Dias, em *Nietzsche Educador*, explicita:

Nietzsche critica principalmente o 'método acroamático', considerando inaceitável que um ensino se caracterize essencialmente pela exposição oral do professor e pela participação pouco expressiva do aluno. Tampouco concorda com a maneira como são tratadas a arte e a filosofia, já que essas disciplinas não têm como fazer frente à tendência cientificista que vigora na universidade, pois se encontram dominadas pela 'ciência histórica'. Para ele, nem o *Gymnasium* nem a universidade podem ser considerados instituições que promovam a cultura, porque não formam indivíduos aptos a exercer plenamente todas as potencialidades de seu espírito, nem capazes de combater a barbárie na cultura (1991a, p. 17).

Como percebemos, o ensino que emudece não é um dilema novo, mas persiste, como uma escuridão que perdura nos recantos do presente. Enquanto educadores, nossa missão é desafiar essa escuridão, trazendo à tona a luz do conhecimento, da arte e da reflexão, para que cada aluno possa se tornar um ser humano pleno de possibilidades.

Nesse aspecto, a educação que enriquece o espírito e humaniza, encontra seu jardim basicamente na arte e na filosofia, lâminas afiadas que questionam e desafiam tudo. Através da criação artística, os aprendizes exploram as vozes que ecoam em suas almas, abraçam identidades e enfrentam as estruturas opressivas que teimam em aprisioná-los. E assim, dão vida a sua aspiração de "ser quem se é" e de refletir sobre a vida. A arte e a filosofia, neste contexto, se erguem como uma manifestação concreta de liberdade e transformação.

Então, quando ingressei no Programa de Pós-graduação em Filosofia, Mestrado Profissional PROF-FILO, em 2022, escolhi a linha de pesquisa Práticas de Ensino de Filosofia: Artes e o Ensino de Filosofia, visando contribuir com o

ensino da filosofia na 9ª Etapa da EJA, onde os alunos têm seu primeiro contato com a disciplina. Com esse intuito, meu olhar se voltou para o projeto “Tragecontemporâneo”, uma fusão íntima entre arte e filosofia, mais especificamente, o processo de análise e adaptação da peça “As Bacantes”, ocorrido em 2013.

A escolha desse caminho se fundamentou em dois pilares sólidos. Primeiramente, a análise de textos filosóficos, uma jornada que requer investigação profunda e interpretação meticulosa. É uma busca pela essência das ideias, argumentos e conceitos que povoam um texto, uma busca por significado e relevância filosófica, uma exploração das trilhas da consistência lógica e coerência das ideias.

Em segundo lugar, a análise de textos teatrais, uma exploração crítica e interpretativa das palavras que dançam no papel. Diálogos, cenários, personagens, e a linguagem como fios que entrelaçam significados. Aqui, busca-se compreender as intenções e mensagens ocultas, desvendando a essência profunda da obra teatral.

No âmago desse processo interligado, encontra-se a filosofia de Nietzsche, como um farol que lança luz sobre as questões atuais. Um pensador que escava o niilismo, questiona a moral tradicional e busca novas formas de ser. Foi este alicerce que sustentou a criação do texto adaptado “As Bacantes” (2013), refletindo os dilemas contemporâneos.

Vale frisar que o cerne nesse processo não é a transmissão dos conteúdos filosóficos curriculares, e sim, promover um ensino de filosofia na EJA sustentado por uma vivência artística capaz de estimular a experiência do próprio pensamento reflexivo e crítico dos alunos. Afinal, a arte, é um meio eficaz de provocar reflexões críticas, abrindo caminho para a elaboração de conceitos da filosofia. Essas são as sementes que desejo plantar no solo fértil das mentes jovens e adultas.

Por conseguinte, quero deixar claro que não é minha pretensão apresentar uma didática inovadora, porque não o é. Pretendo apenas compartilhar um dos caminhos que percorro até hoje. “Minha tarefa, de uma maneira geral: mostrar como a vida, a filosofia e a arte podem ter uma para com a outra uma relação de profundo parentesco, sem que a filosofia se torne chata nem a vida do filósofo mentirosa” (Nietzsche, 2007, O Livro do Filósofo, § 193, p.106).

Isso posto, explico que o problema desta dissertação reside na investigação de como a arte trágica de Nietzsche, em diálogo com o texto *As Bacantes*, pode favorecer o desenvolvimento criativo e crítico dos alunos da EJA, em um cenário de silenciamento e apatia. Portanto, a relevância deste trabalho se manifesta na urgência de criar métodos de ensino que nutram o sentido da vida educacional do discente, permitindo o autoconhecimento, a visão positiva da existência e o aprendizado filosófico.

Neste sentido, a finalidade desta pesquisa é criar uma prática didática para que o professor viabilize ao educando uma experiência artística extremamente profunda, capaz de abrir seu olhar para o novo, descortinando o manto que encobre sua visão. Neste percurso, alicercei-me em três pilares analíticos: a arte trágica em Nietzsche, a experiência reflexiva e a filosofia na EJA. São categorias que dançam em harmonia com o pensamento de Nietzsche (2005, 2007, 2008, 2011, 2017, 2018, 2019, 2020), principal mestre que ilumina nosso caminho.

A pesquisa se divide em duas partes que se entrelaçam, como o verso e a melodia em uma canção. A primeira é a busca teórica e crítica, um mergulho nas páginas e entrelinhas dos pensadores que nos guiam nessa jornada. A segunda é a prática-propositiva, onde analisamos o processo de estudo e adaptação da peça “*As Bacantes*” (2013).

Assim sendo, este trabalho foi dividido em quatro capítulos, como atos de uma peça teatral, traçando no palco esta trilha intelectual:

No primeiro ato, adentramos nas profundezas do pensamento de Nietzsche, investigando a arte trágica que desafia o niilismo, realizando uma imersão no universo imaginário onde arte, ciência, filosofia e a própria essência humana se unem. Neste seguimento, exploramos as origens de suas críticas à filosofia de Sócrates, Platão e ao Cristianismo como meios de modelar os indivíduos, levando-os a negar sua própria vivência. Discutimos, portanto, a necessidade de uma autodescoberta para alcançar a condição de um ser livre, possibilitando experimentar e afirmar tanto as dores quanto as alegrias do mundo.

No segundo ato, exploramos o caráter didático dos símbolos, que transmitem conhecimentos, valores e ensinamentos fundamentais por meio de mitos transcendentais. Nesse sentido, vamos nos concentrar no mito de Dionísio, o deus do teatro na Grécia Antiga, e na obra de Eurípedes “*As Bacantes*”, na qual o próprio deus desempenha o papel principal na tragédia grega.

No terceiro ato, descrevemos a metodologia que guia nossos passos, delineando o problema, traçando objetivos, escolhendo o cenário e os atores desse drama. Nesse contexto, a metodologia epistemológica empregada foi a hermenêutica, que se destaca por sua ênfase na interpretação profunda e contextualizada, permitindo uma compreensão mais rica e significativa das obras, ideias e conceitos filosóficos, enriquecendo a experiência de aprendizado e incentivando a reflexão crítica.

No quarto ato, levantamos o pano e nos deparamos com a adaptação da tragédia grega “As Bacantes” (2013), que foi analisada e interpretada. O palco se encheu de vida, e o resultado foi um material didático, uma porta para que os docentes da EJA pudessem trilhar conscientemente, com seus alunos, o caminho do conhecimento. Foi o momento em que os sujeitos, com os corações ansiosos pela descoberta, aguardavam nos bastidores, prontos para entrar em cena.

Por fim, agora abrimos as cortinas para Nietzsche, o filósofo que desafia convenções, o devaneador que nos convida a repensar a existência. Seu pensamento é o ator principal deste espetáculo, e nós, os espectadores, aguardamos ansiosos por suas revelações e seus segredos.

CAPÍTULO I

1. NIETZSCHE: VIVÊNCIA ESTÉTICA COMO MEIO DE RESSIGNIFICAR A VIDA

A felicidade do homem que conhece aumenta a beleza do mundo e torna mais ensolarado tudo o que há; o conhecimento põe sua beleza não só em torno das coisas, mas, com o tempo, nas coisas; — que a humanidade vindoura dê testemunho dessa afirmação!

(Nietzsche, 2017, Aurora, §550, p. 227–228)

Neste capítulo, exploraremos a profunda relevância da arte na tapeçaria da existência, à luz de Nietzsche. O filósofo que ousou sonhar com um mundo novo e nos conclamou a superar as limitações estreitas que nos aprisionam. Em sua visão, a arte trágica emerge como um guia, orientando-nos a encarar a dor e o infortúnio, oferecendo-nos uma clareza íntima de nossa própria essência. Nietzsche nos desafia a desobedecer às convenções da razão e aos padrões tradicionais de pensamento, enquanto nos encoraja a abraçar a intuição, a emoção e a imaginação como vias de uma experiência criativa de “ser o que se é”.

Figura 3 – As Bacantes: Arena trágica do teatro grego (2013)



Fonte: Acervo Arte-Mythos

Primeiramente, anunciamos aqui, uma cena da adaptação da peça teatral “As Bacantes” (2013), urdida pelas mãos jovens e adultas dos participantes. No centro do palco, como uma estrela solitária no firmamento, repousa o corpo

destruído de Penteu, dilacerado pelas Mênades em sua fúria divina. Eis a batalha épica entre a razão e a paixão, desdobrando-se diante dos olhos atônitos dos espectadores, como um sonho vívido. Penteu, o monarca da lógica e da ordem, curva-se perante a sedução de Dionísio, o deus dos excessos e êxtases. A paixão, como um fogo avassalador, triunfa sobre a fria lógica, demonstrando seu poder destrutivo, capaz de derrubar até o mais imponente dos homens.

A imagem também retrata a insanidade que se apodera das Mênades e de Agave, a mãe enlouquecida de Penteu. Desorientadas, elas despedaçam o corpo do rei com garras e presas, sem reconhecer na vítima seu parente ou monarca. A loucura, teia recorrente na tragédia grega, personifica as forças do caos e da aniquilação, que espreitam a harmonia e a civilização, como sombras eternas.

Ao contemplar esta cena, somos levados a refletir sobre os valores que costuram o tecido de nossas vidas. A razão, que nos guia e nos organiza com mão firme, mas também nos confina em suas teias. A paixão, que nos incendeia com chamas ardentes, mas que também nos cega como labaredas vorazes. A loucura, que nos desafia e transforma, mas que também nos adultera e devora.

Assim, fazemos uma ligação entre esta imagem e o processo do artista, um ser que nasce e morre a cada obra. Nesse cenário, Nietzsche surge como um filósofo-artista, um pensador que dança nos limites do pensamento. Afinal, ele nasceu na sombra da morte, mas almejou a luz da vida. Cresceu sob o manto da fé, mas ergueu a voz contra os dogmas da religião. Estudou as línguas antigas, mas criou novas linguagens para o pensamento. Sofreu com a doença, mas recusou-se a se entregar ao abismo do niilismo. Ele foi Friedrich Nietzsche, o filósofo que ousou dizer que Deus está morto e que o homem deve se tornar um super-homem.

Seu pensamento, como uma espada amolada, perfurou os pilares do Ocidente, desafiando a fé que oprime, a razão que limita, a moral que escraviza. Ele cantou uma ode à vida, ao poder que a anima, ao herói que a transcende, à virtude que a renova, ao ciclo que a eterniza. Contemplou a beleza trágica, onde sol e vinho juntam-se, mente e corpo dançam em harmonia, forma e êxtase se amalgamam em sensação e razão libertadora.

Ele mostrou que a vida é uma força inexorável que merece ser refletida no espelho da arte, pois é uma obra-prima em constante evolução. Esse raciocínio

remeteu-nos a um mito relatado por Ítalo Calvino que, de forma metafórica, ilustra essa ideia.

O único herói capaz de decepar a cabeça da Medusa é Perseu, que voa com sandálias aladas; Perseu, que não volta jamais o olhar para a face da Górgona, mas apenas para a imagem que vê refletida em seu escudo de bronze. [...] Para decepar a cabeça da Medusa sem se deixar petrificar, Perseu se sustenta sobre o que há de mais leve, as nuvens e o vento; e dirige o olhar para aquilo que só pode se revelar por uma visão indireta, por uma imagem capturada no espelho. [...] A relação entre Perseu e a Górgona é complexa: não termina com a decapitação do monstro. Do sangue da Medusa nasce um cavalo alado, Pégaso; o peso da pedra pode reverter em seu contrário; de uma patada, Pégaso faz jorrar no monte Hélicon a fonte em que as Musas irão beber (1990, p.11–12).

O mito de *Perseu e Medusa*, desvenda o intrincado relacionamento humano com um mundo muitas vezes hediondo e aterrorizante, tão semelhante ao rosto petrificador da Górgona. Perseu, audacioso e destemido, enfrenta essa visão apavorante sem ceder ao medo ou à tristeza, encarando-a através do escudo de metal polido. Neste espelho frio, o mundo se refrata em uma imagem diferente e mais bela, como se a própria realidade pudesse ser remodelada pela lente da percepção.

Contemplem a transformação mágica que emerge desse confronto. Do sangue vertido pelo monstro, brota Pégaso, a personificação da liberdade, da criatividade e da expressão. Pégaso, alado e majestoso, navega pelos céus e inspira as Musas, deusas da poesia e das artes. E assim, o que era grotesco e terrível se metamorfoseia em beleza e inspiração, como a dança das estrelas no firmamento noturno.

Eis, então, que a arte, em seu magnífico resplendor, transmuta o vil em nobre, o pesado em leve, o sangue em água pura. Nietzsche (2008, *Ecce Homo*), o filósofo das profundezas, nos adverte que a vida, quando encarada diretamente, petrifica a alma, lançando-a na rigidez da pedra. Por isso, ele nos convoca a vivenciá-la através do espelho da estética, onde encontramos sentido em nossa existência. Aqui, nas dobras do pensamento, o filósofo alemão clama pela celebração do espírito dionisíaco, a encarnação da arte, da festa, da alegria e da emoção. Ele ergue a voz contra a racionalidade que aprisiona e impede o homem de “tornar-se o que ele é”.

O espírito dionisíaco, como um rio selvagem, permite ao sujeito mergulhar nos abismos da natureza e abraçar suas forças vitais, sem as amarras da lógica e da moral. Na experiência artística, nas pinceladas da expressão, nas notas da música, encontramos o antídoto para a petrificação do íntimo, mas não na total loucura ou controle, e sim na medida de ambos. É aqui que podemos ousar dizer “sim à vida”, com todas as suas dores e delícias, como um artista que esculpe sua própria realidade no barro da existência.

1.1 O SIM À VIDA NA ARTE TRÁGICA EM NIETZSCHE

Nesse sentido tenho o direito de considerar-me o primeiro filósofo trágico — ou seja, o extremo oposto e antípoda de um filósofo pessimista. Antes de mim não há essa transposição do dionisíaco em um pathos filosófico: falta a sabedoria trágica

(Nietzsche, 2008, Ecce Homo, §3, p. 53)

Figura 4 – As Bacantes: Coro em êxtase (2013)



Fonte: Acervo Arte-Mythos

Na cena, os participantes alçam seus braços em direção aos céus, como se buscassem tocar o éter, a luz do sol. Seus semblantes refletem intensidade e devoção, um verdadeiro bailado de deslumbre e inspiração. Entregam-se à paixão e à emoção, fundindo-se em um círculo que simboliza a comunhão e a fraternidade, desprendendo-se das correntes das convenções e das regras.

No entanto, há também um traço apolíneo nessa imagem, pois eles se expressam através da arte e da razão, delineando-se em uma forma geométrica que ecoa a ordem e a harmonia da natureza. É um convite irrecusável para nos unirmos ao êxtase dionisíaco e apolíneo, para sentir com eles a força avassaladora da paixão e a beleza da razão, para ponderar, lado a lado, sobre os valores que governam nossas existências e, juntos, compor novos prismas para contemplar e sentir o mundo.

É nesse âmbito, que essa efígie ecoa em *O Nascimento da Tragédia*, momento em que Nietzsche voltou o olhar aos recônditos tempos da Grécia. Ali, ele desvelou dois impulsos estéticos que pulsavam na própria essência da natureza, alheios à influência humana. Juntos, eles concediam aos helênicos o dom de explorar a existência em toda a sua plenitude.

A espécie de homens que melhor vingou até agora, a mais bela, mais invejada, a que mais seduz para a vida, os gregos? — Como? Justamente eles necessitavam da tragédia? Mais ainda — da arte? Para quê — a arte grega? (Nietzsche, 2020, *O Nascimento da Tragédia*, §1, p. 25).

O filósofo, com a tintura de suas palavras, desenha diante de nossos olhos o apolíneo, o reino da razão, da ordem, da medida e da harmonia. Nesse universo de clareza e simetria, a estética floresce como uma flor rara, como uma obra-prima lapidada em mármore. Apolo, a divindade da música, da poesia e da luz, personifica esse ímpeto. A arte apolínea busca a perfeição formal, como as esculturas clássicas gregas, onde cada linha e curva são esculpidas com precisão divina.

Ao lado desse mundo de serenidade, emerge o dionisíaco, a esfera das emoções, da paixão, do instinto e do caos. É uma jornada intrépida em busca de experiências intensas, onde os limites entre o eu e o mundo se desfazem, e a natureza humana se revela em sua crua essência. Dionísio, o deus do vinho e do arrebatamento, personifica esse furor. A arte dionisíaca é um grito visceral, uma transgressão das normas, como as tragédias gregas que encenam a natureza humana em seu esplendor e sua devastação.

Liga-se aos seus dois deuses artísticos, Apolo e Dionísio, o nosso entendimento de que no mundo grego há um enorme contraste, na origem e nos fins, entre a arte do escultor, apolínea, e a arte não figurativa da música, dionisíaca; esses dois impulsos, tão diferentes, existem lado a

lado, geralmente em franca discórdia e instigando-se mutuamente na geração de frutos cada vez mais vigorosos, para neles perpetuar o conflito inerente a essa oposição, o qual é só aparentemente superado pela palavra que têm em comum, 'arte'; até que enfim, por um milagre metafísico da 'vontade' helênica, aparecem unidos, e nessa união produzem finalmente a obra de arte dionisíaca e apolínea que é a tragédia ática (Nietzsche, 2020, O Nascimento da Tragédia, §1, p. 25).

E assim, nos meandros da antiguidade grega, o teatro se revela como a manifestação sublime da sinfonia entre as forças apolínea e dionisíaca. Um espetáculo onde a razão encontra o instinto, onde a ordem se entrelaça com o caos, e desse canto cósmico, emerge uma estética que insufla criatividade e vitalidade à cultura, à educação e à própria essência da vida. Portanto, o teatro grego antigo, não é apenas entretenimento; é uma epopeia que enraíza a cultura, educa as almas e ilumina a senda da vida. Nietzsche revela: “De que outro modo poderia suportar a existência aquele povo tão sensível aos estímulos, tão veemente nos desejos, tão singular na capacidade para o sofrimento, se ela não lhe fosse mostrada, em seus deuses, banhada numa glória superior?” (Nietzsche, 2020, O Nascimento da Tragédia, §3, p. 25).

Todavia, é vital compreender que a visão de Nietzsche sobre as tragédias gregas diverge de Aristóteles. O pensador grego acreditava que quando o público se identificava com os personagens trágicos, uma catarse ocorria, uma purificação emocional que conduzia à serenidade e equilíbrio. É o que fica explícito na Poética.

A tragédia é a imitação de uma acção elevada e completa, dotada de extensão, numa linguagem embelezada por formas diferentes em cada uma das suas partes, que se serve da acção e não da narração e que, por meio da compaixão (eleos) e do temor (phobos), provoca a purificação (katharsis) de tais paixões (Aristóteles, 2008a, §27, p. 12).

Assim sendo, para Aristóteles, as tragédias agiam como um agente purificador das emoções humanas, provocando medo e compaixão. Na Retórica ele define que “o medo era uma forma de padecimento ou perturbação gerada pela representação de um mal vindouro de carácter destrutivo ou penoso” (2019b, p. 139), e “compaixão como um sentimento doloroso gerado por um mal aparente capaz de nos aniquilar ou afligir, mal esse que atinge alguém que não merece por ele ser atingido e que, presumimos, também pode nos atingir [...]” (Ibidem, p. 137). Assim, estas duas emoções, ilustradas na tragédia, depuravam-se na catarse.

No entanto, uma distinção fundamental emerge no entendimento da catarse entre esses dois luminares do pensamento. Para Aristóteles, a catarse representava um processo terapêutico, um meio de purgar o medo e a compaixão, uma busca pela purificação das paixões humanas. No entanto, Nietzsche, nas profundezas de seu pensamento, enxergava a tragédia de maneira diferente. Em vez de ser um agente de expurgação do terror e da piedade, a tragédia afirmava a dor da existência com um ardor apaixonado.

Pois, nas encenações das Dionisíacas¹⁶, percebemos que a vida é um mosaico de contrastes, um balé de risos e lágrimas, de amor e ódio. Contudo, mesmo nos momentos mais sombrios, a tragédia nos revela haver beleza e esperança a serem encontradas. Ela nos ensina que é possível descobrir significado e propósito na existência, mesmo quando a estrada é áspera e o fardo é pesado.

E, em primeiro lugar, Dionísio está presente com insistência como o Deus afirmativo e afirmador. Não se contenta com 'resolver' a dor num prazer superior e supra-pessoal, afirma a dor e constitui o prazer de alguém. É por isso que o próprio Dionísio se metamorfoseia em afirmações múltiplas, tanto mais que não se resolve no seu ser original ou não reabsorve o múltiplo num fundo primitivo [...]. É o deus que afirma a vida, para quem a vida tem de ser afirmada, mas não justificada nem resgatada (Deleuze, 2001, p. 22).

Sob a ótica de Deleuze, Dionísio surge como o epítome da complexidade, um ícone do dinamismo que permeia a textura do mundo. O filósofo francês, em sua busca, reverencia a visão desse deus, que celebra a diferença, a intensidade, a singularidade e o próprio sentido da existência, sem se perder na armadilha da justificação ou na busca por redenção. Aqui, a sabedoria está em não purgar o terror e a piedade, mas em abraçar esses dois princípios como facetas intrincadas do mesmo fenômeno: a vida.

A vida, para Nietzsche, é uma forma apaixonada de celebrar a existência, mesmo em seus aspectos mais sombrios. A arte trágica, segundo ele, nos convida a aceitar a vida em sua totalidade, sem nos restringirmos apenas ao que é

¹⁶ Dionisíacas: costume dos cultos e oferendas aos deuses gregos. Com função social e cívica, o teatro e suas representações estavam associados às festividades religiosas, sobretudo, às celebrações que saudavam o deus Dionísio. (<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/artes/teatro-grego>. Acesso: 21 jun. 2022).

agradável. Essa expressão artística desafia o espectador a encarar a complexidade do existir com coragem, a não fugir dos dilemas e a reconhecer que a vida se compõe tanto do apolíneo quanto do dionisíaco, mas é em Dionísio que encontramos sua essência mais profunda e afirmativa. Ao acolhermos a arte trágica como um meio para compreender e celebrar o existir, estamos no caminho para criar valores que nos permitem abraçar a complexidade sem cair nas armadilhas do dogmatismo ou dos universalismos.

É lamentável, no entanto, que muitas escolas da EJA ainda negligenciem a importância da arte em seus métodos educacionais, privando os alunos do enriquecimento que a expressão artística oferece. É crucial que as instituições de ensino, reconheçam a necessidade de valorizar essa forma de expressão como uma poderosa ferramenta capaz de inspirar a reflexão crítica, promover a compreensão e fortalecer a afirmação da vida.

1.2 CRÍTICA À RAZÃO COMO FONTE DE DESVALORIZAÇÃO DA EXISTÊNCIA

O que conto é a história dos dois próximos séculos. Descrevo o que vem, o que não pode mais vir de outro modo: o advento do niilismo. [...]. Esse futuro pronuncia-se em cem sinais, esse destino anuncia-se por toda parte; para essa música do futuro, todos os ouvidos estão afinados.

(Nietzsche, 2020, A Vontade de Poder, §2, p. 23)

Figura 5 – As Bacantes: Morte (2013)



Fonte: Acervo Arte-Mythos

Eis o trágico cortejo fúnebre de Sêmele, a mãe abençoada por Dionísio. Ela, a nobre princesa de Tebas, viu seu coração ceder aos encantos do senhor dos deuses, Zeus, e em seu ventre floresceu o fruto de sua paixão divina. Contudo, a penumbra da inveja e ciúmes da esposa celeste, Hera, lançaram uma sombra nefasta sobre esse amor proibido.

A ardilosa Hera, mestra das artimanhas, sussurrou em ouvidos ingênuos, persuadindo Sêmele a suplicar que Zeus se manifestasse em toda a sua glória, em sua plenitude divina. O coração do deus, ciente das traiçoeiras artimanhas do Olimpo, não podia negar o pedido de sua amada, embora soubesse que a frágil natureza mortal jamais suportaria a exuberância de sua divindade.

E assim, como um relâmpago a rasgar os céus, Zeus se revelou a Sêmele. Mas a luminosidade do deus se tornou fogo abrasador, e Sêmele, como uma efêmera chama diante do Sol, foi consumida pela intensidade divina, deixando para trás apenas a memória de seu amor trágico e a semente de Dionísio, o deus da vida e da embriaguez, que emergiria desse doloroso sacrifício.

É nessa recriação da narrativa de “As Bacantes” (2013), que a morte da princesa desenha um retrato crítico da sociedade contemporânea, como se fosse um espelho a refletir nossas escolhas. Ela se erige como uma alegoria penetrante, sussurrando palavras de desafio às correntes que aprisionam nossa percepção. Nesse cenário, o mundo moderno, envolto em suas amarras de eficiência, muitas vezes relega a arte o papel de mero adorno, algo frívolo e desprovido de propósito.

Entretanto, a arte, com sua capacidade de transcender os limites da razão, abrasa os sentidos e desperta as emoções mais profundas, é um farol na escuridão da rotina e do pragmatismo. É o grito da imaginação que ecoa nos recantos da alma, convidando-nos a explorar o desconhecido, a abraçar a experiência e a alimentar nossa essência criativa. Negar-lhe espaço no palco da vida moderna pode ser um equívoco trágico, pois, ao fazê-lo, arriscamos sufocar o próprio espírito humano, tornando-o prisioneiro de uma existência vazia de significado e beleza.

É isso que Nietzsche, em sua meditação profunda exhibe, o lamento de uma trajetória milenar, onde os valores racionais, melancolicamente pessimistas, entoam seu canto desde os tempos áureos da Grécia Antiga. Para ele, Sócrates e Platão emergem como figuras titulares dessa queda, como artífices da decadência

que amputaram as asas da cultura grega, que outrora voava na harmonia celestial entre o apolíneo e o dionisíaco, a razão e a arte.

Naqueles dias de outrora, a Grécia reverberava a música encantadora da dualidade, onde o logos e a emoção, entrelaçavam-se em um abraço apaixonado. No entanto, Sócrates e Platão plantaram as sementes de uma filosofia que elevava a racionalidade como a suprema virtude, relegando a beleza da criatividade a um segundo plano. Como músicos desafinados, eles iniciaram a marcha lenta rumo ao ocaso da cultura ática e ao triste silêncio que envolveu a tragédia.

Que força demoníaca é esta que se atreve a despejar no pó essa poção mágica? Que semideus é este, a quem o coro dos mais nobres espíritos da humanidade tem de gritar: 'Ai! O belo mundo, tu o destruíste com punho poderoso; ele cai, ele desmorona!' (Nietzsche, 2020, O Nascimento da Tragédia, §13, p. 25)

Sócrates, o sábio que trazia consigo o cajado da razão, guiou a humanidade a crer que a teia da vida estava cheia de erros, precisando de correção pelo conhecimento racional, único caminho para chegar à verdade. Porém, nessa jornada, outras formas de entender e viver a existência, como os instintos naturais e a beleza artística, foram esquecidas. A linguagem simbólica¹⁷, que outrora tecia de significados a profundidade da alma, começou a ser silenciada.

Sob o olhar crítico do filósofo alemão, surge a visão metafísica de Sócrates, que, como uma cortina escura, escondeu a sabedoria dos sentidos, rejeitando a realidade concreta do mundo e, por consequência, a própria essência da existência. A busca insaciável pela verdade por meio unicamente do pensamento racional conduziu Sócrates a promover uma ética austeramente repressiva, tingida de ressentimento, afastando-se do ideal de uma existência plena e afirmativa. Foi, assim, que nasceu o niilismo na sociedade, o vazio que se alastrou como sombras lancinantes no coração humano.

Com a morte da tragédia grega, porém, um vazio imenso se abriu, profundamente sentido em toda parte; assim como navegantes gregos do tempo de Tibério escutaram, numa ilha solitária, o grito perturbador: 'O grande Pã está morto!', da mesma forma ressoou então pelo mundo grego, como um gemido de lamento: 'A tragédia está morta! A própria

¹⁷ Linguagem Simbólica: sistema de símbolos ou signos que por convenção representam alguma coisa. ([O que é linguagem simbólica? 4 Exemplos — Maestrovirtuale.com](#). Acesso: 14 ago. 2022).

poesia se perdeu com ela! Fora com vocês, epígonos atrofiados e magros! Fora, vão para o Hades, para que lá possam comer fartamente as migalhas dos velhos mestres!’ (Nietzsche, 2020, O Nascimento da Tragédia, §13, p. 84).

Outro filósofo criticado por Nietzsche foi Platão (1997), cuja filosofia dava ênfase a formas eternas, imutáveis e ideais. Ele dividiu o mundo em dois: mundo das ideias e mundo sensível, assim, recusava a importância da vida terrena. Sua defesa da razão e da lógica como única maneira de conhecimento correto significava a negação da sensibilidade e da intuição como formas válidas de compreensão do mundo.

Segundo Platão (1997), o mundo sensível é falso e o das ideias é belo e verdadeiro. Há uma troca da realidade pelas formas abstratas e transcendentais. Essa ideia foi criticada por Nietzsche, que a considerou uma fuga do mundo real para um ilusório e ideal. O filósofo alemão defendeu que o conhecimento não deveria se basear apenas na razão e na lógica, mas na intuição e na arte, que expressam a vontade de potência humana.

Para Nietzsche (2020, O Nascimento da Tragédia), o conhecimento intuitivo e estético revelava-se mais profundo e verdadeiro do que a mera arquitetura lógica. É neste sentido, que ele alega que os grandes pensadores não se curvaram diante dos dogmas da lógica, mas sim moldaram novas visões de mundo, como o filósofo Heráclito. A arte, não era apenas um espelho para lidar com a realidade, mas um provocador do pensamento reflexivo, desafiando as verdades estabelecidas, incitando a crítica e a criatividade, desvendando novos horizontes para a alma humana.

Salienta-se que nessas ideias é importante notar que os conceitos platônicos, sobre os dois mundos, tornaram-se a fundação do Cristianismo, que dividiu o cosmos em céu e inferno, moldando a moralidade ocidental. Nietzsche (2019, O Crepúsculo dos Ídolos) ergueu sua voz contra essa moralidade, enxergando-a como uma fonte de fraqueza e decadência, uma tentativa de sufocar a vida e a essência humana, com os grilhões do pecado e da culpa. Assim, a religião cristã promovia a visão de que a vida terrena era efêmera e insignificante em comparação com uma existência eterna após a morte, negando de tal modo a plenitude do presente.

Dessa forma, Nietzsche criticou com veemência a supremacia da razão personificada por Sócrates e Platão. Como resultado desse domínio do racionalismo, surgiu uma vida destituída de sentido. Esse predomínio do niilismo passivo lançou sombras lancinantes sobre o coração humano, restringindo a expressão individual e sufocando a essência da existência. Nas escolas, especialmente na EJA, onde a ênfase na razão que cerceia prevalece, frequentemente observamos os alunos sendo moldados em autômatos, sem vontade e expressão própria, confinados à frieza da vida.

No entanto, a arte pode ser uma centelha de esperança. A arte, com sua capacidade de cultivar experiências, despertar emoções e nutrir a imaginação, emerge como a antítese do niilismo passivo que ameaça a educação moderna. Ela se configura como uma ponte para a transformação significativa, uma força propulsora capaz de revitalizar o espírito humano, permitindo aos alunos transcenderem o vazio decorrente do excesso de racionalidade e abraçarem plenamente a riqueza de suas próprias vivências humanas.

1.3 ARTE: EXPERIÊNCIA, EMOÇÃO E IMAGINAÇÃO NO CULTIVO DE SI

Nós readquirimos a boa coragem de errar, tentar, aceitar provisoriamente — nada é assim tão importante! —, e justamente por isso indivíduos e gerações podem hoje vislumbrar tarefas que teriam parecido, em épocas anteriores, insânia e brincadeira com o céu e o inferno. Podemos experimentar conosco mesmos! Sim, a humanidade pode fazer isso!

(Nietzsche, 2017, Aurora, §501, p. 209)

Lágrimas fluem dos olhos da participante na adaptação de “As Bacantes” (2013). Sua visão parece mirar o âmago de sua alma, tocada por algo tão profundo que se espelha em gotas salgadas. Nesse instante, vê-se a ligação emocional com a personagem Agave, que, na tragédia, enfrenta um turbilhão de sentimentos intensos e desafiadores. Pois, ao atuar, o indivíduo almeja habitar o ser do protagonista, tecendo uma empatia com as sombras de tristeza, perda e sofrimento. No entanto, a interpretação também concede aos participantes um refúgio seguro e controlado para enfrentar questões íntimas.

Figura 6 – As Bacantes: Emoção em lágrimas



Fonte: Acervo Arte-Mythos

Por isso, a arte é uma forma de acessar fenômenos profundos que formam a humanidade. Para compreendê-los, é preciso considerar a experiência, a emoção e a imaginação, pilares da própria existência. Esses elementos são tão complexos e se manifestam de maneiras tão diversas nas diferentes áreas do conhecimento, que não podem ser reduzidos a uma única definição, pois abrangem múltiplos significados. Daí, muitos estudiosos de renome terem se dedicado a esse estudo, a fim de sondar suas profundezas e explorar seus matizes.

Primeiramente pensemos em experiência, a partir da colocação citada por Nietzsche.

Um filósofo: é um homem que experimenta, vê, ouve, suspeita, espera e sonha constantemente coisas extraordinárias; que é atingido pelos próprios pensamentos como se eles viessem de fora, de cima e de baixo, como por uma espécie de acontecimentos e de faíscas de que só ele pode ser alvo; que é talvez, ele próprio, uma trovada preñe de relâmpagos

novos; um homem fatal, em torno do qual sempre tomba e rola e rebenta e se passam coisas inquietantes (2008, Para Além do Bem e do Mal, §292, p. 207).

Eis que o filosofar acima descrito é algo que agita o interior humano, é um mergulho nas águas vivas do conhecimento. Não é possível sair ileso dessa experiência, ela muda, transforma o sujeito. Então filosofar, é assim como a arte, toca os segredos do ser e faz a alma tremer.

A experiência é algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então, somente então, se converte em canto. E esse canto atravessa o tempo e o espaço. E ressoa em outras experiências e em outros tremores e em outros cantos. Em algumas ocasiões, esses cantos de experiência são cantos de protesto [...] contra as formas dominantes de linguagem, de pensamento e de subjetividade. Outras vezes são cantos de dor [...] que expressam a queixa de uma [...] potência de vida enjaulada, de uma possibilidade presa ou acorrentada. Outras são cantos elegíacos, fúnebres [...] de ausência ou de perda. E às vezes são cantos épicos, aventureiros [...] desses que vão sempre mais além do conhecido, mais além do seguro e do garantido, ainda que não saibam muito bem aonde (Larrosa, 2014, p. 4-5).

Nesta paisagem adentramos na emoção, a partir do filósofo Georges Didi-Huberman, especialmente em sua ode intitulada *Que emoção! Que emoção?* Na qual vemos pensamentos breves, mas profundamente enraizados, sobre “a emoção e sua relação com o eu, com o outro e, em especial, com as ações a partir da experiência estética e emocional que a obra de arte, particularmente a imagem, proporciona” (Melo, 2019, p. 247).

Seguindo essa trilha, Didi-Huberman (2016) andar­á um caminho de contemplações e interrogações, não à sombra do ceticismo em relação à emoção, mas sob a luz radiante da confiança. Como ele nos revela, o título de seu livro já se ergue como um grito, situando-o no limiar do espanto, o que “[...] responde pelo primeiro de todos os gestos filosóficos, o de se espantar diante de algo, de alguém, de uma experiência. Eu me espanto diante dessa experiência e, mais ainda, eu me espanto diante de sua intensidade” (p. 10). A interrogação, por sua vez, é a continuação desse espanto filosófico, que se desdobra em uma indagação, capaz de se multiplicar em questionamentos infindáveis.

Didi-Huberman escolhe o choro como uma pérola de exemplificação desse processo. Ele reflete que as emoções nos deparam, nos desnudam diante dos

outros, revelando até o que alguns rotulam como fragilidade, e é por isso que muitos evitam o êxtase de se deixar levar pela emoção. Contudo, nas palavras do autor, não há fragilidade alguma em se permitir sentir, em se entregar às marés do coração.

Muito ao contrário! Quando se arrisca a ‘perder a pose’, esse ser exposto à emoção se compromete também com um ato de honestidade: ele se nega a mentir sobre o que sente, se nega a fazer de conta. Em certas circunstâncias, há mesmo muita coragem nesse ato de mostrar sua emoção (Didi-Huberman, 2016, p. 19).

Melo (2019), em sua resenha sobre a obra de Didi-Huberman, desvenda que na jornada da filosofia ocidental, o “logos” sempre ecoou como uma voz dominante, enquanto a “emoção”, uma melodia mais suave, foi relegada a um plano inferior. No entanto, Didi-Huberman emerge como um músico rebelde, resgatando o ritmo vibrante do “páthos” (paixão). O filósofo “rebelde-se contra os racionalistas e se apoia em Hegel, Nietzsche, Sartre e Merleau-Ponty, traçando um caminho que implica, acima de tudo, na recuperação da importância da emoção para a Filosofia” (p. 248).

Nietzsche começa por preferir os poetas trágicos aos filósofos ‘lógicos’: ele devolve assim um valor positivo, fértil, ao *páthos* e à emoção. Essa ‘vulnerabilidade’, essa eventual dor que Hegel havia nomeado ‘privilégio’, Nietzsche nomeia ‘fonte original’, cuja força e importância se manifestam na arte ou na poesia [...]. Nietzsche começou a recorrer mais à poesia, à arte e à literatura do que às verdades eternas de um filósofo dogmático, é para insistir sobre o fato de que tal deslocamento representa toda uma prática do pensamento filosófico [...] (Didi-Huberman, 2016, p. 23–24)

O autor reitera que, aos olhos de Nietzsche, as emoções, paixões e vulnerabilidades humanas são essenciais à existência. Ele reverenciava esses aspectos da experiência humana como pedras preciosas no colar da vida, não a serem negados na jornada do filósofo, mas sim acumulados como fontes de uma rica criatividade e uma confiança inabalável. Ainda segundo o autor:

Desde então, outros filósofos quiseram se dedicar a descrever o gesto da emoção. Por exemplo, Jean Paul Sartre dirá que, ao contrário de nos afastar do mundo, ‘a emoção é uma maneira de perceber o mundo’. Mais tarde, Maurice Merleau-Ponty dirá que o evento *afetivo* da emoção é uma abertura *efetiva* — uma abertura: o contrário de um impasse, portanto —, um tipo de conhecimento sensível e de transformação ativa de nosso mundo. Freud, por sua vez, ao inventar a psicanálise — ao descobrir os

poderes do inconsciente —, descobriu algo muito estranho, muito perturbador e muito importante: acontece com frequência que uma emoção nos tome, nos toque, sem que saibamos por que, nem exatamente o que ela é: sem que possamos representá-la para nós. Ela age sobre mim mas, ao mesmo tempo, está além de mim. Ela está em *mim*, mas *fora de mim* (Didi-Huberman, 2016, p. 26).

À vista disso, como nos sussurra Melo (2019, p. 249), “a emoção é reposicionada pelo autor não como uma forma de imobilidade, mas, opostamente, é reconhecida como promotora de uma ação — em um primeiro momento — aquela que expelle algo que já não cabe no homem.” E assim, contemplamos que a emoção, como uma mão hábil, retira algo de dentro de nós, como quem despeja areia de um sapato apertado, deixando-nos mais leves e prontos para o próximo passo na dança da vida.

Acabamos de estabelecer que a emoção é um ‘movimento para fora de si’: ao mesmo tempo ‘em mim’ (mas sendo algo tão profundo que foge à razão) e ‘fora de mim’ (sendo algo que me atravessa completamente para, depois, se perder de novo). É um movimento afetivo que nos ‘possui’, mas que nós não ‘possuímos’ por inteiro, uma vez que ele é em grande parte desconhecido para nós. O que estou dizendo aqui é o resultado de uma descrição psicológica ou, como costumamos dizer, fenomenológica (Didi-Huberman, 2016, p. 28).

Então, segundo o filósofo francês, a emoção é como um movimento que não se restringe ao eu. Ela passa através do inconsciente, um grande oceano que vai além do nosso eu individual. A emoção, como um vento leve, toca não apenas o eu sozinho, mas também o outro e a comunidade.

E nesse movimento, ela ultrapassa os limites do indivíduo para se tornar coletiva, como um rio que se junta a outros rios. Ela se manifesta em símbolos, sinais, gritos, palavras ditas ao vento, e até mesmo em revoluções que fazem barulho na história. A emoção, assim, é o tecido que forma os laços invisíveis que unem corações e mentes, fazendo da experiência humana um grande e profundo oceano de transformação e sentimentos compartilhados.

Por fim,

as emoções, uma vez que são moções, movimentos, comoções, são também transformações daqueles e daquelas que se emocionam. Transformar-se é passar de um estado a outro: continuamos firmes na nossa ideia de que a emoção não pode ser definida como um estado de pura e simples passividade. Inclusive, é por meio das emoções que podemos, eventualmente, transformar nosso mundo, desde que, é claro,

elas mesmas se transformem em pensamentos e ações (Didi-Huberman, 2016, p. 38, grifo nosso).

Outro tesouro vital a florescer nas almas humanas é a imaginação, um tapete de sonhos e visões que se revelam como uma trama fascinante. Isso nos remete, mais uma vez, ao mito de *Perseu e Medusa*, uma história costurada com a força das imagens.

Contemplamos o herói, que empunha o espelho de seu escudo como sua arma contra o monstruoso temível. É a imagem refletida que lhe concede a coragem de enfrentar a Górgona, e com a leveza de suas sandálias aladas, ele dança pelo campo de batalha, cumprindo sua nobre missão.

Assim, a imaginação é como um espelho mágico, que nos permite não apenas contemplar mundos inexplorados, mas também enfrentar nossos próprios monstros internos com coragem e graça. Ainda segundo Calvino:

Perseu consegue dominar a pavorosa figura mantendo-a oculta, da mesma forma como antes a vencera, contemplando-a no espelho. É sempre na recusa da visão direta que reside a força de Perseu, mas não na recusa da realidade do mundo de monstros entre os quais estava destinado a viver, uma realidade que ele traz consigo e assume como um fardo pessoal (1990, p.12).

Com isso, desvendamos no mito que, para sobreviver neste mundo tão implacável, a imagem é a chave mestra. Pois a Terra, mãe de toda existência, revela-se inacreditavelmente intransigente em sua solidez. Assim, torna-se vital vislumbrá-la através do olhar indireto, através da lente da imaginação e dos sonhos.

Como nos revela Abbagnano (2007, p. 537), “a possibilidade de evocar ou produzir imagens”, em grego, denominava-se *Phantasia*, derivada do verbo “Phainesthai”, que significa “trazer à luz, fazer brilhar”. Parece que essa faculdade, essa chamada interna, é de uma relevância notável para a existência saudável da humanidade.

É uma ferramenta artística que enfrenta com graça a aspereza da vida, como Nietzsche tão vividamente nos descreve na cultura grega antiga. Eis seu relato:

Agora a montanha mágica olímpica se abre para nós, por assim dizer, e nos mostra a sua raiz. O grego conhecia e sentia os horrores e pavores da existência; a fim de poder viver, tinha de pôr na frente deles a radiante criação onírica que eram os seres olímpicos. Aquela imensa desconfiança

dos poderes titânicos da natureza, aquela Moira reinando impiedosa sobre todo conhecimento, aquele abutre que roía o grande amigo dos homens, Prometeu, aquela horrenda sina do sábio Édipo, aquela maldição sobre a estirpe dos Átridas, que impeliu Orestes ao matricídio; em suma, toda aquela filosofia do deus silvestre, junto com seus exemplos míticos, devido à qual pereceram os melancólicos etruscos — tudo isso foi, através daquele artístico mundo intermediário dos olímpicos, continuamente superado pelos gregos, ou pelo menos oculto e subtraído à visão (Nietzsche, 2020, O Nascimento da Tragédia, §3, p. 47).

Assim, o filósofo nos revela que sem a Phantasia, o mundo seria como uma alma sombria, sem essências de luz e cores. Isso é reforçado por Leonardo Souza dos Santos (2020), em seu artigo intitulado *Friedrich Nietzsche e a imaginação como interpretação das sensações e suas implicações nos sonhos de Zaratustra*, onde busca elos essenciais que permitam tecer reflexões sobre o papel da imaginação em Nietzsche. Segundo o artigo, desde os primeiros traços do filósofo alemão, ele mostra a desvantagem diante da dicotomia entre pensar com ideias (racionalidade) e pensar com os corpos (imaginação).

Para Nietzsche, “a crença no sonho refletia a experiência na vida desperta com outras luzes; para os gregos antigos, a crença no sonho é o gesto de pintar a vida com esplendor cromático” (Santos, 2020, p. 321–322). E assim, as palavras dessas sabedorias ecoam como cânticos ancestrais, lembrando-nos que a imaginação é a ponte entre os mundos, o fio de Ariadne que nos guia através do labirinto da existência.

Eis imaginação na perspectiva nietzschiana:

Se fechamos os olhos, o cérebro produz uma quantidade de impressões luminosas e de cores, provavelmente como uma espécie de poslúdio e eco de todos os efeitos luminosos que o penetram durante o dia. Mas a razão (juntamente com a imaginação) transforma de imediato esses jogos de cores, em si amorfos, em determinadas figuras, formas, paisagens, grupos animados (Nietzsche, 2005, Humano, Demasiado Humano I, §13, p. 19).

Essas palavras de Nietzsche evocam uma perspectiva fascinante sobre a natureza da percepção e da mente humana. Ele nos convida a refletir sobre como nosso cérebro continua a dançar com cores e luzes mesmo quando fechamos os olhos, como se fosse um espetáculo de pós-luz e eco de todas as experiências luminosas do dia.

No entanto, o que torna essa experiência verdadeiramente interessante é o papel da razão ante a imaginação, pois ela não se contenta apenas com a

reprodução dessas cores e luzes de forma caótica e indistinta. Em vez disso, a mente age como um artista, moldando essas impressões efêmeras em formas, figuras, paisagens e até grupos animados.

Isso ressalta o poder da mente humana de criar e dar sentido ao caos, transformando o efêmero em algo concreto e significativo. A capacidade de nossa mente de recriar e reinterpretar o mundo, mesmo em nossa imaginação, é uma demonstração da profundidade de algo transformador na complexidade de nossa percepção. É como se fôssemos os pintores de nosso próprio universo interior, dando vida a uma galeria de imagens e pensamentos enriquecedores.

Portanto, no universo da filosofia, a experiência transformadora se revela como o âmago do pensamento profundo, impulsionando-nos a explorar territórios da mente e do coração até então desconhecidos. É nesse contexto que a EJA precisa desempenhar um papel fundamental ao promover esses fenômenos na escola, pois eles proporcionam as experiências reflexivas. Só assim, o silêncio se converte em palavras, o vazio se preenche de significado, tornando possível a mudança, pois por meio da arte, conseguimos incitar a jornada de autotransformação de nossos alunos, capacitando-os a se tornarem sujeitos críticos e construtores de si mesmos.

Afinal, esses trajetos emotivos e imaginativos são como as raízes de uma árvore frondosa, sustentando o que Nietzsche tão poeticamente chama de “cultivo de si”. É um cultivar que não segue roteiro pré-estabelecido, mas sim uma odisséia sem mapa, um trilhar de caminhos desconhecidos. É uma viagem longa e lenta, onde cada passo é uma descoberta, uma redescoberta.

Peguei a frase de Píndaro¹⁸ e a transformou em um desafio ardente. Um desafio para afirmar a vida em sua plenitude, para saboreá-la em toda a sua complexidade, sem se curvar diante de valores impostos. “Ser realmente quem se é” só se realiza na dança da vida, na trama que tecemos com cada escolha, a cada experiência.

¹⁸ Píndaro foi um poeta lírico grego, considerado um dos mais importantes da história literária. Ele nasceu em Cinocéfalos, perto de Tebas, em 520 a.C. e morreu em Argos, em 440 a.C. Ele era descendente de uma família nobre de Esparta e estudou poesia e música em Atenas, Delfos e Edina. Ele é famoso por suas odes triunfais ou epinícios, que celebravam os vencedores dos jogos olímpicos, píticos, neméios e ístmicos. Ele também escreveu hinos, elegias, ditirambos e outras formas líricas. (<https://www.infoescola.com/biografias/pindaro/>. Acesso: 23 jul. 2022).

[...] no fundo das coisas, apesar de toda a mudança dos fenômenos, a vida é indestrutivelmente forte e prazerosa, esse consolo aparece em tangível nitidez como coro de sátiros, como coro de seres da natureza que vivem como que por trás de toda a civilização, indelevelmente, e, apesar de toda a mudança das gerações e da história dos povos, permanecem eternamente os mesmos. (Nietzsche, 2020, O Nascimento da Tragédia, § 7, p.103).

Essa citação nos convida a contemplar a eterna flama da existência, a abraçar sua alegria intrínseca e a reconectar-nos com nossa própria natureza primal. É um lembrete de que, apesar das mudanças das gerações e dos acontecimentos históricos, a força da vida continua a fluir, indelevelmente, como um rio que nunca para de correr. É um hino à suspensão da vida em sua plenitude e a sua resiliência inquebrantável diante das adversidades.

Portanto, no cerne da jornada do “cultivo de si” reside o ato de nutrir nossas vivências e experiências. Segundo Trindade (2022), como um jovem jardineiro que cuida de seu jardim. Isso não acontece num piscar de olhos, mas sim lentamente, como a formação das estrelas. Nietzsche vê essas vivências como cicatrizes gravadas em nossa carne, marcas que resistem ao apagamento do tempo, como tatuagens na alma.

Viver são experiências de segredos profundos, íntimos, que desafiam a lógica e se escondem nas sombras do ser. O filósofo alemão apresenta esse conceito em oposição à tirania da razão pura. Afinal, a vida não pode ser reduzida a fórmulas matemáticas ou palavras vazias. A vida é um rio que flui, uma dança movida ao ritmo do coração.

É neste sentido que Nietzsche não propõe mudar o mundo, pois ele abraça sua natureza caótica, contraditória e insondável. Seu ímpeto reverbera na transformação de si, uma convicção profunda de que o ser humano é um ser inacabado, capaz de desabrochar e se reinventar. Ele almeja, em seu âmago, o cultivo pessoal, buscando atingir o ápice de ser um espírito livre, um filósofo trágico, um super-homem capaz de dizer sim à vida.

CAPÍTULO II

2 SINFONIAS SIMBÓLICAS DA EXISTÊNCIA

O que o torna heroico? – Ir ao encontro, simultaneamente, da sua dor suprema e da sua esperança suprema.

(Nietzsche, 2018, A Gaia Ciência, §268, p. 152)

Figura 7 - As Bacantes: Dor e Alegria



Fonte: Acervo Arte-Mythos

Neste capítulo, adentramos os intricados caminhos didáticos dos símbolos, especialmente dos mitos, que entrelaçam a origem do mundo, dos seres humanos e dos fenômenos naturais. Essas narrativas, dotadas de um atributo educativo marcante, transcendem o convencional, colocando-nos frente a frente com as insondáveis interrogações humanas.

Dentro desse vasto panorama, direcionaremos nossas reflexões ao mito de Dionísio, o deus do teatro, cuja narrativa proporciona uma experiência estética singular. Esta vivência envolve os sentidos de maneira holística, contribuindo para uma apreciação mais profunda das complexidades da vida e do mundo. Destacaremos a obra trágica grega "As Bacantes" de Eurípedes, onde o próprio deus se ergue como protagonista.

Ao imergir nessa trama mitológica, não podemos deixar de traçar conexões com a filosofia profunda de Nietzsche, que também reconhecia a importância dos

mitos como elementos educativos. Para Nietzsche, os mitos não eram apenas relatos antiquados, mas veículos poderosos para expressar verdades profundas sobre a condição humana. Sua abordagem única à filosofia, permeada por conceitos como a "vontade de poder" e o "eterno retorno", dialoga de maneira intrínseca com a riqueza simbólica presente nos mitos.

2.1 SÍMBOLOS: EDUCADORES UNIVERSAIS

O símbolo [...] é o grande doador de sentidos

(Fabri, 1989, p.9).

Figura 7 - As Bacantes: Reflexões simbólicas



Fonte: Acervo Arte-Mythos

Os símbolos, como efígies de ideias etéreas, tecem uma tapeçaria transcendental nas tramas culturais, desde as eras mais remotas até os dias contemporâneos. Dançam na arte, religião, literatura, música e em diversos rincões da existência humana, desvelando-se como fios vitais que entrelaçam significados. São como faróis, iluminando a compreensão do mundo e desbravando os recantos intrincados do pensamento. "Símbolo é um elemento que representa alguma coisa, uma ideia, um conceito, uma pessoa ou uma instituição. Ele pode ser um objeto, uma imagem, um gesto, uma palavra ou uma expressão." (Houaiss, 2009, p. 2425).

Nesse espetáculo simbólico, somos convocados à contemplação, desafiados a decifrar múltiplos significados que brotam de cada símbolo. Diante de sua presença, somos incitados a explorar perspectivas variadas, numa dança interpretativa que transcende o óbvio. Esses elementos provocam uma reflexão

profunda, conduzindo-nos por veredas de indagações sobre o sentido da vida, a natureza da realidade e o papel que desempenhamos no vasto palco do mundo.

Segundo Marcondes:

Símbolo é um signo que, além de seu valor denotativo, apresenta também um valor conotativo, isto é, um significado que vai além de sua definição literal. Os símbolos podem ser encontrados em todas as culturas, e podem ser utilizados para representar uma variedade de ideias e conceitos. (2019, p. 29).

Assim sendo, os símbolos emergem como oráculos do conhecimento, proclamando valores, desvendando a natureza humana e instigando o pensamento crítico. Há uma referência de Berthold, que nos leva a intuir o meio em que nasceu nossa origem simbólica.

[...] no amplo alicerce dos impulsos vitais, primários, retirando deles seus misteriosos poderes de magia, conjuração, metamorfose – dos encantamentos de caça dos nômades da Idade da Pedra, das danças de fertilidade e colheita dos primeiros lavradores dos campos, dos ritos de iniciação, totemismo e xamanismo e vários cultos divinos (2004, p. 2).

É neste sentido que as palavras são símbolos potentes, pois nos aproximam das coisas ausentes e presentes. De acordo com Ostrower, “O homem usa palavras para representar as coisas. Nessa representação, ele destitui os objetos das matérias e do caráter sensorial que os distingue e os converte em pensamentos e sonhos, matéria-prima da consciência.” (1987, p. 22).

É exatamente isso que Nietzsche esclarece, quando diz que as palavras não são os próprios objetos, elas são um conjunto de signos criados por nós, portanto, incapazes de dizer o que as coisas realmente são. A essência de algo é inalcançável à nossa racionalidade, e o mais perto que chegamos é por meio da experiência, das metáforas, dos sonhos, dos mitos. Fenômenos que são o âmago do mundo espiritual.

As diferentes línguas, quando comparadas, mostram que as palavras nunca alcançam a verdade, nem uma expressão adequada; se fosse assim, não haveria efetivamente um número tão grande de línguas. A ‘coisa em si’ como sendo precisamente a verdade pura e sem consequência, enquanto objeto para aquele que cria uma linguagem, permanece totalmente incompreensível e absolutamente indigna de seus esforços. Esta designa somente as relações entre os homens e as coisas e para exprimi-las ela pede o auxílio das metáforas mais audaciosas. Transpor uma excitação nervosa numa imagem! Primeira metáfora.

(Nietzsche, 2019, Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extramoral. §1, p. 12-13).

Bulhões (2020) em seu artigo: *Como diria Nietzsche, pensar é (antes de tudo) uma atividade criativa*, diz que na obra *A filosofia na época trágica dos gregos*, o filósofo afirma nossa incapacidade de conhecer o fabuloso fundamento das verdades eternas através do discurso, da razão; pois a imaginação, origem das coisas, é uma outra forma de linguagem: artística, poética e ilógica. “Jamais avançaremos, com palavras e conceitos, para além da fronteira das relações, para algum fundamento primordial das coisas [...], não ganhamos nada que possa assemelhar-se a uma veritas aeterna.” (Nietzsche, 2011, *A Filosofia na Era Trágica dos Gregos*, §11, p. 63).

Para Cassirer:

O homem não pode encontrar seu caminho no mundo dos objetos imediatos sem os auxílios que lhe são fornecidos pelos símbolos. Ele não pode lidar com esse mundo sem transformá-lo por meio de símbolos. Ele vive num universo simbólico. Linguagem, mito, arte e religião são partes desse universo. São as várias linhas ao longo das quais a mente humana avança de percepções sensoriais para conceitos humanos. Os conceitos são impossíveis sem palavras ou outros símbolos. (1994, p. 26).

Eis porque na Antiguidade os gregos eram educados pelos poetas, os quais as Musas conduziam ao passado, para que eles transmitissem os acontecimentos antigos no presente. Werner Jaeger, na introdução do seu livro *Paidéia*, nos dá um entendimento do que era a educação na antiga tradição grega:

Não se pode evitar o emprego de expressões modernas como civilização, cultura, tradição, literatura ou educação; nenhuma delas, porém, coincide realmente com o que os gregos entendiam por paidéia. Cada um daqueles termos se limita a exprimir um aspecto daquele conceito global, e, para abranger o campo total do conceito grego, teríamos de empregá-los todos de uma só vez. (2016, p. 21).

Isso significa que a Paidéia era uma educação que abrangia várias dimensões do homem, como a epistêmica, ética e estética. Portanto, não educavam apenas para o mundo, mas havia uma educação que dava sentido ao próprio mundo. E essa educação era realizada pelos mitos, ricos em simbolismo, que erguem-se como narrativas arquetípicas, ensinando sobre justiça, coragem e

solidariedade. Nas tramas dessas histórias, vislumbramos a epopeia de heróis míticos, lições de perseverança e determinação ecoando como cânticos ancestrais.

Conforme Eliade:

o mito é uma narrativa fabulosa que desempenha um papel significativo na cultura humana. Definidos como histórias que explicam a origem do mundo, dos seres humanos e dos fenômenos naturais, têm uma função social vital. Além de transmitirem conhecimentos, conectam as pessoas à sua herança cultural, fornecendo uma base para a compreensão coletiva da existência. (1972, p. 1).

Essas narrativas transcendentais conectam as experiências individuais a uma compreensão coletiva do significado da existência. No cerne de sua função, os mitos atuam como educadores, fornecendo lições valiosas por meio de símbolos que estimulam a reflexão. Ao apresentar personagens e situações arquetípicas, desafiam os espectadores a pensar criticamente sobre questões fundamentais. Esses símbolos, frequentemente enraizados em metáforas poderosas, incitam à análise profunda e promovem o desenvolvimento do pensamento crítico.

Neste contexto, a presente pesquisa direciona seu olhar para uma tragédia grega singular, cujo protagonista é o mito Dioníso, o Deus do teatro. Esta escolha não é fortuita, pois a tragédia em questão, intitulada "As Bacantes" de Eurípedes, transcende o tempo e os limites culturais, proporcionando um terreno fértil para explorar a riqueza simbólica e educativa do mito.

Dioníso, como personagem central, personifica a essência do teatro, envolvendo-se numa dança cósmica entre a realidade e a ficção. Sua presença na trama desencadeia uma jornada que vai além do enredo dramático, penetrando nos domínios mais profundos da psique humana. Ao mergulhar nas águas tumultuadas dessa tragédia, esta pesquisa busca desvendar não apenas o mito em si, mas a intrincada teia de significados que ele lança sobre a plateia, convidando a uma reflexão que transcende as fronteiras do tempo e espaço.

2.2 DIONÍSO: DEUS DA NATUREZA

Chegado sou a esta terra tebana, eu, Dioníso, filho de Zeus .

(Eurípedes, 2015, p. 10).

Figura 7 - As Bacantes: Dionísio



Fonte: Acervo Arte-Mythos

A imagem apresenta o momento em que Dionísio, o Deus do teatro, chega a Tebas cantando e dançando com uma energia visceral, opondo-se a Penteu, o rei céptico que deseja proibir seu culto. Há um contraste notável entre as cores e os elementos na imagem. O fundo, em tom negro, sugere um ambiente sombrio e opressivo. O céu, encoberto por nuvens, indica uma atmosfera de tensão e conflito. A luz que emana do céu ilumina Dionísio, destacando sua figura e expressão.

O Deus é retratado como um ser poderoso e magnético, capturando a atenção de todos com sua presença. Veste uma camisa de força rasgada que simboliza tanto loucura quanto lucidez, ao mesmo tempo em que representa aprisionamento e liberdade. Essa vestimenta simbólica destaca-se como um reflexo da dualidade intrínseca à sua natureza divina. Dionísio personifica não

apenas a loucura criativa e a inspiração, mas também a liberdade que surge da aceitação da própria loucura, desafiando as normas convencionais.

As tragédias gregas surgiram a partir das festividades religiosas a Dionísio, deus que possuiu vários nomes, entre eles Baco. Segundo Brandão (2021, p. 151) era o “deus da seiva úmida que circula nas plantas”, portanto, relacionado à natureza. Também dito o “deus do êxtase e do entusiasmo” (Ibidem, p.153). E ainda segundo o autor, “o deus da metamórphosis, o deus da transformação.” (Ibidem, p. 174).

Mitologicamente, era o deus dos ciclos vitais, das festas, do vinho, da insânia, do teatro e dos ritos religiosos e foi o último deus aceito no Olimpo. Os mistérios dionisíacos eram ritos religiosos dedicados ao deus, que se destacavam por serem cultos que contradiziam e ultrapassavam a ordem social e humana convencional. Nos rituais a Dionísio, o devoto experienciava a alteridade, o contato com a figura do Outro, encontrando dentro de si, através do transe, uma expressão que divergia da experiência cotidiana e ordinária.

Sendo assim, o teatro na Grécia Antiga surgiu a partir dessas manifestações ao Deus, pois pouco a pouco os rituais dionisíacos foram se modificando e se transformando em tragédias e comédias. Assim, a origem da tragédia grega está relacionada com os cantos ditirambos dos ritos em honra à Dionísio.

Nietzsche afirma que a tragédia nasce da música, do canto entoado em louvor a Dionísio por um grupo de pessoas que, em cortejo, percorria a floresta habitada por seu deus. Faziam-se passar por sátiros, figuras híbridas — homens com pés de cabra e chifres. Com o rosto pintado com o sumo de diferentes plantas e a testa coberta de flores, erravam em êxtase, cantando, dançando e tocando a flauta rústica. A um só tempo ator e espectador, esse coro de sátiros via desenrolar, diante de si, um espetáculo, visível somente para os que participavam da excitação dionisíaca. (Dias, 2005b, p. 53).

Em resumo, a visão de Nietzsche sobre a origem da tragédia na Grécia Antiga destaca a importância da adoração a Dionísio, onde a música, o êxtase e a natureza instintiva desempenhavam um papel central. O coro de sátiros, ao celebrar o Deus e vivenciar a experiência dionisíaca, tornava-se ator e espectador de um espetáculo profundamente humano e irracional.

Essa compreensão da tragédia como uma expressão da dualidade entre o apolíneo e o dionisíaco é um dos pilares da filosofia nietzschiana, influenciando sua

visão sobre a cultura e a condição humana. Portanto, a tragédia grega não era apenas uma forma artística, mas uma manifestação essencial da experiência humana e sua relação com a natureza instintiva e transcendental.

Vejamos o resumo desta lição educativa extremamente envolvente e repleta de reflexões:

Nas terras onde os deuses do Olimpo tecem suas tramas celestiais, um mito de paixão e desatino se desenrola, tecido pelas mãos habilidosas de Eurípedes. Nos palcos da antiga Grécia, ergue-se a tragédia de Dionísio, o deus do vinho, da celebração desenfreada e da transformação.

Oh, Dionísio, nascido de uma gestação divina, onde o fogo ardente de Zeus consumiu sua mãe mortal Sêmele. Em sua juventude, vagou por terras estrangeiras, enfrentando desafios e adquirindo sabedoria. O vinho fluía em suas veias, e sua presença emanava uma energia selvagem e instigante.

A cidade de Tebas, governada por Penteu, resistia ao estímulo de Dionísio. O deus, em sua benevolência, buscava introduzir o culto do vinho e da festa, uma ode à liberdade e à alegria. No entanto, Penteu, envolto em sua soberba, repudiava as celebrações, mergulhando a cidade em um conflito divino.

Os seguidores de Dionísio, as Bacantes, mulheres em êxtase, dançavam pelos bosques, suas vestes flutuando como folhas ao vento. O deus, disfarçado entre eles, desafiou a lógica e a racionalidade, desencadeando o caos que subverteu as estruturas da sociedade.

Penteu, cego pela razão e pela negação do deus, encontrou seu destino trágico. Dionísio, em sua ira e compaixão, induziu o rei a infiltrar-se nas celebrações, onde as Bacantes, incluindo sua mãe Agave, em um frenesi divino, o despedaçaram como se fosse um animal selvagem.

A tragédia de Eurípedes, mistura alegria e dor, celebração e destruição. Dionísio, o deus do teatro, revelou-se não apenas nas palavras do dramaturgo, mas na representação viva dos atores no palco. Uma narrativa onde os limites entre deuses e mortais, razão e êxtase, se desvanecem.

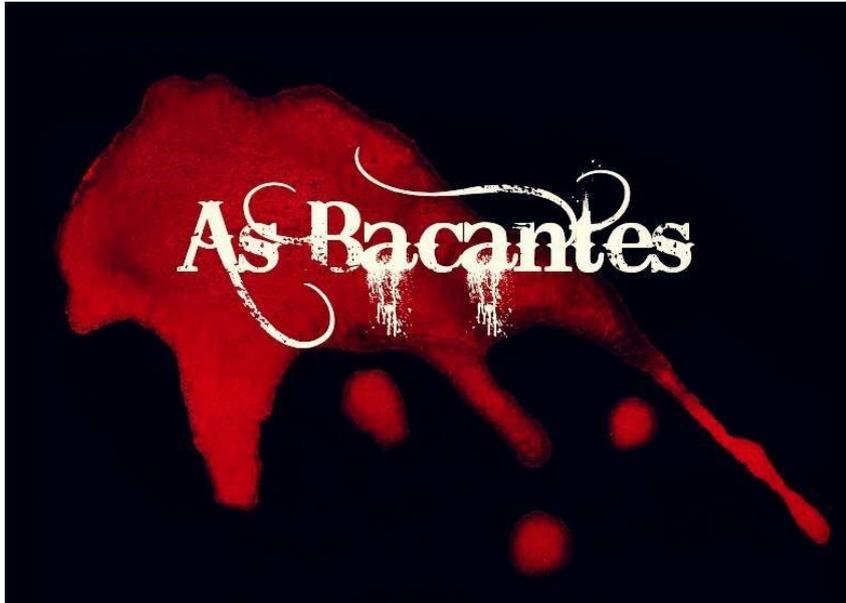
Assim, a tragédia de Dionísio ecoa através do tempo, uma ode eterna à dualidade humana, à busca incessante pela liberdade e ao poder transformador que flui em nossas veias.

2.3 A DRAMATURGIA DO POETA EURÍPEDES

Vinde! Erguei os vossos tamborins oriundos da Frígia, por Reia-Madre e por mim achados.

(Eurípedes, 2015, p. 11)

Figura 7 - As Bacantes: Tragédia Grega



Fonte: Acervo Arte-Mythos

Eurípedes foi um dos tragediógrafos mais famosos da Grécia Antiga, sua obra foi caracterizada por um estilo mais realista e humano, em contraste com a tradição mais idealista e heroica de outros tragediógrafos como Ésquilo e Sófocles. Ele geralmente retratava personagens complexos e moralmente ambíguos, como Medéia, que mata seus próprios filhos em busca de vingança por conta do marido infiel. São personagens multifacetadas e emocionalmente intensas, e ele tinha a tendência de explorar temas universais. Burian nos diz que:

Eurípedes é conhecido por ter criado algumas das personagens femininas mais complexas e poderosas da literatura ocidental. Suas peças exploram temas como a vingança, o amor, a traição, a guerra e a relação entre os deuses e os mortais. (2010, p. IX).

Assim sendo, na maioria de seus textos, o dramaturgo coloca o Coro mais próximo à palavra falada do que cantada. Tal característica, entre outras, é veementemente criticada por Nietzsche, que vê no Coro e sua musicalidade a força

essencial para afirmar o horror e a beleza da existência. Neste caso, para o filósofo, o dramaturgo põe no lugar do instinto o conceito.

Nietzsche interpreta a formação do coro dionisíaco como sendo a saída que os gregos encontraram para o problema da dor e da contradição do mundo. [...] Tal como nas artes apolíneas, os cultos dionisíacos deviam servir aos gregos como uma forma de transfiguração da realidade. (Lima, 2005, p. 60–61).

Neste sentido, é que os gregos da Antiguidade viviam o fenômeno estético, já que a arte era o coração da própria existência. Portanto, a arte trágica era uma forma de experienciar a dor e o sofrimento como algo sublime.

Se não tivéssemos aprovado as artes e não tivéssemos inventado essa espécie de culto do não-verdadeiro, a compreensão da universalidade do não-verdadeiro e da mentira que ora nos proporciona a ciência — essa compreensão da ilusão e do erro como condições do mundo intelectual — não seria em absoluto suportável. (Nietzsche, 2018, A Gaia Ciência, §107, p. 128).

Então, apesar de Eurípedes ter sido consagrado em sua época, enfrentou muitas críticas e controvérsias em vida. Alguns dos seus contemporâneos, incluindo Aristófanes, satirizavam suas peças e criticavam sua abordagem mais realista. Abaixo vemos uma enérgica crítica de Nietzsche contra o aspecto racional, intelectual e socrático introduzido em seus espetáculos, reduzindo o teatro à lógica e a razão em detrimento das emoções e da vida instintiva. O que, para o Nietzsche, matou a força do mito, deixando-o moribundo, impossibilitando a afirmação do próprio ser humano.

Que querias tu, sacrílego Eurípedes, quando buscaste forçar esse moribundo a ainda te servir? Ele morreu em tuas mãos violentas; e então precisaste de um mito copiado, mascarado, que, como o macaco de Hércules, apenas podia se enfeitar com o antigo fausto. E, assim como em ti morreu o mito, também morreu em ti o gênio da música: ainda que saqueando com avidez os jardins todos da música, conseguiste apenas uma música mascarada, copiada. E, porque abandonaste Dionísio, Apolo te abandonou; tira todas as paixões de seus esconderijos e as encerra no teu círculo, aguça e apura uma dialética sofisticada para as falas dos teus heróis — também os teus heróis têm apenas paixões copiadas e mascaradas e dizem apenas falas copiadas e mascaradas. (Nietzsche, 2020, O Nascimento da Tragédia, §10, p.77).

A crítica a Eurípides aponta que a arte perde vitalidade e profundidade ao abandonar a essência dionisíaca da tragédia. Essa ausência de autenticidade na expressão artística pode levar à superficialidade e à falta de significado na vida dos sujeitos, como vemos em alguns alunos da EJA. Isso porque as pessoas podem imitar emoções em vez de experimentá-las genuinamente e, assim, podem ficar presas em uma superficialidade emocional e intelectual devido à falta de uma forma de expressão que lhes permita explorar profundamente suas vivências.

No entanto, ao se tratar de *As Bacantes* percebe-se que sua estrutura e forma são únicas. Enquanto suas outras peças geralmente seguem uma estrutura tríplice com prólogo, episódios e êxodo, *As Bacantes*, apresenta uma estrutura mais complexa e fluida, com ações simultâneas ocorrendo em diferentes lugares e tempo. Sua temática também é notável, ao abordar a tensão entre a ordem civilizada e a natureza selvagem e indomável humana. É considerada a peça mais musical de Eurípides, com coros e danças que desempenham um papel importante na trama e no desenvolvimento dos personagens. Assim, vê-se o retorno de Eurípides a tragédia original.

Em '*As Bacantes*', Eurípides retorna à forma original da tragédia, com um coro que canta e dança, revelando a natureza ritual e religiosa da tragédia grega. O coro não é mais apenas um comentário sobre a ação, mas uma força ativa que participa da ação e do conflito dramático. (Burian, 2010, p. 15).

O retorno de Eurípides à forma original da tragédia, com o coro desempenhando um papel central, transmitindo não apenas ideias, mas também paixões e conflitos emocionais, levou o espetáculo ao primeiro lugar nas Dionisiacas.

Segundo Lesky (1996), nas encenações nos teatros de arena, o coro desempenhava o papel da opinião pública, voz da cidade ou de um grupo social relacionado à trama. Ele comentava os fatos, manifestando as emoções do público, criando a atmosfera da peça e proferia conselhos ou advertências aos protagonistas. Sua estrutura se divide da seguinte forma: prólogo, párodos, episódios, estásimos e êxodo.

Eis a estrutura das tragédias gregas:

Figura 15 - Estrutura da Tragédia Grega

<p>1. Prólogo:</p> <p>A parte inicial da tragédia que apresenta os personagens, o tema e o conflito.</p>	<p>2. Párodo:</p> <p>A entrada do coro no palco, cantando e dançando. O coro geralmente representa um grupo social relacionado à história.</p>
<p>3. Episódios:</p> <p>As cenas no palco entre os cantos corais, com os atos que constituem a intriga. Os episódios mostram o desenvolvimento e o clímax do conflito.</p>	<p>4. Estásimos:</p> <p>Os trechos líricos executados pelo coro entre os episódios. Os estásimos comentam a ação, expressam a opinião do público e criam a atmosfera emocional.</p>
<p>5. Êxodo:</p> <p>A parte final da tragédia, que mostra o desenlace ou o desfecho. O êxodo revela as consequências do conflito e o destino dos personagens.</p>	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

CAPÍTULO III

3 O CAMINHO DA PESQUISA: DESAFIOS PARA UMA ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA

Acho-me diante de minha mais alta montanha e de minha mais longa caminhada: por isso devo antes descer mais profundamente do que jamais desci: — descer mais profundamente na dor do que jamais desci, até sua mais negra maré! Assim quer meu destino: pois bem, estou pronto.

(Nietzsche, 2018, Assim Falou Zaratustra, p. 129–130)

Neste capítulo, desenha-se a trilha da nossa abordagem metodológica, a hermenêutica, entrelaçada na essência poética de Nietzsche, o filósofo que entou a vida em versos e transformou a arte na chave-mestra do universo. Para ele, a filosofia transcende a mera erudição; é uma maneira de criar, sentir e existir. A arte é o caminho para desvelar a potência que reside em cada ser: a essência da existência. Neste sentido, propôs-se entrelaçar a arte no tecido do aprender e ensinar a filosofar, pois a arte convida a indagar e imaginar, desafia a metamorfosear-se e a metamorfosear, estimula a caminhar e criar caminhos. Por isso, a imagem do pé, pertencente a um participante na adaptação de “As Bacantes” (2013), é uma metáfora do percurso desta pesquisa, imersa na arte trágica e na constante negociação entre diferentes facetas da existência, múltiplas formas de expressão e diversas vias do conhecimento.

Figura 9 — As Bacantes: O caminho (2013)



Fonte: Acervo Arte-Mythos

O pé também simboliza movimento, deslocamento, jornada e passagem. Ele nos une à terra, mas ainda nos possibilita transcender as barreiras impostas pela realidade. Assim, esta pesquisa não é apenas uma busca por respostas, mas uma exploração de possibilidades, uma criação destinada a forjar a beleza da própria vida.

Foi neste sentido que indagamos: Como a arte trágica, inspirada na tragédia grega “As Bacantes” (2013), pode contribuir para a construção de uma estética da existência na EJA, em um contexto de silenciamento e apatia? De que forma a crítica de Nietzsche ao racionalismo e a valorização da experiência, imaginação e emoção, aliadas ao “cultivo de si”, auxilia na superação do niilismo passivo? Como os símbolos podem nos ensinar algo sobre nós mesmos e sobre o mundo, especialmente o mito de Dionísio? Quais são os elementos da arte trágica de Nietzsche, presentes no estudo e adaptação do texto “As Bacantes”, que contribuem para o desenvolvimento de experiências reflexivas sobre problemas do mundo? Estas indagações permeiam essa jornada investigativa, a partir de uma perspectiva filosófica e poética.

3.1 CONTEXTO DO PROBLEMA: VAZIO EXISTENCIAL E SILENCIAMENTO DOS ALUNOS DA EJA

Da prática do sábio — Para se tornar sábio, é preciso querer experimentar certas vivências, ou seja, cair deliberadamente em suas goelas. Algo certamente muito perigoso: mais de um ‘sábio’ já foi aí devorado.

(Nietzsche, 2017, Humano Demasiado Humano II, §298, p. 239)

A imagem abaixo exposta se desvela como uma metáfora, tecendo os fios do problema da pesquisa em uma dança sutil entre o vazio existencial e o silenciamento de alguns alunos na EJA. As Mênades, nesse palco visual, simulam a proibição de palavras, cativas dos limites impostos pela sociedade à sua expressão. Nessa dança restrita, muitos educandos se veem enredados, lutando para descobrir e dar voz à sua essência, suas opiniões e desejos. As Mênades, enquanto musas dessa narrativa, personificam as imposições que sufocam o “cultivo de si” e a metamorfose dos jovens e adultos em busca de “ser o que se é”.

Figura 10 — *As Bacantes: Silêncio...* (2013)



Fonte: Acervo Arte-Mythos

Esse vazio e silêncio que habitam muitos alunos da EJA mostram a busca por respostas que não se encontram, a angústia de existir sem saber por quê. O silêncio é a ausência de voz, de opinião e de vontade, ante a presença da alienação, submissão e exclusão. Esses alunos carregam consigo as marcas de uma educação interrompida, de uma vida marcada por desafios e adversidades, que os levam ao desânimo, à apatia e à resignação.

A falta de vivências e saberes prévios emerge como uma das razões pelas quais esses alunos permanecem em silêncio. Quando as respostas se tornam meramente automáticas, perdemos a chance de explorar conceitos, desafiar ideias preconcebidas ou enriquecer nossa compreensão, relegando-nos a uma dança monótona e previsível. Conforme Freire:

O mutismo não é propriamente inexistência de resposta. É resposta a que falta teor marcadamente crítico. Não há realmente, como se possa pensar em dialogação com a estrutura do grande domínio, com o tipo de economia que o caracterizava, marcadamente autárquico. A dialogação implica uma mentalidade que não floresce em áreas fechadas, autarquizadas. Estas, pelo contrário, constituem um clima ideal para o antiálogo (2014b, p. 80–81).

Portanto, para aprofundar a jornada do aprendizado, é imperativo fomentar uma cultura reflexiva, incentivando a busca por uma voz e a expressão de ideias. A

arte e a filosofia, como parceiras de dança, desafiam as estruturas educacionais convencionais, nutrindo o desenvolvimento humano integral. Contudo, muitas vezes, são relegadas ao segundo plano em favor de disciplinas consideradas “práticas” ou “essenciais”. Nietzsche (2020, A Vontade de Poder, § 853, p. 558) afirmava que "A arte é a grande possibilitadora da vida, a grande sedutora para a vida, o grande estimulante da vida...", ressaltando seu papel vital na expressão criativa e na compreensão das complexidades da existência, enquanto sua ausência contribui para o silêncio dos alunos.

Na tentativa de superar esses desafios de aprendizagem, a análise de uma obra teatral emerge como um catalisador, estimulando de maneira perspicaz a perspectiva filosófica imersa no tecido textual. A arte dramática, entrelaçada com o pensamento do filósofo escolhido pelo educador, atua como uma bússola, orientando os educadores em uma jornada filosófica dinâmica e dialógica, conduzindo ao crescimento pessoal.

Nossa fonte primária, a obra teatral “As Bacantes” (2013), foi escolhida como o palco para que nossos participantes se entregassem aos conceitos de Nietzsche, com o propósito de desvendar como esse autor dança com a jornada humana, percebendo os dilemas do mundo e defendendo a arte como linguagem essencial em nossas vidas.

Para atingir esse objetivo, nosso projeto imergiu nas águas do material educativo utilizado na adaptação da peça “As Bacantes” (2013) de Eurípedes. Assim, criamos um material didático que tem como uma suave brisa instigar a sensibilidade e refletir por meio da arte dramática contribuindo para o ensino-aprendizagem de filosofia na EJA.

Nesse cenário, conduzimos uma abordagem didática em colaboração com a Instituição Amazônia Arte-Mythos em Manaus, no ano de 2013. Durante essa experiência, jovens e adultos participaram da leitura e discussão da obra “As Bacantes” de Eurípedes, visando criar uma versão própria que explorasse questões sociais, políticas e culturais contemporâneas. Cada passo dessa dança foi registrado em vídeos, fotos e depoimentos, preservando o resultado da adaptação para futura análise, que ocorreu durante este Mestrado Profissional em Filosofia, realizado no período de 2022/2023.

Assim, o foco residia no processo, não no produto. Não ansiávamos que os educandos se tornassem artistas, escritores ou filósofos, mas sim que a arte

contribuísse para um ensino filosófico mais criativo, crítico e dialogante. Essa era a visão que guiou a criação deste material didático, ancorado na dramaturgia de Eurípedes e na filosofia de Nietzsche, dois artífices que celebraram a arte como forma de expressão e conhecimento

3.2 O MÉTODO: DESVENDANDO O SIGNIFICADO PROFUNDO

O método e as metodologias propõem: Analisar de que maneira a arte trágica, inspirada na tragédia grega “As Bacantes” (2013), pode contribuir para a construção de uma estética da existência na EJA, em um contexto de silenciamento e apatia. Avaliar como a crítica de Nietzsche ao racionalismo e a valorização da experiência, imaginação e emoção, aliadas ao “cultivo de si”, auxilia na superação do niilismo passivo. Investigar como os símbolos podem nos ensinar algo sobre nós mesmos e sobre o mundo, especialmente o mito de Dionísio. Examinar como os elementos da arte trágica de Nietzsche, presentes no estudo e adaptação do texto “As Bacantes”, contribuem para o desenvolvimento de experiências reflexivas sobre problemas do mundo.

A jornada metodológica segue os princípios da abordagem qualitativa e descritiva, escolhida por se concentrar na compreensão aprofundada e contextualizada dos fenômenos, permitindo explorar as complexidades do pensamento humano, da criatividade e das percepções dos participantes envolvidos na adaptação de “As Bacantes” (2013). Essa escolha se justifica pelo fato de que essa abordagem demanda uma análise cuidadosa do objeto de estudo, que é uma obra literária, forma de expressão artística que envolve subjetividade e significado. Além disso, essa abordagem permite uma exploração em profundidade que acompanha de forma minuciosa as experiências, percepções e reflexões dos participantes, sendo essencial para compreender como a arte afetou o pensamento crítico dos educandos e suas percepções e reflexões sobre a realidade a partir do material documentado.

A investigação qualitativa é descritiva. Os dados recolhidos são em forma de palavra ou imagens e não de números. Os resultados escritos da investigação contêm citações feitas com base nos dados para ilustrar e substantiar a apresentação. Os dados incluem transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registros oficiais. Na sua busca de conhecimento, os investigadores

qualitativos não reduzem as muitas páginas contendo narrativas e outros dados a símbolos numéricos. Tentam analisar os dados em toda a sua riqueza, respeitando, tanto quanto o possível, a forma em que estes foram registrados ou transcritos (Bogdan; Biklen, 1994, p. 48).

Quanto à epistemologia escolhida, adotamos a hermenêutica, guiados por Paul Ricoeur (2009): uma abordagem concentrada na interpretação profunda e contextualizada de textos, símbolos e narrativas. Pois a verdade não pode ser reduzida a um método científico ou lógico, mas deve ser buscada através de uma compreensão da exegese, que leva em conta o contexto histórico, cultural e linguístico dos fenômenos. Ela se mostra apropriada para este estudo devido à sua ênfase na interpretação contextualizada e na compreensão simbólica, permitindo uma análise aprofundada da experiência da “arte trágica” imbuída na tragédia grega.

Com esta epistemologia, buscamos desvelar os significados subjacentes à adaptação de “As Bacantes” (2013) e sua influência na visão de mundo e na criatividade dos participantes. No contexto do método hermenêutico, a reflexão de Nietzsche se fundamenta na ideia de que a arte é uma forma de interpretação do mundo. O artista é um intérprete que cria formas de significado a partir do caos da realidade.

Nietzsche nos convida à percepção de que a arte também é uma forma de criação de valores. O artista cria valores, novas formas de ver o mundo e de viver a vida. O método hermenêutico, busca compreender o sentido de um texto, de um símbolo, de uma metáfora, é um instrumento útil para compreender a arte como criação de interpretação e de valores.

Dessa forma, o método nos ensina que qualquer texto, seja ele uma obra literária ou a própria realidade, é um campo a ser desvendado, cada um sendo influenciado por experiências, valores e conhecimentos do intérprete. Ressoa que a interpretação não é apenas uma decodificação mecânica de palavras, mas um processo que envolve nossa experiência pessoal e a capacidade de encontrar ressonância entre diferentes formas de expressão.

Assim, a hermenêutica nos lembra que a interpretação é uma atividade interconectada, na qual o texto e o intérprete dialogam em busca de uma compreensão mais profunda que transcende as restrições das palavras.

Segundo Severino (2013), a hermenêutica:

[...] pressupõe que toda a realidade da existência humana se manifesta expressa sob uma dimensão simbólica. A realidade humana só se faz conhecer na trama da cultura, malha simbólica responsável pela especificidade do existir dos homens, tanto individual quanto coletivamente. E, no âmbito cultural, a linguagem ocupa um lugar proeminente, uma vez que se trata de um sistema simbólico voltado diretamente para essa expressão (Severino, 2013, p. 109).

Temos os seguintes passos realizados a partir da orientação de Paul Ricoeur (2009):

No processo de pesquisa em 2013, a interpretação contextualizada foi decisiva, ressaltando a importância de compreender a dramaturgia em seu contexto histórico para criar uma adaptação que refletisse artisticamente os tempos contemporâneos.

A ênfase na subjetividade dos alunos ao analisar suas respostas à obra e aos eventos atuais foi crucial. A análise de símbolos revelou camadas ocultas na narrativa, explorando como os educandos interpretaram os símbolos em "As Bacantes" à luz da modernidade. A triangulação de dados, combinando relatos escritos, fotos e vídeos, garantiu a consistência e validade das interpretações dos participantes, enquanto a codificação e categorização identificaram temas e padrões de forma sistemática.

Contextualizando as respostas dos alunos em relação aos eventos da peça na Antiguidade e à adaptação em 2013, evidenciou-se a reflexão sobre o mundo contemporâneo. Isso, através da análise de dados, realizada por meio da hermenêutica que examinou a adaptação de "As Bacantes" (2013). Por fim, os resultados geraram um E-Book, proporcionando uma base valiosa para docentes aplicarem essas descobertas no cenário educacional.

Portanto, a combinação desses aspectos metodológicos forneceu uma estrutura sólida para esta pesquisa e ajudou a responder às perguntas sobre o impacto da adaptação de "As Bacantes" no pensamento crítico dos alunos jovens e adultos. E assim, buscou cultivar experiências de sentido, de significado e de transformação.

3.3 LÓCUS: ARTE-MYTHOS ESPAÇO DE VIVÊNCIAS E REFLEXÕES

Quem alcançou em alguma medida a liberdade da razão, não pode se sentir mais que um andarilho sobre a Terra — e não um viajante que se dirige a uma meta final: pois esta não existe. Mas ele observará e terá olhos abertos para tudo quanto realmente sucede no mundo; por isso não pode atrelar o coração com muita firmeza a nada em particular; nele deve existir algo de errante, que tenha alegria na mudança e na passagem.

(Nietzsche, 2005, Humano Demasiado Humano I, §638, p. 257-258)

Figura 11 — As Bacantes: Liberdade de Experimentar (2013)



Fonte: Acervo Arte-Mythos

Amazônia Arte-Mythos, uma instituição dedicada à arte, foi fundada em 25 de maio de 2006, CNPJ: 08.045.954/0001-22, na Avenida Presidente Kennedy, 596, bairro de Educandos, Zona Sul de Manaus, Amazonas, Brasil, com o registro n.º 00018249 no Livro A-305 das Pessoas Jurídicas e dissolvida em 29 de janeiro de 2016. Esse espaço cultural era aberto a todas as pessoas interessadas em atividades artísticas e crítico-reflexivas, proporcionando um ambiente onde a expressão era incentivada sem medo de julgamentos. Nele, a experimentação era encorajada, estimulando a descoberta de novas possibilidades artísticas e conceituais, contribuindo para enriquecer a experiência humana.

O salão principal, coração desse espaço cultural, emanava uma atmosfera acolhedora e inspiradora. A varanda nos fundos oferecia uma vista deslumbrante para um jardim exuberante, conectando os participantes à natureza. Nas estantes, repletas de livros, via-se o material do projeto "LEITURA DRAMATIZADA" que

incentivava a busca pelo conhecimento. Havia também prateleiras ornamentadas de bonecos do projeto "AME A AMAZÔNIA" que destacavam a interligação entre arte e preservação ambiental. Outro elemento notável eram as araras repletas de figurinos das peças de teatro e dança criadas no projeto "CONTANDO LENDAS" e "DANÇAS ANCESTRAIS", este último em parceria com a Grupo de Dança Uatê.

Em baús, havia os adereços que eram utilizados em diversas produções artísticas, uma delas o projeto "ENSINANDO PARA A VIDA", tesouros que enriqueciam as apresentações e estimulavam a imaginação. Nas paredes, fotografias dos participantes do projeto fotográfico "EU QUERO VER O RIO" e do projeto teatral "TRAGECONTEMPORÂNEO" capturavam momentos significativos e emocionantes, destacando a importância da expressão visual na comunicação e na reflexão. Era um lugar mágico, onde a arte, a criatividade e o experimento fluíam livremente.

Um projeto notável, "Tragecontemporâneo", liderado pelos docentes Narda Telles e Paulo Queiroz, buscava reflexões críticas por meio do Teatro e da Filosofia. Baseando-se em tragédias gregas (Medéia, Prometeu, Antígona, As Bacantes), o projeto promovia experiências estéticas compartilhadas, que ocorriam na quadra do SINTTEL/AM. Então, durante um mês, no primeiro semestre de 2013, no horário noturno, de segunda a sexta-feira, das 17:00 às 21:00, os participantes mergulharam na análise textual, desvendando camadas de significado e sentidos profundos. Além disso, a missão da instituição também fomentava debates democráticos, estimulando a criatividade e promovendo pesquisas em diversos campos artísticos e filosóficos. Ali, o fazer estético, como pingos no oceano, buscava sanar, nem que fosse um pouco, a pobreza de experiências.

3.4 PARTICIPANTES: DITIRAMBOS¹⁹ DA TRAGÉDIA

O que diz sua consciência? — 'torne-se aquilo que você é'
(Nietzsche, *A Gaia Ciência*, 2018. §270, p. 152)

¹⁹ Os ditirambos eram cantos líricos entoados com o auxílio de fantasias e máscaras. Pouco depois essas manifestações evoluíram para a forma de representação inteiramente cênica, dando origem ao teatro. (<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/artes/teatro-grego>. Acesso: 21 jun. 2022).

Figura 12 — *As Bacantes: Participantes Ditirambos (2013)*



Fonte: Acervo Arte-Mythos

Antes de adentrarmos nos Ditirambos que protagonizaram esta pesquisa, é imperativo discorrer sobre a EJA. Uma modalidade de ensino que brotou das trincheiras dos movimentos sociais e educadores, almejando que todos pudessem vivenciar a educação, independentemente de idade, classe social ou histórico escolar. Essa batalha por uma educação inclusiva e transformadora é respaldada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96).

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida.

É crucial ressaltar que a EJA se erige como um farol de esperança para aqueles que, por inúmeros motivos, não lograram concluir sua jornada na escola regular. Como bem apontou Arroyo:

Os motivos que levaram esses jovens e adultos a não terem acesso ou a evadirem da escola regular são múltiplos e complexos. Eles estão relacionados às condições sociais, econômicas, culturais e políticas que marcam a vida dos grupos populares em nosso país. São motivos que revelam as desigualdades, as exclusões, as discriminações e as violências que esses sujeitos sofrem em seu cotidiano. São motivos que exigem uma educação que reconheça e valorize as suas histórias, as suas identidades, as suas lutas e os seus saberes. (2005a, p. 109).

O autor ainda reforça:

São sujeitos que vivem em condições precárias de trabalho e renda, que sofrem discriminações de gênero, raça e etnia. São sujeitos que buscam na EJA uma oportunidade de resgatar o seu direito à educação e à cidadania (Arroyo, 2017b, p. 15).

Nesse contexto, torna-se essencial que a EJA não se reduza à formação técnica e ao treinamento para o mercado de trabalho. É fundamental que as escolas proporcionem vivências que desafiem os educandos a abandonar as margens seguras, as zonas de conforto, e a explorar novas formas de expressão. Nesse sentido, Freire (2013e) preconizava uma educação estética, capaz de provocar a reflexão crítica de maneira consistente. Sem ela, os educandos são privados de desenvolver suas palavras, expressar sua criatividade, construir sua identidade, participar da cultura, sonhar e transformar-se.

Eu diria também que uma das notas centrais de uma prática educativa, principalmente nesses tempos atuais de avanços tecnológicos em que você pode virar tecnicista, é você viver intensamente a estética da educação. Sou tão exigente com isso que nem sequer uso a expressão que deu título ao famoso livro de Herbert Read 'A educação pela arte', nos anos 1950. A educação é já essa arte, apesar de se poder fazer pela arte também. Ela é em si uma proposta artística, ela já tem arte. (Freire, 2013c, p. 361).

Considerando a educação como uma proposta artística, esclarecemos que o projeto "Tragecontemporâneo", especificamente a análise e adaptação de "As Bacantes" (2013) foi concebido por um grupo de participantes diversificado e inspirador. Provenientes de distintos bairros de Manaus, trouxeram consigo uma variedade de experiências de vida e perspectivas.

Muitos desses membros eram jovens e adultos enfrentando desafios significativos em suas jornadas educacionais e oriundos de escolas públicas e bairros carentes que frequentemente lidavam com obstáculos de leitura, escrita e compreensão. Contudo, impulsionados pelo desejo de transpor essas barreiras e explorar o mundo da arte e da reflexão, uniram-se ao projeto.

Outros participantes eram estudantes universitários imersos em disciplinas como jornalismo, filosofia, sociologia, entre outras. Enxergavam no projeto uma oportunidade de aplicar seus conhecimentos acadêmicos em um contexto prático e interdisciplinar. Além disso, o grupo contava com artistas em busca de

aprimoramento, indivíduos já imbuídos de uma paixão pela expressão artística, mas que almejavam aprofundar suas reflexões sobre textos.

Também se faziam presentes alunos de cursos técnicos de teatro e dança, trazendo consigo habilidades e interesses específicos nas artes cênicas. Para eles, o projeto representava uma oportunidade ímpar de explorar a conexão entre teoria e prática. Todos esses participantes foram atraídos para o projeto pelo desejo comum de compreender melhor a si mesmos e ao mundo que os rodeia. Buscavam criar significado em suas vidas e comunidades, enxergando no “Tragecontemporâneo” uma oportunidade de concretizar tal intento.

Essa diversidade de idades e experiências enriqueceu sobremaneira o ambiente de aprendizado, proporcionando uma ampla gama de perspectivas e contribuições. Embora a primeira parte do projeto, dedicada à análise do texto, fosse inicialmente composta por muitos interessados, a segunda, referente aos ensaios, e a terceira parte, a encenação, foram concluídas com um seleto grupo de 10 sujeitos, todos maiores de 18 anos, composto por quatro homens e seis mulheres.

No cerne desse grupo heterogêneo, pulsava uma vontade compartilhada de mergulhar na análise profunda de “As Bacantes” e, ao fazê-lo, desvendar o coração da obra e sua relevância para suas próprias jornadas. Era um coletivo que representava a essência do comprometimento com a aprendizagem, a exploração e a autodescoberta.

É como Nietzsche (2018, A Gaia Ciência) mais uma vez nos sussurra, a arte consegue transcender a realidade comum e criar mundos imaginários, guiados por experiências e emoções. Uma forma de sonhar acordado, de ascender às alturas da fantasia, sem temores ou limites.

Basta amar, odiar, desejar, simplesmente sentir — imediatamente o espírito e a força do sonho vêm sobre nós, e de olhos abertos e indiferentes ao perigo escalamos os mais perigosos caminhos, rumo aos telhados e torres da fantasia, sem qualquer vertigem, como que nascidos para escalar — nós, sonâmbulos diurnos! Nós, artistas! Nós, ocultadores do que é natural! Nós, maníacos da Lua e de Deus! Nós, incansáveis e silenciosos andarilhos, em alturas que não vemos como alturas, mas como nossas planícies, nossas certezas! (Nietzsche, 2018, A Gaia Ciência, §59, p. 84).

Sem dúvida, o filósofo alemão se refere aos indivíduos que vivem intensamente como “artistas” e “ocultadores do que é natural”. Isso implica que a arte e a criatividade muitas vezes envolvem a capacidade de transcender as

limitações da realidade cotidiana e explorar os reinos da imaginação. Os “maníacos da Lua e de Deus” são aqueles que têm uma afinidade especial com o transcendental e o misterioso, encontrando inspiração nas alturas da contemplação e da experiência.

Este é o ato do conhecimento que precisa restaurado.

CAPÍTULO IV

4 O DIÁLOGO ARTE-FILOSÓFICO NAS BACANTES: AS VOZES DOS SUJEITOS DA PESQUISA

É preciso ter asas quando se ama o abismo...
(Nietzsche, 2007, *O Anticristo e Ditirambos de Dionísio*, p. 51).

Figura 13 — As Bacantes: SER O QUE É



Fonte: Acervo Arte-Mythos

Apesar de apresentar a prática didática separadamente, as aulas foram entrelaçadas e modificadas ao longo do caminho devido à natureza interativa e artística do processo, que nunca é fixo nem rígido.

4.1 A FILOSOFIA DE NIETZSCHE

A vida tornou-se-me leve, a mais leve, quando exigiu de mim o mais pesado.
(Nietzsche, 2008, *Ecce Homo*, §10, p. 41).

Em nossa jornada de exploração da filosofia de Nietzsche, optamos por textos que servem como janelas para suas ideias essenciais, buscando não apenas desafiar, mas também envolver de forma acessível e intrigante. Tal experiência, desdobrou-se em rodas de conversa, trazendo à tona as reações dos alunos e aprofundando a compreensão das ideias do filósofo.

- Nihilismo: O Anticristo, §1-5; A Gaia Ciência, §125; Assim Falou Zaratustra, “Do último homem”.
- Arte Trágica: O Nascimento da Tragédia, §1-4; A Gaia Ciência, §80; Ecce Homo, “O Nascimento da Tragédia”.
- Genealogia da Moral: A Genealogia da Moral, Primeira Dissertação, §1-17; Segunda Dissertação, §1-12; Terceira Dissertação, §1-28.
- Espírito Livre: Humano, Demasiado Humano, §225-239; A Gaia Ciência, §283-290; Além do Bem e do Mal, §40-44.
- Cultivo de Si: Ecce Homo, “Por que sou tão sábio”, “Por que sou tão inteligente”, “Por que escrevo livros tão bons”; A Gaia Ciência, §290; Assim Falou Zaratustra, “Da virtude que empequenece”.

4.2 RODAS DE CONVERSAS REFLEXIVAS

Eu vo-lo digo; é preciso ter um caos dentro de si para dar à luz uma estrela cintilante.

(Nietzsche, 2018, Assim Falou Zaratustra, §5, p.13)

Simultaneamente a leitura e discussão dos textos relacionados à filosofia de Nietzsche, realizamos rodas de conversas para explorar as reações dos alunos e aprofundar sua compreensão das ideias do filósofo alemão. Essas conversas foram oportunidades valiosas para estimular o pensamento crítico e promover discussões sobre diversos temas.

Figura 16 — As Bacantes: Dionísio em seu ritual báquico.



Fonte: Acervo Arte-Mythos

Figura 26 – As conversas

Nihilismo e Visões do Mundo - Começamos discutindo as diferentes visões dos alunos sobre o mundo. Alguns expressaram pessimismo, enquanto outros eram otimistas ou sentiam indiferença em relação ao mundo. Também exploramos o conceito de nihilismo, esclarecendo suas diferentes formas. Os alunos compreenderam como o nihilismo envolve uma sensação de vazio e falta de significado na vida.

Arte Trágica e a Relação entre Instinto e Razão - Abordamos a relação entre instinto e razão na Arte Trágica, destacando como Nietzsche via a razão como uma expressão do instinto humano. Discutimos como a arte trágica une essas duas forças para retratar a vida em sua totalidade, com suas alegrias e tristezas.

Crítica de Nietzsche à Moral - Exploramos as críticas de Nietzsche à moralidade, destacando que ele via a moral como uma construção social e não como algo divino. Os alunos refletiram sobre como a moral pode ser usada para controlar as pessoas e discutiram as ideias de Nietzsche sobre a criação de uma nova moral mais autêntica e criativa.

Espírito Livre e Tecnologia - Investigamos a viabilidade de manter um espírito livre na sociedade atual, considerando o impacto da tecnologia. Os alunos refletiram sobre como a tecnologia pode influenciar tanto a liberdade de pensamento quanto à conformidade com o que é popular.

Cultivo de Si e Autodesenvolvimento - Encerramos nossa exploração com o conceito de "cultivo de si". Os alunos compreenderam que cultivar a si mesmos envolve autoconhecimento, autenticidade e aprendizado com as experiências, lembrando que não há necessidade de sentir culpa ao cuidar de si mesmos.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Essas rodas de conversas proporcionaram um espaço valioso para os alunos explorarem ideias complexas de Nietzsche, incentivando o pensamento crítico e a reflexão sobre questões filosóficas importantes. Ao longo dessa trajetória filosófica, observamos as diversas reações dos alunos, desde curiosidade como exploradores audaciosos até sentimentos de sobrecarga pela profundidade das ideias. Para dissipar as névoas da incompreensão, utilizamos exemplos simples e metáforas, tornando as abstrações mais concretas e acessíveis. Este processo destacou a importância de adaptar a linguagem e o conteúdo filosófico às necessidades dos participantes, fomentando o florescer do pensamento crítico e envolvendo-os em discussões instigantes sobre o pensamento do filósofo e seu impacto na vida e na cultura contemporânea.

4.3 EXPLORANDO A TRAGÉDIA GREGA “AS BACANTES”

Evoé!”, o deus Évio magnificai; magnificai o deus com frígios clamores, enquanto o loto a sacra melodia entoa, que conduz a vagante fúria para os montes, para os montes... E tal como uma poldra segue a mãe pela campina aberta, a Bacante corre e salta com seus pés velozes.

(Eurípedes, 2015, p. 13)

Figura 8 – As Bacantes: Epifania



Fonte: Acervo Arte-Mythos

Eis o enlevo das Mênades ao mergulhar em uma dimensão da existência que pulsa com intensidade e vitalidade. Através da magia da arte, aqueles que se entregavam a esse culto podiam vislumbrar uma realidade de poesia, misticismo e segredos profundos, uma realidade que desvendava emoções de transformação para a alma humana e, por extensão, para o mundo. Nesse êxtase, eles se conectavam com o sagrado, tocavam o divino, roçavam o transcendental e se abraçavam com o absoluto, envolvidos em momentos de arrebatamento, revelação e comunhão.

i. Leituras Coletivas de “As Bacantes”

Figura 8 – As Bacantes: Do ler ao Entender

Contexto da Atividade: Entre os suspiros da tragédia "As Bacantes" de Eurípedes,

buscamos erguer um cenário de diálogo e imersão no palco de madeira, transformando-o em um teatro vivo de interações e compreensões coletivas. Cópias impressas do texto foram distribuídas aos alunos, que, em círculo, tornaram-se o epicentro de nossa jornada dramaturgica.

Desafios da Leitura: Os desafios da leitura se revelaram como um convite intrigante. A linguagem arcaica e as estruturas dramáticas únicas sussurravam enigmas aos alunos acostumados a narrativas mais contemporâneas ou a nenhuma experiência de leitura. Entre cada pausa na dramaturgia, desvendamos o significado das falas, permitindo que os alunos navegassem pelas nuances do texto como em águas ancestrais.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

ii. Os símbolos de As Bacantes

Eurípedes teceu em sua obra um manto de simbolismos que iluminam temas profundos e complexos da tragédia grega. Explorando esses símbolos cuidadosamente entrelaçados na narrativa, revelamos camadas mais profundas de significado, proporcionando aos alunos uma apreciação mais rica da obra. Apresentamos os seguintes tópicos simbólicos:

Figura 8 – As Bacantes: Leitura simbólica

Dioníso (Baco): Representa a natureza selvagem e indomada, a dualidade humana, os impulsos irracionais e as paixões reprimidas. Ele mostra a necessidade de equilibrar a razão e a emoção.

Penteu: Representa a racionalidade excessiva e a repressão dos desejos naturais, tenta controlar a natureza humana, mesmo que isso leve à destruição. Sua cegueira para a verdade sobre Dioníso reflete a ignorância e a falta de autoconhecimento.

As Bacantes (Seguidoras de Dioníso): Representa a busca pela liberdade e êxtase. Mostram a necessidade humana de escapar das restrições sociais, desafiando a ordem estabelecida e questionando a autoridade.

Monte Citeron: Representa o local dos rituais das Bacantes, simboliza um espaço de transformação e renovação, onde as pessoas podem se libertar das restrições sociais e reconectar-se com sua natureza mais profunda.

O Teatro como Espelho da Sociedade: Representa a sociedade grega antiga, que questiona normas sociais, autoridade e a relação entre indivíduo e sociedade, provocando reflexões densas.

Máscaras e Disfarces: Representa a ocultação da real identidade, simbolizam a capacidade de esconder impulsos e desejos verdadeiros por trás de uma fachada social.

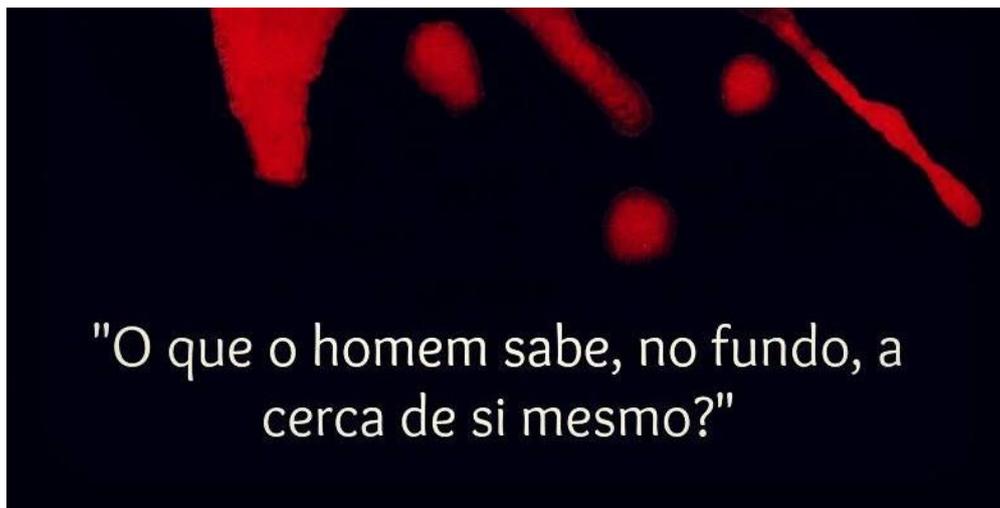
Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Esses símbolos oferecem uma visão crítica da sociedade grega antiga que continua a ser relevante para reflexões sobre a condição humana até hoje. Eles também oferecem aprendizagens valiosas para a adaptação do espetáculo, como a importância de aceitar a complexidade da natureza humana, reconhecer a ignorância, buscar o autoconhecimento, questionar normas sociais quando necessário, valorizar a experiência e a liberdade pessoal, além de refletir criticamente sobre as estruturas sociais.

iii. Lições a partir da Tragédia

Após as leituras e entendimento dos símbolos, os participantes foram desafiados a explorar o que mais os intrigou no texto. No encontro seguinte trouxeram essa imagem com a seguinte pergunta:

Figura 17 – Reflexão



Fonte: Elaborado pelos Alunos

Perguntamos qual trecho da peça os levou aquele questionamento e, para melhor ilustrar suas respostas, produzimos um quadro com esses tópicos.

Figura 18 – Falas e Pensamentos

Trecho da peça	Respostas dos alunos
<p>Penteu: Quem é esse deus que dizes ter chegado agora à Grécia?</p> <p>Tirésias: Dioníso, filho de Zeus, é o que ele se chama.</p> <p>Penteu: Zeus? Não há nenhum</p>	<p>Neste texto, o personagem Penteu está falando sobre Dioníso, um deus que é seu primo. No entanto, não acredita que Ele seja um deus de verdade e o despreza. Penteu não conhece a si mesmo, pois ele ignora sua própria</p>

<p>Dionísio, filho de Zeus.</p> <p>Tirésias: Sim, há. Ele foi gerado por Sêmele, filha de Cadmo.</p> <p>Penteu: Como pode Zeus gerar um filho no ventre de uma mortal?</p> <p>Tirésias: Ele o salvou do raio que matou sua mãe.</p>	<p>história. Ele é descendente de Cadmo, que foi o fundador da cidade de Tebas e o avô de Dionísio. Então, ao rejeitar Dionísio, Penteu está rejeitando sua própria família e sua origem.</p> <p>Entretanto, Penteu não é o único que enfrenta uma crise de identidade. Acreditamos que, talvez, ninguém verdadeiramente compreenda quem é. Com o avanço da tecnologia, torna-se fácil se alienar, pensando que estamos livres.</p> <p>Também, vivemos em um mundo complicado, no qual nossa identidade é constantemente questionada, seja em relação à nossa raça, sexualidade ou cultura.</p>
--	---

Fonte: Elaborado pelos alunos

Através destes entendimentos dos participantes, emergiu uma clareza reveladora: eles identificaram um tema central na peça que ressoa com a filosofia de Nietzsche. O conflito entre racionalidade e instinto, civilização e natureza, moralidade e liberdade, desconhecer-se e autoconhecer-se. Esses dilemas emergiram como uma linha sutil, tecida nas entrelinhas da tragédia de Eurípedes, onde os personagens, muitas vezes, renegam seus desejos e impulsos naturais para se conformarem a uma ordem social rígida, refletindo os desafios enfrentados por indivíduos na sociedade.

Dionísio, figura central na trama, surge como uma força desafiadora dessa conformidade. Sua presença marcante ilustra a negação da predefinição e identidade uniforme. Ele se torna o catalisador que, ao desafiar as normas estabelecidas, instiga a reflexão sobre a constante busca pela descoberta da própria identidade. Os participantes, guiados por cada passo do processo didático, perceberam que, assim como os personagens da peça, estão em uma jornada contínua de autodescoberta.

4.4 O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO DE “AS BACANTES”

i. As Bacantes no tempo presente

Nossos passos iniciais na jornada da adaptação foram como notas soltas, sussurrando aos participantes o desafio de encontrar similaridades entre a tragédia ancestral das Bacantes, as reflexões de Nietzsche e os acontecimentos contemporâneos. Resumindo o canto de ideias, eles compartilharam os seguintes temas, que a pesquisadora organizou em uma planilha, como um mosaico de conexões entre os antigos e os modernos.

Figura 19 — Paralelos: As Bacantes, Nietzsche e Atualidade

Acontecimentos de As Bacantes	Pensamento de Nietzsche	Acontecimentos da atualidade
Dionísio retorna a Tebas para vingar sua mãe, Sêmele, que foi morta por Hera por ser amante de Zeus.	Dionísio representa para Nietzsche o deus da vida, da paixão, da embriaguez e da transgressão. Ele é o símbolo da força artística que afirma a existência em sua plenitude e diversidade.	Podemos relacionar esse acontecimento com as manifestações culturais que desafiam as normas e os poderes estabelecidos, que reivindicam o direito à diferença e à liberdade, que celebram a diversidade e a criatividade.
Penteu, o rei de Tebas, proíbe o culto a Dionísio e tenta reprimir as bacantes, seguidoras do deus, que se entregam ao êxtase e à loucura no monte Citéron.	Penteu representa o pensamento racionalista, moralista e tirânico dos governos atuais.	Podemos relacionar esse acontecimento com as formas de autoritarismo, conservadorismo e manipulação para controlar e censurar as expressões artísticas e filosóficas, a fim de imporem uma visão única, homogênea e alienada da realidade, que negam a complexidade e a contradição da vida.
Dionísio se disfarça de forasteiro e seduz Penteu a espiar as bacantes no monte. Lá, ele é reconhecido pelas mulheres enlouquecidas, que o atacam	Dionísio pode se revelar em Nietzsche como deus trágico, que provoca a queda e a morte de Penteu, mas também o faz participar do seu mistério, tendo que	Podemos relacionar esse acontecimento com as situações em que as pessoas são confrontadas com os limites da razão e da

e o despedaçam, incluindo sua mãe Agave.	encarar a morte.	ordem, reprimindo o instinto e a vida, mas, obrigadas no fim a reconhecer sua fragilidade e finitude.
--	------------------	---

Fonte: Elaborado pelos alunos e organizado pela pesquisadora

Os participantes, como arquitetos de pensamentos, desenharam paralelos vívidos ao desvendar a obra de Eurípides. Nesse palco antigo, a tragédia desdobrava-se, revelando o embate entre o espírito dionisíaco, dançante e representante da vida, arte, paixão e transgressão, e a tirania de Penteu. Esses fios entrelaçados de significado mostraram que a obra, escrita há mais de dois milênios, não é um eco distante e incompreensível, mas uma melodia atemporal que ainda nos ensina. A tragédia grega, longe de ser um relicário do passado, emerge como uma linguagem para expressar e refletir sobre questões que ecoam universais e atuais.

ii. Quem podem ser os personagens na adaptação?

Do olhar dos participantes, pedimos que tecessem uma manta de analogias entre os personagens da peça e os seres, instituições e elementos da nossa sociedade, lançando os fundamentos para a construção do texto teatral adaptado. Eis a comparação, forjada com engenho por eles.

Figura 20 — Os personagens de As Bacantes na Atualidade

<p>CORO — como um eco da modernidade, personifica as vozes de um mundo inquieto, repleto de loucura, ansiedade, desordem, insegurança, violência, desemprego, corrupção e solidão. Sua forma, fluida como a própria sociedade, pode metamorfosear-se em Penteu, Agave, Dioníso, Sêmele, Tirésias, cada um representando momentos singulares. Em vez de falar, eles cantam, como uma sinfonia de múltiplas identidades.</p> <p>DIONÍSO — o arauto da arte, transcende os limites e convenções, buscando o sublime e o transgressor nas notas da música e nos passos de dança. É o filósofo que desafia a certeza, incentiva a exploração de novas formas de pensar e viver, a transgressão dos medos e preconceitos.</p> <p>PENTEU — figura despótica, personifica qualquer instituição controladora, indiferente aos direitos e liberdades fundamentais dos cidadãos. Utiliza força, violência e manipulação para reprimir e controlar, impondo o medo, a opressão e a injustiça como formas de governar.</p>
--

AGAVE — marcada pela soberba e ignorância, reflete a era das redes sociais, alimentando-se da difamação alheia e forjando uma aparência falsa em busca de validação virtual. Considera-se superior, mas, na verdade, é cega em sua tolice.

SÊMELE — a transgressora de limites entre o humano e divino, feminino e masculino, ordem e caos. Mãe do deus que traz loucura e libertação, ela representa incompreensão humana do autoconhecimento e liberdade.

TIRÉSIAS — o prudente não ouvido, mesmo pelos poderosos tiranos. Cego, vê além do convencional, mediador entre os mundos, conhecedor dos mistérios de Dionísio e segredos da vida.

Fonte: Realizado pelos Alunos

Ao explorarem e organizar a analogia dos personagens, os participantes não apenas refletiram, mas forjaram uma crítica contundente. A trama adaptada se tornou um espelho, denunciando as doenças psicológicas e a falta de direitos na sociedade contemporânea. O coro, cantando em vez de falar, adicionou uma dimensão artística e emocional à tragédia, conectando o público de maneira profunda com a história e seus personagens. Assim, o material essencial para a adaptação de "As Bacantes" estava pronto, um mosaico crítico de uma sociedade multifacetada e problemática, provocando reflexões sobre o momento vivido por eles.

iii. A escrita da adaptação

Na tessitura da adaptação dramaturgica, cada ponto sugerido pelos alunos foi cuidadosamente entrelaçado. Diariamente, o manuscrito era levado para casa, onde se desdobrava em revisões noturnas, as modificações sendo apresentadas à luz das estrelas. Em constante diálogo, um canal aberto como uma clareira na floresta, onde sugestões eram acolhidas, e mudanças, como folhas ao vento, podiam dançar. O processo, em sua essência, bailava por etapas essenciais:

Numa imersão profunda na filosofia de Nietzsche, exploramos os conceitos essenciais e as pinturas entre essas ideias e os temas trágicos. A leitura do texto original revelou personagens, conflitos, temas e símbolos que surgiram como figuras na paisagem, cada um contando sua história ao vento. A expressão artística foi escolhida cuidadosamente, como um pintor seleciona sua paleta de cores, e um público-alvo é definido, direcionando a luz no palco. A criação meticulosa de um roteiro se assemelhou a um caleidoscópio de elementos, delineando enredo,

personagens, diálogos, cenas e músicas como pinceladas em uma tela em branco. Na produção, a ideia, como uma semente, foi nutrida pelos recursos disponíveis, ganhando vida no palco como uma flor desabrochando. A apresentação da leitura foi então um espetáculo sob as estrelas, desdobrando-se diante da turma e de outros espectadores curiosos, como uma dança compartilhada entre criadores e plateia.

4.5 O DESPERTAR DA EXPERIÊNCIA REFLEXIVA

i. A principal crítica na adaptação

O que revolta no sofrimento não é o sofrimento em si, mas a sua falta de sentido

(Nietzsche, 2019, Genealogia da Moral, §7, p. 45)

Figura 7 - As Bacantes: Falam... falam... falam...



Fonte: Acervo Arte-Mythos

Na adaptação contemporânea das Bacantes, os participantes, atuando como intérpretes reflexivos, lançam sua visão a uma profunda crítica à modernidade. Dionísio, o deus da euforia e do vinho, ergue um espelho às Mênades, revelando a alienação que consome não apenas Tebas, mas toda a sociedade moderna. No reflexo desse espelho, as vozes ecoam sem significado, perdendo-se na vastidão do vazio. Opiniões, desejos e comportamentos, que antes fluíam livremente, agora

estão aprisionados pelo jugo opressor, numa crítica lancinante à atualidade. A humanidade, em busca de uma utopia aparente, inadvertidamente selou um pacto com a decadência.

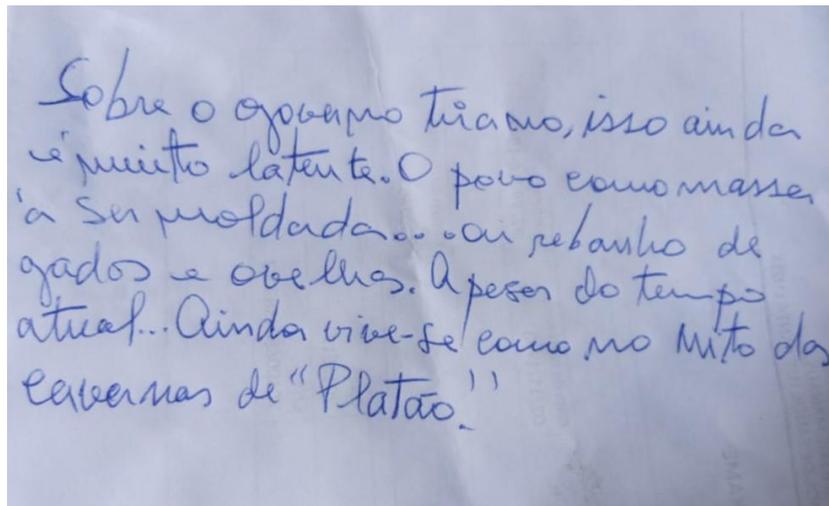
Conscientes dessa condição, os participantes enxergam um sistema enganosamente ideal que explora, aliena e triunfa sobre almas cativas. A figura de Dionísio, o insurgente, ressoa como um chamado à ruptura, oferecendo uma via de fuga. Ele instiga os homens a rejeitarem as amarras impostas, a questionarem os valores estabelecidos, a desbravarem o âmago de sua essência e a ecoarem a própria palavra na sinfonia eterna do símbolo. Assim, a crítica aos tempos de hoje, encenada pelas Mênades contemporâneas, torna-se uma performance poderosa. Pois, ao adaptarem a tragédia de Eurípedes, não apenas reinterpretem, mas também amplificam a mensagem atemporal de Dionísio, instigando uma geração a quebrar as correntes da alienação e a buscar a verdadeira liberdade nas amplas paisagens do pensamento crítico.

ii. Reflexões escritas dos participantes

Nas imagens abaixo, desvendam-se registros íntimos capturados pelos próprios participantes em meio aos seus processos. Compartilho alguns desses vislumbres, convidando à contemplação da solidez tangível de suas reflexões durante a experiência que cada um vivenciou. Cada imagem, uma narrativa visual entrelaçada com pensamentos profundos, torna-se um elo entre o palpável e o abstrato, revelando a essência de suas introspecções. Ao observar essas representações visuais, não se busca apenas uma superficialidade, mas uma reflexão nas entrelinhas, nas sombras e nos núcleos que compõem o mosaico de suas almas retratadas.

São janelas para o universo íntimo, onde a materialidade se entrelaça com a subjetividade, e a luz da reflexão brilha em cada pixel um significado. Além disso, a partilha dessas imagens visa estabelecer pontes entre as reflexões dos alunos e os conceitos nietzschianos, proporcionando uma jornada de aprofundamento nas críticas contemporâneas à luz da análise da filosofia de Nietzsche. Que cada imagem seja um portal para compreensões mais profundas, onde as lentes da filosofia revelam nuances antes obscuras.

Figura 22 — Reflexão 1

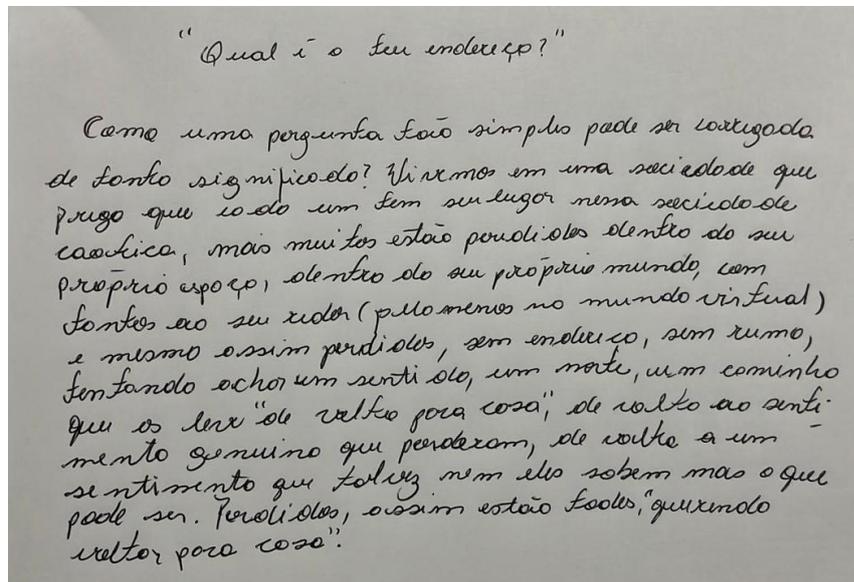


Sobre o governo tirânico, isso ainda é muito latente. O povo como massa, a sua profundidade... ou rebanho de gados e ovelhas. Apesar do tempo atual... Ainda vive-se como no Mito das cavernas de "Platão."

Fonte: Participante A.P.C

Nietzsche abordou a questão do governo tirânico e a manipulação das massas em suas críticas à moralidade herdada. Pode-se explorar a conexão entre a visão do participante e a ideia nietzschiana de "vontade de poder", destacando como o poder é exercido sobre as pessoas na sociedade.

Figura 23 — Reflexão 2



"Qual é o teu endereço?"

Como uma pergunta tão simples pode ser corrigida de tanto significado? Vivemos em uma sociedade que prega que todos um sem seu lugar numa sociedade caótica, mas muitos estão perdidos dentro do seu próprio espaço, dentro do seu próprio mundo, com todos ao seu redor (pelo menos no mundo virtual) e mesmo assim perdidos, sem endereço, sem rumo, tentando achar um sentido, um norte, um caminho que os leve "de volta para casa", de volta ao sentimento genuíno que perderam, de volta a um sentimento que talvez nem eles sabem mas o que pode ser. Perdidos, assim estão todos, "querendo voltar para casa".

Fonte: Participante D.L.P.S

Nietzsche questionou as estruturas sociais e morais tradicionais, propondo a superação das normas determinantes. A reflexão da participante sobre a busca de sentido no caos social pode estar relacionada à ideia nietzschiana de transcender os valores herdados em busca de "ser o que se é".

4.6 ANÁLISE E DISCUSSÃO HERMENÊUTICA DA PRÁTICA DIDÁTICA

A prática pedagógica proposta visou superar o empobrecimento de experiências reflexivas por meio da arte, através do estudo da tragédia grega "As Bacantes" (2013), com suporte na arte trágica e no cultivo de si de Nietzsche. Esta abordagem foi analisada e discutida a partir da adaptação (ANEXO 1), na qual os participantes desenvolveram diversos aspectos, como:

O coro foi interpretado como uma alegoria profunda e multifacetada da relação entre o poder político, a sociedade e a individualidade. Ele serviu como um espelho das consequências das escolhas dos governantes, retratando o povo como vítima da opressão e da alienação. O coro simbolizou a exploração do poder que levou à deterioração da saúde social, gerando um caos na sociedade. No entanto, a rebelião e a busca por uma vida mais significativa representaram a capacidade intrínseca do povo de transcender as convenções, sugerindo que, mesmo em face da adversidade, a busca pela liberdade e justiça é inerentemente humana.

Dionísio foi visto como uma representação do espírito criativo e crítico oposto à ordem estabelecida e às normas impostas. Dionísio foi também uma manifestação do desejo humano de liberdade e de prazer; além disso, representou os perigos do excesso e da irresponsabilidade. Assim, o deus emergiu como uma figura simbólica complexa que personificou uma dualidade entre o espírito criativo e crítico e a ordem estabelecida. Ele foi um ícone da rebelião contra normas impostas e da busca por liberdade e prazer, evidenciando o desejo humano inato de escapar das restrições da sociedade.

No entanto, Dionísio também encarnou os perigos do excesso e da irresponsabilidade, sugerindo que a busca desenfreada pelo prazer e pela liberdade poderia levar a consequências negativas. Essa dualidade refletiu a ambiguidade do desejo humano de desafiar a norma e, ao mesmo tempo, as preocupações com o caos resultante. Assim, a figura de Dionísio adicionou profundidade à discussão sobre o equilíbrio entre a liberdade individual e a ordem social, destacando a complexidade das aspirações humanas e os desafios inerentes à busca pela autenticidade e expressão criativa.

Penteu foi visto como uma representação do poder tirânico e autoritário que se impôs pela força e pela coerção. Ele foi também uma manifestação da

arrogância e da ignorância humanas, que se recusou a reconhecer e a respeitar a diversidade e a alteridade. Deste modo, assumiu o papel de um arquétipo que representava o poder tirânico e autoritário, que buscava impor seu domínio por meio da força e da coerção. Ele personificou a figura do líder que não hesitou em usar a opressão para manter o controle sobre a sociedade. Sua atitude refletiu a tendência de líderes autoritários a rejeitar perspectivas alternativas e a marginalizar aqueles que se desviavam das normas estabelecidas. Através de Penteu, a narrativa ressaltou as consequências destrutivas do autoritarismo e da intolerância, destacando a importância da empatia, do respeito à diversidade e da abertura para o diálogo como elementos essenciais na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Agave surgiu como um símbolo da alienação e superficialidade humanas, que cederam às ilusões e às aparências. Sua jornada refletiu a tendência de muitas pessoas em se deixarem levar por uma busca desenfreada por validação e pertencimento, muitas vezes às custas da verdade e da empatia. Além disso, Agave pode ser vista como uma manifestação das diferentes formas de dependência e vício nas redes sociais e na internet, onde o desejo por likes, seguidores e aprovação muitas vezes levava à disseminação de fake news, cyberbullying e à busca incessante por selfies perfeitas. Sua trajetória destacou os perigos da hiperconectividade digital e da priorização das aparências sobre valores genuínos, ressaltando a necessidade de uma reflexão crítica sobre nosso envolvimento nas redes sociais e a importância de promover um uso consciente e ético da tecnologia para evitar a alienação e a superficialidade.

Sêmele emergiu como um símbolo da ousadia e da rebeldia humanas, encarnando a figura daqueles que ousam desafiar os limites impostos pela sociedade e pela religião. Sua história ressaltou a busca por autonomia e liberdade individual, mesmo que isso significasse desafiar normas estabelecidas e tradições. Além disso, Sêmele pode ser vista como uma representação da fertilidade e da maternidade humanas, pois seu ato de gerar um novo deus sugeriu a capacidade humana de trazer mudanças radicais e transformadoras para o mundo. Esse aspecto da narrativa apontou para a ideia de que a criatividade e a ousadia podem ser forças motrizes na evolução da sociedade e na formação de novas ideias e valores. Assim, Sêmele destacou a importância de desafiar o status quo e buscar a

autenticidade, ao mesmo tempo em que ressaltou o papel fundamental da criatividade e da fertilidade na capacidade de mudar o curso da história.

Tirésias emergiu como um arquétipo de sabedoria e prudência humanas, sendo aquele que compreendia e respeitava as forças divinas e naturais que moldavam a existência. Sua figura simbolizou a capacidade da humanidade de reconhecer que existem limites e poderes maiores do que o indivíduo, que merecem respeito e reverência. Além disso, Tirésias pode ser visto como uma manifestação da visão e intuição humanas, uma vez que sua cegueira física foi compensada por uma visão espiritual e uma intuição que lhe permitiam acessar verdades ocultas e compreender os segredos do mundo. Sua história destacou a importância da humildade e da busca pelo conhecimento, ao mesmo tempo que sublinhou a ideia de que a verdade muitas vezes ia além dos sentidos físicos e exigia uma compreensão mais intensa do mundo e de suas complexidades. Assim, Tirésias ofereceu uma mensagem sobre a importância de reconhecer o divino, abraçar a sabedoria e cultivar a intuição para alcançar um entendimento mais profundo da existência.

Em conjunto, esses paralelos ilustraram os dilemas eternos da humanidade, como a tensão entre poder e liberdade, individualidade e conformidade, bem como a busca por sabedoria e compreensão em um mundo complexo. "As Bacantes" serviu como um lembrete de que as questões e conflitos enfrentados pelos seres humanos hoje têm raízes profundas na história e na cultura, destacando a importância da reflexão e do entendimento na abordagem dos desafios contemporâneos. Em um mundo moderno, repleto de complexidades, a peça desempenhou um papel fundamental ao instigar a reflexão sobre dilemas universais, especialmente a tensão entre poder e liberdade, que continuou a ser central nas questões políticas e sociais atuais. A busca por líderes autoritários, que recorrem à força e à coerção, foi uma realidade em muitas partes do mundo, o que tornou a representação de Penteu uma advertência contundente sobre os perigos do autoritarismo.

Diante dessas analogias, ficou claro que a prática pedagógica estimulou os participantes a estabelecerem conexões entre os personagens e o mundo contemporâneo, promovendo a reflexão crítica. Portanto, essa abordagem pode ser uma metodologia educacional fascinante e profunda para envolver os alunos, incentivando a expressão artística, o pensamento filosófico e a introspecção. Ao

abordar questões existenciais e universais, essa abordagem pode ajudar a superar a apatia e o silenciamento na EJA, criando um espaço de aprendizado significativo e transformador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste processo didático, podemos afirmar que mergulhamos em um universo profundo e provocador, repleto de insights sobre a condição humana e o papel da arte em nossa sociedade. Ao longo dessa jornada, os jovens e adultos, tiveram a oportunidade de se deparar com conceitos filosóficos que ecoam ao longo dos séculos e permanecem relevantes atualmente.

Nietzsche nos ensinou que a tragédia não é apenas uma expressão artística de eventos sofridos, mas um espelho de nossa própria existência e dos desafios que enfrentamos. Através da experiência artística trágica, confrontamos nossos medos, angústias e incertezas mais profundas, encontrando coragem para enfrentar a complexidade da vida.

Neste sentido, podemos fazer um paralelo entre a arte trágica e a jornada de aprendizado na EJA. Assim como os personagens trágicos, cada um deles tem suas histórias, desafios e trajetórias únicas. É nesse processo de autoconhecimento e reflexão crítica, que se deu a criação da adaptação de “As Bacantes” (2013), os aproximando da compreensão de sua própria existência.

Então, quando possibilitamos aos educandos o contato profundo com a arte, concluímos que a experiência carregada de emoção e imaginação, são fundamentais ao estímulo do filosofar. É certo que a filosofia é um exercício puramente racional e abstrato, mas também, conforme nosso prognóstico, ela depende do experimentar emocional, que também possibilita explorar a imaginação para alcançar um contato mais profundo e abrangente do mundo e de nós mesmos.

Ademais, o conjunto de relações feitas pelos participantes entre a peça teatral e os tempos atuais, mostrou que eles adentraram em muitos pontos, não apenas na filosofia de Nietzsche, mas em suas próprias vidas cotidianas. Eles perceberam que sem nosso pensamento filosófico somos facilmente manipulados e alienados. Assim, a dramaturgia, a arte trágica e o cultivo de si se abriram para eles, incitando-os a refletir o MUNDO, suas escolhas, ações, entendendo que a vida é o que é, e nós precisamos simplesmente vivê-la com toda nossa força. Portanto, a vida precisa ser uma estética da existência diante do misterioso devir.

E foi emocionante ouvir as vozes dos partícipes calados. Sentir pulsar a vontade de experimentar coisas deixando de lado a apatia. A expressão artística

proporciona um espaço seguro e acolhedor para que esses estudantes, muitas vezes desencorajados, possam se manifestar livremente e encontrar sua própria voz. A arte, como meio de estímulo à reflexão crítica, empodera esses educandos, assim, expressam suas identidades culturais, suas histórias pessoais e seus sonhos para o futuro.

No entanto, houve desafios ao longo do caminho. Algumas sugestões eram conflitantes, o que demandava ponderação e mediação para encontrar soluções que atendessem ao maior número de necessidades possíveis. A importância do respeito às diferentes perspectivas foi um valor que se teve o cuidado de fortalecer continuamente. Após todo o processo o resultado foi satisfatório. E este material didático passará a ser mais do que apenas um conjunto de informações, mas uma ferramenta que reflete o esforço conjunto de todos os envolvidos.

Em suma, diante de tantas dificuldades na educação brasileira, precisamos, como docentes, buscar ir mais além. Portanto, necessitamos partir para uma prática mais colaborativa, com grande convivência para um ensino mais significativo e impactante. A aprendizagem não é um caminho de mão única, mas sim um processo conjunto em que alunos e professores interagem juntos, nutrindo o potencial de cada um para construir um futuro mais promissor. Logo, a escola precisa abrir-se para uma educação viva, que os capacite a se sentirem valorizados, engajados e enriquecidos interiormente. Neste sentido, é que a experiência e a arte servem de ponte para o estímulo à filosofia e uma visão mais positiva da vida na EJA.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. rev., atual. e ampl. por Ivone Castilho Benedetti; Tradução de Alfredo Bossi. São Paulo: Martins Fontes, 2007. Título original: Dizionario di filosofia.

ARISTÓTELES. **A poética**. 3. ed. Prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira; Tradução e notas de Ana Maria Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulberkian, 2008a.

_____. **A retórica**. 1. ed. Tradução, textos adicionais e notas de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2019b. E-book.

ARROYO, Miguel. Educação de jovens e adultos: desafios e possibilidades na construção de uma política pública. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, v. 10, n. 29, p. 108-130, jan./abr. 2005a.

_____. **Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa**. 1. ed. Petrópolis: Vozes Limitada, 2017b.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERTHOLD, Margot. **História Mundial do Teatro**. 2. ed. Tradução de ZURAWISK, Maria Paula; GUINSBURG, J.; COELHO, Sérgio; GARCIA, Clóvis. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. 1. ed. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega Vol. II**. 23. ed. Petrópolis: Editora Vozes. 2015. Edição do Kindle.

BRASIL, Lei n. 9394/1996 - Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996.

BULHÕES, Fernanda Machado de. Como diria Nietzsche, pensar é (antes de tudo) uma atividade criativa. *Revista Princípios*. Natal, v. 14, n. 22, p. 253-260, jul./dez. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/480/414>. Acesso em: 07 set. 2020.

BURIAN, Peter. **The Bacchae of Euripides: Return to Tragedy**. 1. ed. Nova Jérsei: Princeton University Press, 2010.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. 1. ed. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. Título original: Lezione americane – sei proposte per il prossimo millennio. E-Book Kindle.

CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a Filosofia**. 1. ed. Tradução de António M. Magalhães. Porto: Rés-Editora, 2001.

DIAS, Rosa Maria. **Nietzsche educador**. 1. ed. São Paulo: Scipione, 1991a. (Coleção Pensamento e ação no Magistério).

_____. **Nietzsche e a Música**. 2. ed. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2005b. (Sendas e Veredas / coordenadora Scarlett Marton).

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Que emoção! Que emoção?** 1. ed. Tradução de Cecília Ciscato. São Paulo: Editora 34, 2016. Título original: Quelle émotion! Quelle émotion? (Coleção Fábula).

ELIADE, Mircea. **O mito da eterna repetição**. 1. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1972.

ESTATUTO DA AMAZÔNIA ARTE-MYTHOS.

EURÍPEDES. **As bacantes**. 2. ed. Tradução de Eudoro de Souza. São Paulo: Hedra. 2015. Edição do Kindle.

FABRI, Marcelo. (1989). Mito e educação: do caráter pedagógico do “símbolo”. Dissertação (Mestrado em Educação) - UNICAMP, São Paulo.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2017a. (Coleção Questões da Nossa Época). E-book Kindle.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014b. E-book Kindle.

_____. **Pedagogia da tolerância**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013c.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JAEGER, Werner. **Paidéia: a formação do homem grego**. 1. ed. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2016. E-book Kindle. (Clássicos WMF). Edição do Kindle.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. 1. ed. Tradução de João Wandelely Geraldi e Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. E-book Kindle.

LESKY, Albin. **A tragédia grega**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996. 306 p. (Coleção debates; v.32).

LIMA, Márcio José Silveira. Filosofia e tragédia: um exame do dionisíaco na obra de Nietzsche. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - USP, São Paulo, 2005.

MARCONDES, Danilo. **Introdução à Filosofia**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

MELO, Max Milliano. Que emoção! Que Emoção? Revista Mídia e Cotidiano. Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 246-250, set./dez. 2019. Disponível em:

<https://pt.scribd.com/document/496549631/38885-Texto-do-Artigo-131152-3-10-20191205>. Acesso em: 08 out. 2022.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. 2. ed. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. Título original: Also sprach Zarathustra. (Coleção das Obras de Nietzsche). E-Book Kindle.

_____. **Humano, demasiado humano I**: um livro para espíritos livres. 1. ed. Tradução, notas e posfácio Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. Título original: Menschliches, Allzumenschliches. Ein Buch für freie Geister, E-Book Kindle.

_____. **O livro do filósofo**. 1. ed. Tradução Antônio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2007. Título original: Das philosophenbuch. (Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal – 76). Disponível em: <https://epage.pub/doc/o-livro-do-filosofo-escala-ky0oejkevy>. Acesso em: 09 de dez. de 2021. E-book.

_____. **Aurora**. 1. ed. Tradução, notas e posfácio de Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. Título original: Morgenröte. Gedanken über die moralischen Vorurteile. E-Book Kindle.

_____. **Ecce homo**: como alguém se torna o que é. 1. ed. Tradução, notas e posfácio de Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Título Original: Companhia das Letras, 2008. Ecce homo: wie man wird, was man ist Nietzsche, Friedrich. E-Book Kindle.

_____. **O nascimento da tragédia**: ou os gregos e o pessimismo. 1. ed. Tradução e notas Paulo César Lima de Souza; posfácio de André Luís Mota Itaparica. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. Título original: Die Geburt der Tragödie oder Griechentum und Pessimismus (Coleção das Obras de Nietzsche). E-Book Kindle.

_____. **A vontade de poder**. 1. ed. Tradução e notas e posfácio Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020. E-Book Kindle.

_____. **Para além do bem e do mal**: prelúdio a uma filosofia do futuro. 3. ed. São Paulo: Martin Claret, 2008. Tradução Alex Marins. Título original: Jenseits von gut böse: vorspiel einar philosophie der zukunft (Coleção Obra Prima de Cada Autor).

_____. **A Gaia Ciência**. 1. ed. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: São Paulo: Nova Alexandria, 2018. Título original: Die fröhliche Wissenschaft. E-Book Kindle.

_____. **Sobre verdade e mentira no sentido extramoral**. 1. ed. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. Brasil: Lebooks Editora, 2019. Título original: Über Wahrheit und Lüge im aussermoralischem Sinn. (Coleção Nietzsche). E-Book Kindle.

_____. **Humano, demasiado humano II**: com opiniões e sentenças diversas e o andarilho e sua sombra. 1. ed. Tradução, notas e posfácio Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. Título original: Menschliches, Allzumenschliches. Ein Buch für freie Geister, E-Book Kindle.

_____. **O anticristo e ditirambos de Dionísio**. 1. ed. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Título original: Der Antichrist. Fluch auf das Christentum [1888] Dionysos-Dithyramben [1888]. E-Book Kindle.

_____. **Genealogia da moral**. 1. ed. Tradução de Paulo César de Souza. Coleção Nietzsche. Lebooks Editora, 2019. Título original: Zur Genealogie der Moral: Eine Streitschrift Edição do Kindle.

_____. **A filosofia na era trágica dos gregos**. 1. ed. Tradução e apresentação de Gabriel Valladão Silva. Campinas: L&PM Pocket, 2011. Título original: Die Philosophie im tragischen Zeitalter der Griechen. E-Book Kindle.

_____. **O Crepúsculo dos Ídolos**: ou como se filosofa com o martelo. 1. ed. Tradução de Jorge Luiz Viesenteiner. São Paulo: Lebooks Editora, 2019. Título Original: Götzen-Dämmerung oder Wie man mit dem Hammer philosophiert. (Coleção Nietzsche).

OSTROWER, Fayga. **A Criatividade e Processos de Criação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

PLATÃO. **A República**. Edição integral. Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 1997. (Coleção Os Pensadores).

RICOEUR, Paul. **A Linguagem Humanamente Possível**. Tradução de Maria Luiza Ribeiro da Silva. São Paulo: Loyola, 2009.

SANTOS, Leonardo Souza de. Friedrich Nietzsche e a imaginação como interpretação das sensações e suas implicações nos sonhos de Zarathustra. Occursus: Revista de Filosofia. Fortaleza, v. 5, n. 1, p. 313-337, jan./jun. 2020. Disponível em: <http://www.seer.uece.br/?journal=Occursus&page=article&op=view&path%5B%5D=3932>. Acesso em: 10 fev. 2022.

SEGATO, Pedro. A importância da literatura para o estudo de filosofia. Medium.com. 2017. Disponível em: <https://medium.com/@P.G.Segato/a-import%C3%A2ncia-da-literatura-para-o-estudo-da-filosofia-dcbb4ef76167>. Acesso em: 20 mar. 2022.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2013.

TRINDADE, Rafael. Nietzsche – torna-te quem tu és ou, como tornar-se um destino. Razão Inadequada, 2023. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2019/03/27/nietzsche-ma-consciencia/>. Acesso em: 12 mar. 2023.

APÊNDICE 1

E-BOOK – ENSINAR FILOSOFIA POR MEIO DA DRAMATURGIA



Sequência Didática



ENSINAR FILOSOFIA POR MEIO DA DRAMATURGIA



A ARTE DE FILOSOFAR O MUNDO: a arte trágica
como despertar da experiência reflexiva na EJA

Narda Teles Yamane



UFAM



2023

APRESENTAÇÃO

"A ARTE DE FILOSOFAR O MUNDO: O
DESPERTAR DA ARTE TRÁGICA COMO
EXPERIÊNCIA REFLEXIVA NA EJA".

Este material educativo é parte integrante do resultado da dissertação de Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) realizado na Universidade Federal do Amazonas - UFAM, apresentado pela mestrandia Narda Teles Yamane.



INTRODUÇÃO

Este livro tem como objetivo apresentar uma proposta de sequência didática que busca explorar a relação entre o pensamento de um filósofo com um texto teatral. Assim, cada professor pode trabalhar a partir da dramaturgia o filósofo que desejar. Como exemplo, usarei a filosofia de Nietzsche e a peça "As Bacantes", de Eurípides, uma das obras-primas da tragédia grega antiga. A sequência didática foi elaborada e aplicada por esta pesquisadora, formada em filosofia, em uma turma de jovens e adultos, com o intuito de estimular o pensamento crítico, a criatividade e a sensibilidade dos alunos, bem como promover a interdisciplinaridade entre a filosofia, a literatura e a arte.

A sequência didática se divide em três etapas principais: 1) Nietzsche em rodas de conversas reflexivas; 2) Explorando a tragédia grega As Bacantes; 3) Adaptação de As Bacantes para os tempos atuais. Em cada etapa, são apresentados os objetivos, as atividades, os recursos, as avaliações e os resultados obtidos pelos alunos. Além disso, são oferecidas algumas sugestões e orientações para os professores que desejam replicar ou adaptar a proposta em suas próprias salas de aula.

Esperamos que este livro possa contribuir para o enriquecimento do ensino de filosofia e para o desenvolvimento de competências e habilidades dos estudantes através da confluência com a dramaturgia.

1. NIETZSCHE EM RODAS DE CONVERSAS REFLEXIVAS

Objetivos

- Apresentar aos alunos alguns conceitos e ideias centrais da filosofia de Nietzsche, como o niilismo, a arte trágica, a genealogia da moral, o espírito livre e o cultivo de si.
- Proporcionar aos alunos a oportunidade de ler, interpretar e debater textos do próprio Nietzsche, de forma a desenvolver a compreensão leitora, a argumentação e a expressão oral.

Atividades

- Selecionar e disponibilizar aos alunos textos de Nietzsche que abordem os temas propostos, preferencialmente em edições comentadas. Alguns exemplos de textos são:
 - Niilismo: O Anticristo, §1-5; A Gaia Ciência, §125; Assim Falou Zaratustra, "Do último homem".
 - Arte Trágica: O Nascimento da Tragédia, §1-4; A Gaia Ciência, §80; Ecce Homo, "O Nascimento da Tragédia".
 - Genealogia da Moral: A Genealogia da Moral, Primeira Dissertação, §1-17; Segunda Dissertação, §1-12; Terceira Dissertação, §1-28.
 - Espírito Livre: Humano, Demasiado Humano, §225-239; A Gaia Ciência, §283-290; Além do Bem e do Mal, §40-44.
 - Cultivo de si: Ecce Homo, "Por que sou tão sábio", "Por que sou tão inteligente", "Por que escrevo livros tão bons"; A Gaia Ciência, §290; Assim Falou Zaratustra, "Da virtude que empequenece".

- Realizar rodas de conversas reflexivas, nas quais cada grupo apresentará o texto que leu, destacando os principais conceitos, argumentos e exemplos de Nietzsche, bem como as suas impressões, dúvidas e críticas. Em seguida, os demais alunos poderão fazer perguntas, comentários e contribuições, estimulando o diálogo e o debate.
- Ao final de cada atividade, o professor fará uma síntese das principais ideias discutidas, esclarecendo eventuais confusões ou equívocos, e apontando possíveis relações entre a filosofia de Nietzsche e a peça *As Bacantes*, especialmente no que se refere ao conflito entre o instinto dionisíaco e o instinto apolíneo.

Recursos

- Textos de Nietzsche em formato impresso, com apoio de glossários, notas explicativas, ilustrações etc.

Avaliações

- A avaliação será formativa e contínua, levando em conta os seguintes critérios:
 - Capacidade de estabelecer conexões entre o pensamento de Nietzsche e a realidade atual, demonstrando interesse, curiosidade e criatividade.
- O professor ao final de cada momento avaliativo deverá fazer um feedback coletivo aos alunos, destacando os pontos positivos e negativos, as dificuldades e as possibilidades de melhoria, bem como os avanços e os desafios para a próxima etapa.

Resultados

- Os resultados são:
 - Os alunos terão adquirido um conhecimento básico e geral sobre a filosofia de Nietzsche, reconhecendo a sua importância e relevância para a compreensão da cultura e da sociedade contemporânea.

- Os alunos terão ampliado a sua capacidade de reflexão, de crítica e de diálogo, a partir da troca de ideias e experiências com os colegas e o professor, sobre temas que envolvem valores, ética e estética.
- Os alunos terão despertado o seu interesse e a sua curiosidade pela filosofia de Nietzsche e a obra de Eurípides, especialmente pela peça *As Bacantes*, percebendo as afinidades e as diferenças entre a visão de Nietzsche e a do dramaturgo grego.

2. EXPLORANDO A TRAGÉDIA GREGA AS BACANTES

Objetivos

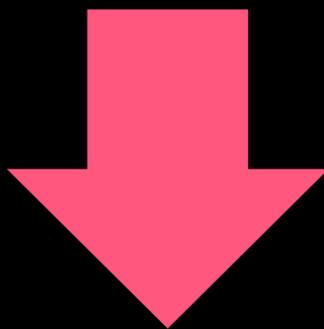
- Apresentar aos alunos a peça *As Bacantes*, de Eurípides, situando-a no contexto histórico, cultural e literário da Grécia Antiga, e destacando os seus aspectos formais, temáticos e simbólicos.
- Desenvolver na leitura da peça a sensibilidade estética, a imaginação e a emoção.

Atividades

- Realizar leituras coletivas da peça, nas quais cada grupo apresentará a parte que leu, destacando os principais acontecimentos, personagens, diálogos e imagens da obra, bem como as suas impressões, dúvidas e críticas. Em seguida, os demais alunos poderão fazer perguntas, comentários e contribuições, estimulando a apreciação e a interpretação da peça.

- Realizar atividades complementares após as leituras coletivas, tais como:
 - Destacar os símbolos que cada personagem representa, como Dionísio (caos, emoção, dissolução, excesso), Penteu (ordem, razão, forma, medida), Agave (soberba, ignorância, ilusão, violência), Sêmele (transgressão, paixão, morte, renascimento), Tirésias (prudência, sabedoria, mediação, mistério), etc.
 - Solicitar aos alunos que relatem o que mais chamou a atenção deles no texto, no caso desta atividade eles responderam com a seguinte pergunta: "O que o homem sabe no fundo acerca de si mesmo?". Aqui, observou-se que reconheceram que Dioniso ao desafiar as normas estabelecidas, instiga a reflexão sobre a constante busca pela descoberta da própria identidade.
 - Solicitar aos alunos que relacionem partes da peça com pensamentos filosóficos de Nietzsche e problemáticas da atualidade, utilizando uma planilha para mostrar esses aspectos. Por exemplo:

PLANILHAS



Parte da peça	Pensamento de Nietzsche	Problemática da atualidade
<p>Dionísio chega a Tebas disfarçado de estrangeiro e é preso por Penteu, que o desafia e o insulta.</p>	<p>“O estrangeiro é sempre o inimigo, porque é diferente, porque tem outros costumes, porque pensa de outro modo, porque é, enfim, um estrangeiro.” (Humano, Demasiado Humano, §475)</p>	<p>A xenofobia, o preconceito e a intolerância contra os imigrantes, os refugiados e as minorias étnicas, culturais e religiosas.</p>
<p>As bacantes, possuídas pelo êxtase dionisíaco, saem da cidade e se refugiam nas montanhas, onde praticam rituais selvagens e violentos.</p>	<p>“O homem é uma corda estendida entre o animal e o super-homem, uma corda sobre um abismo.” (Assim Falou Zaratustra, “Prólogo”)</p>	<p>A tensão entre a civilização e a barbárie, entre a razão e a emoção, entre a ordem e o caos, que se manifesta em situações de crise, conflito e violência.</p>
<p>Penteu, curioso e fascinado pelo culto de Dionísio, decide se vestir de mulher e espiar as bacantes, mas é descoberto e morto pela própria mãe, Agave, que o confunde com um leão.</p>	<p>“A tragédia é a afirmação da mais terrível e mais questionável das coisas que podem pesar sobre a vida, afirmação da vontade de viver, ainda quando ela se manifesta no sacrifício de vidas individuais.” (O Nascimento da Tragédia, §10)</p>	<p>A tragédia humana, que envolve o sofrimento, a culpa, a loucura, a morte, mas também a superação, a redenção, a libertação, a vida.</p>

- Solicitar aos alunos que imaginem quem poderiam ser os personagens da peça no tempo presente, e como eles se comportariam, se expressariam e se relacionariam, utilizando uma descrição criativa e original. Por exemplo:

Personagem	Descrição no tempo presente
Coro	<p>Como um eco da modernidade, personificava as vozes de um mundo inquieto, repleto de loucura, ansiedade, desordem, insegurança, violência, desemprego, corrupção e solidão. Sua forma, fluida como a própria sociedade, poderia metamorfosear-se em Penteu, Agave, Dioniso, Sêmele, Tirésias, cada um representando momentos singulares. Em vez de falar, eles cantavam, como uma sinfonia de múltiplas identidades.</p>
Dionísio	<p>O arauto da arte, transcendera os limites e convenções, buscando o sublime e o transgressor nas notas da música e nos passos de dança. Era o filósofo que desafiava a certeza, incentivando a exploração de novas formas de pensar e viver, a transgressão dos medos e preconceitos.</p>
Penteu	<p>Figura despótica, personificava qualquer instituição controladora, indiferente aos direitos e liberdades fundamentais dos cidadãos. Utilizava força, violência e manipulação para reprimir e controlar, impondo o medo, a opressão e a injustiça como formas de governar.</p>

Agave	Marcada pela soberba e ignorância, refletia a era das redes sociais, alimentando-se da difamação alheia e forjando uma aparência falsa em busca de validação virtual. Considerava-se superior, mas, na verdade, era cega em sua tolice.
Sêmele	A transgressora de limites entre o humano e divino, feminino e masculino, ordem e caos. Mãe do deus que trazia loucura e libertação, ela representava a vítima da incompreensão humana e ira divina, sofrendo as consequências de sua paixão proibida.
Tirésias	O prudente não ouvido, mesmo pelos poderosos tiranos. Cego, via além do convencional, mediador entre os mundos, conhecedor dos mistérios de Dioniso e segredos da vida.

Recursos

- Versão da peça *As Bacantes*, de Eurípides, em formato impresso, com apoio de introdução, notas, glossário etc.
- Papéis onde os alunos poderão registrar as suas impressões, sensações, imaginações e reflexões sobre a peça.

Avaliações

- A avaliação será formativa e contínua, levando em conta os seguintes critérios:
 - Capacidade de compreender, interpretar e apreciar a obra de Eurípides, utilizando uma linguagem clara, coerente e adequada ao contexto.

- Capacidade de expressar a sensibilidade, a imaginação e a emoção, a partir da criação de planilhas e descrições sobre a peça.

Resultados

- Os resultados esperados são:
 - Os alunos terão adquirido um conhecimento básico e geral sobre a peça *As Bacantes*, de Eurípides, reconhecendo a sua importância e relevância para a compreensão da cultura e da sociedade antigas e contemporâneas.
 - Os alunos terão desenvolvido habilidades de leitura, escrita e oralidade, bem como de análise e apreciação, a partir do contato direto com as obras de Nietzsche e Eurípides.
 - Os alunos terão expressado a sua sensibilidade, a sua imaginação e a sua emoção, a partir da criação de planilhas e descrições sobre a peça, demonstrando criatividade e originalidade.

3. ADAPTAÇÃO DE AS BACANTES PARA OS TEMPOS ATUAIS

Objetivos

- Desafiar os alunos a criar uma adaptação da peça *As Bacantes*, de Eurípides, para os tempos atuais, utilizando os recursos da linguagem dramática, como o texto, a cena, o som, a luz, o figurino, o cenário, etc.
- Estabelecer conexões entre a peça e a realidade atual, problematizando questões como a identidade, a diversidade, a liberdade, a arte, etc.

Atividades

- Orientar os alunos sobre os passos e os critérios para a criação da adaptação, tais como:
 - Elaborar o roteiro da adaptação, dividindo-o em cenas, indicando as ações, os diálogos, os sons, as luzes, os figurinos, os cenários, etc.
 - Selecionar e reescrever os trechos mais importantes da peça original, adaptando-os para a linguagem e o contexto atuais, sem perder a essência e a intenção do autor.
 - Criar e desenvolver os personagens, mantendo as suas características e os seus conflitos essenciais, mas dando-lhes novas falas, gestos, expressões, etc.
- Acompanhar e orientar os alunos durante todo o processo de criação da adaptação, oferecendo sugestões, feedbacks, incentivos e apoios, bem como mediando eventuais conflitos ou dificuldades.
- Realizar leitura da adaptação, na qual a turma mostrará o seu trabalho para os demais alunos e outros convidados, como pais, colegas, funcionários, etc.
- Realizar avaliações das adaptações, nas quais os alunos, o professor e os espectadores poderão expressar as suas opiniões, impressões e emoções sobre a leitura apresentada, destacando os pontos fortes e fracos, as semelhanças e diferenças, as surpresas e decepções, etc.
- Recursos
- Materiais para a criação do texto, como papel, caneta etc.

Avaliações

- A avaliação será formativa e contínua, levando em conta os seguintes critérios:
 - Capacidade de expressar a visão crítica sobre a filosofia de Nietzsche e a visão criativa e sensível sobre a peça de Eurípides, utilizando os recursos da linguagem dramática de forma adequada, coerente e original.
 - Capacidade de estabelecer conexões entre a peça, a filosofia de Nietzsche e a realidade atual, demonstrando interesse, curiosidade e criatividade.

- Resultados
 - Os resultados esperados são:
 - Os alunos terão demonstrado a sua competência artística, a sua comunicação e a sua colaboração, a partir da criação de uma adaptação da peça *As Bacantes*, de Eurípides, para os tempos atuais.
 - Os alunos terão expressado a sua visão crítica, criativa e sensível sobre a peça, de forma a desenvolver a sua identidade, a sua diversidade, a sua liberdade etc. através de uma experiência reflexiva que parte da arte à filosofia.
 - Os alunos terão estabelecido conexões entre a filosofia de Nietzsche, a peça e a realidade atual, problematizando questões relevantes sobre o mundo.

SUGESTÕES

- **Hamlet de William Shakespeare:** esse texto é um clássico da literatura mundial e aborda questões como a vingança, a loucura, a morte, o destino, a dúvida e o ser. Ele pode ser relacionado com o pensamento de **René Descartes**, que foi um filósofo racionalista que defendeu a importância da dúvida metódica e da certeza do cogito (“penso, logo existo”).
- **A Gaiota de Anton Tchekhov:** esse texto é uma das obras-primas do teatro realista e aborda questões como o amor, a arte, o fracasso, a solidão e o tédio. Ele pode ser relacionado com o pensamento de **Arthur Schopenhauer**, que foi um filósofo pessimista que defendeu a ideia de que a vida é uma constante insatisfação e sofrimento, causados pela vontade irracional e cega.
- **Esperando Godot de Samuel Beckett:** esse texto é um dos expoentes do teatro do absurdo e aborda questões como a existência, o tempo, a linguagem, a esperança e o sentido. Ele pode ser relacionado com o pensamento de **Albert Camus**, que foi um filósofo existencialista que defendeu a ideia de que a vida é absurda e sem sentido, e que o homem deve criar o seu próprio valor e rebelar-se contra o absurdo.

- **A Missão de Heiner Müller:** esse texto é um dos representantes do teatro pós-dramático e aborda questões como a revolução, a história, a violência, a utopia e a memória. Ele pode ser relacionado com o pensamento de **Walter Benjamin**, que foi um filósofo marxista que defendeu a ideia de que a história é uma construção narrativa e que o passado deve ser resgatado criticamente pela memória dos oprimidos.
- **A Tempestade de William Shakespeare:** esse texto é uma das últimas obras do autor e aborda questões como a magia, a natureza, a civilização, o poder, a vingança e o perdão. Ele pode ser relacionado com o pensamento de **Giordano Bruno**, que foi um filósofo renascentista que defendeu a ideia de que o universo é infinito e que a magia é uma forma de conhecimento natural e racional.
- **Antígona de Sófocles:** esse texto é uma das obras mais famosas da tragédia grega e aborda questões como a justiça, a lei, o dever, a honra, o amor e a morte. Ele pode ser relacionado com o pensamento de **Hannah Arendt**, que foi uma filósofa política que defendeu a ideia de que a ação humana é a expressão da liberdade e da responsabilidade, e que a desobediência civil é uma forma legítima de resistir à tirania e à violência.

APÊNDICE 2

E-BOOK – ANÁLISE DE TEXTOS TEATRAIS



BASEADO NO LIVRO DE

**Yan
Michalski**

RESUMO ESCRITO POR
NARDA TELLES

2023

PASSO A PASSO

1º PASSO

Estrutura Dramática

Primeiro, identifique os elementos que compõem o texto, como as personagens, o conflito, o tempo, o espaço, os atos, as cenas, etc. Para isso, você pode fazer perguntas como:

- Quem são as personagens principais e secundárias do texto? Quais são as suas características físicas, psicológicas, sociais, etc.?
- Qual é o conflito central do texto? Quais são os conflitos secundários? Como eles se desenvolvem e se resolvem ao longo do texto?
- Em que tempo o texto se passa? Ele é linear, cronológico, retrospectivo, prospectivo, etc.? Ele tem saltos temporais, flashbacks, flashforwards, etc.?
- Em que espaço o texto se passa? Ele é fixo, variável, realista, simbólico, etc.? Ele tem mudanças de cenário, efeitos visuais, sonoros, etc.?
- Como o texto se divide em atos e cenas? Quantos são? Como eles se relacionam entre si? Eles têm títulos, indicações, transições, etc.?

Segundo, analise como esses elementos se relacionam e se organizam para criar o sentido da obra. Para isso, você pode fazer perguntas como:

- Como as personagens se relacionam entre si? Elas têm conflitos, alianças, amizades, amores, etc.? Elas evoluem, mudam, aprendem, sofrem, etc. ao longo do texto?
- Como o conflito se manifesta na ação, no diálogo, na linguagem, no cenário, etc.? Ele é claro, complexo, ambíguo, surpreendente, etc.? Ele gera tensão, suspense, humor, ironia, etc.?
- Como o tempo influencia na compreensão e na emoção do texto? Ele é rápido, lento, dinâmico, estático, etc.? Ele cria expectativa, curiosidade, ansiedade, etc.?
- Como o espaço contribui para a atmosfera e a mensagem do texto? Ele é concreto, abstrato, familiar, estranho, etc.? Ele cria contraste, harmonia, simetria, etc.?
- Como os atos e as cenas estruturam o texto? Eles têm início, meio e fim? Eles têm clímax, desfecho, epílogo, etc.? Eles criam ritmo, equilíbrio, variação, etc.?

2º PASSO

Linguagem Dramática

Primeiro, observe as características da linguagem utilizada pelo autor, como o estilo, o vocabulário, o ritmo, as figuras de linguagem, os recursos sonoros, etc. Para isso, você pode fazer perguntas como:

- Qual é o estilo do autor? Ele é formal, informal, coloquial, poético, etc.? Ele usa linguagem direta, indireta, figurada, etc.?
- Qual é o vocabulário do autor? Ele é rico, pobre, variado, repetitivo, etc.? Ele usa termos técnicos, populares, estrangeiros, etc.?
- Qual é o ritmo da linguagem do autor? Ele é rápido, lento, regular, irregular, etc.? Ele usa frases curtas, longas, simples, complexas, etc.?
- Quais são as figuras de linguagem que o autor usa? Ele usa metáforas, comparações, ironias, paradoxos, etc.? Ele usa essas figuras para criar imagens, efeitos, sentidos, etc.?
- Quais são os recursos sonoros que o autor usa? Ele usa aliterações, assonâncias, rimas, ecos, etc.? Ele usa esses recursos para criar musicalidade, harmonia, dissonância, etc.?

Segundo, analise como a linguagem se adapta ao gênero, ao tema, ao público e ao contexto da obra. Para isso, você pode fazer perguntas como:

- Como a linguagem se adequa ao gênero da obra? Ela é típica de uma comédia, de um drama, de uma tragédia, etc.? Ela segue ou rompe as convenções do gênero?
- Como a linguagem se relaciona com o tema da obra? Ela expressa, ilustra, questiona, critica, etc. o tema? Ela tem coerência, consistência, profundidade, etc. em relação ao tema?
- Como a linguagem se dirige ao público da obra? Ela é clara, acessível, compreensível, etc. para o público? Ela envolve, emociona, diverte, educa, etc. o público?
- Como a linguagem se insere no contexto da obra? Ela reflete, reproduz, transforma, etc. a realidade histórica, social, cultural, política, etc. em que a obra foi escrita e/ou encenada?

3º PASSO

Temática Dramática

Primeiro, identifique o tema ou os temas centrais da obra, ou seja, as ideias, os valores, as mensagens, as reflexões, as críticas, as questões, etc. que o autor quer transmitir ou provocar no espectador. Para isso, você pode fazer perguntas como:

- Qual é o tema principal da obra? Ele é explícito ou implícito? Ele é único ou múltiplo? Ele é atual ou atemporal?
- Quais são os temas secundários ou subtemas da obra? Eles são derivados ou complementares ao tema principal? Eles são relevantes ou acessórios?
- Quais são as ideias, os valores, as mensagens, as reflexões, as críticas, as questões, etc. que o autor quer comunicar ou suscitar com o tema ou os temas da obra? Eles são claros, complexos, ambíguos, contraditórios, etc.?

Segundo, analise como o tema se articula com a estrutura e a linguagem da obra, ou seja, como ele é expresso e desenvolvido pelos elementos que compõem o texto, como as personagens, o conflito, o tempo, o espaço, os atos, as cenas, o estilo, o vocabulário, o ritmo, as figuras de linguagem, os recursos sonoros, etc. Para isso, você pode fazer perguntas como:

- Como as personagens representam ou ilustram o tema ou os temas da obra? Elas têm opiniões, atitudes, comportamentos, valores, etc. que se relacionam com o tema? Elas defendem, questionam, criticam, exemplificam, etc. o tema?
- Como o conflito expressa ou evidencia o tema ou os temas da obra? Ele é causado, motivado, influenciado, resolvido, etc. pelo tema? Ele gera tensão, suspense, humor, ironia, etc. em relação ao tema?
- Como o tempo e o espaço contribuem ou reforçam o tema ou os temas da obra? Eles são adequados, coerentes, significativos, simbólicos, etc. para o tema? Eles criam contraste, harmonia, simetria, etc. com o tema?
- Como os atos e as cenas desenvolvem ou aprofundam o tema ou os temas da obra? Eles têm início, meio e fim? Eles têm clímax, desfecho, epílogo, etc. que se relacionam com o tema? Eles criam ritmo, equilíbrio, variação, etc. em relação ao tema?
- Como a linguagem do autor manifesta ou transmite o tema ou os temas da obra? Ela é adequada, coerente, consistente, profunda, etc. para o tema? Ela usa estilo, vocabulário, ritmo, figuras de linguagem, recursos sonoros, etc. que se relacionam com o tema?

Terceiro, analise como o tema se insere na realidade histórica, social, cultural e política do autor e do público, ou seja, como ele reflete, reproduz, transforma, critica, questiona, etc. a realidade em que a obra foi escrita e/ou encenada. Para isso, você pode fazer perguntas como:

- Como o tema se relaciona com a realidade histórica do autor e do público? Ele é influenciado, inspirado, motivado, etc. por fatos, acontecimentos, eventos, etc. históricos? Ele tem relevância, atualidade, atemporalidade, etc. histórica?
- Como o tema se relaciona com a realidade social do autor e do público? Ele é influenciado, inspirado, motivado, etc. por aspectos, problemas, questões, etc. sociais? Ele tem relevância, atualidade, atemporalidade, etc. social?
- Como o tema se relaciona com a realidade cultural do autor e do público? Ele é influenciado, inspirado, motivado, etc. por aspectos, problemas, questões, etc. culturais? Ele tem relevância, atualidade, atemporalidade, etc. cultural?
- Como o tema se relaciona com a realidade política do autor e do público? Ele é influenciado, inspirado, motivado, etc. por aspectos, problemas, questões, etc. políticos? Ele tem relevância, atualidade, atemporalidade, etc. política?

4º PASSO

Função Dramática

Primeiro, avalie qual é o objetivo ou a finalidade da obra, ou seja, o que o autor quer alcançar com ela, como ele quer influenciar, emocionar, divertir, educar, denunciar, questionar, etc. o espectador. Para isso, você pode fazer perguntas como:

- Qual é a intenção do autor ao escrever a obra? Ele quer informar, persuadir, entreter, ensinar, protestar, etc.?
- Qual é o efeito que o autor quer produzir no espectador? Ele quer provocar riso, choro, medo, raiva, surpresa, admiração, etc.?
- Qual é a mensagem que o autor quer transmitir ou sugerir com a obra? Ele quer defender, criticar, questionar, elogiar, ironizar, etc. alguma ideia, valor, atitude, comportamento, etc.?

Segundo, analise como a função se manifesta na estrutura, na linguagem e na temática da obra, ou seja, como ela é expressa e reforçada pelos elementos que compõem o texto, como as personagens, o conflito, o tempo, o espaço, os atos, as cenas, o estilo, o vocabulário, o ritmo, as figuras de linguagem, os recursos sonoros, o tema, etc. Para isso, você pode fazer perguntas como:

- Como as personagens contribuem para a função da obra? Elas são representativas, simbólicas, caricatas, realistas, etc. de acordo com a função? Elas têm características, opiniões, atitudes, comportamentos, etc. que se relacionam com a função?
- Como o conflito contribui para a função da obra? Ele é adequado, coerente, significativo, etc. de acordo com a função? Ele gera tensão, suspense, humor, ironia, etc. em relação à função?
- Como o tempo e o espaço contribuem para a função da obra? Eles são adequados, coerentes, significativos, etc. de acordo com a função? Eles criam contraste, harmonia, simetria, etc. em relação à função?
- Como os atos e as cenas contribuem para a função da obra? Eles têm início, meio e fim? Eles têm clímax, desfecho, epílogo, etc. que se relacionam com a função? Eles criam ritmo, equilíbrio, variação, etc. em relação à função?
- Como a linguagem do autor contribui para a função da obra? Ela é adequada, coerente, consistente, etc. de acordo com a função? Ela usa estilo, vocabulário, ritmo, figuras de linguagem, recursos sonoros, etc. que se relacionam com a função?
- Como o tema da obra contribui para a função da obra? Ele é adequado, coerente, significativo, etc. de acordo com a função? Ele expressa, ilustra, questiona, critica, etc. a função?

Terceiro, analise como a função se adequa ao gênero, ao formato, ao meio e ao veículo da obra, ou seja, como ela se adapta e se harmoniza com as características, as convenções, as expectativas, as possibilidades, etc. do tipo, da forma, do modo e do instrumento de expressão da obra. Para isso, você pode fazer perguntas como:

- Como a função se adequa ao gênero da obra? Ela é típica, atípica, inovadora, etc. de uma comédia, de um drama, de uma tragédia, etc.? Ela segue ou rompe as convenções, as regras, as normas, etc. do gênero?
- Como a função se adequa ao formato da obra? Ela é adequada, coerente, consistente, etc. para uma peça curta, longa, de um ato, de vários atos, etc.? Ela segue ou rompe as convenções, as regras, as normas, etc. do formato?
- Como a função se adequa ao meio da obra? Ela é adequada, coerente, consistente, etc. para o teatro, o cinema, a televisão, a internet, etc.? Ela segue ou rompe as convenções, as regras, as normas, etc. do meio?
- Como a função se adequa ao veículo da obra? Ela é adequada, coerente, consistente, etc. para o texto escrito, o texto falado, o texto encenado, etc.? Ela segue ou rompe as convenções, as regras, as normas, etc. do veículo?

ANEXO 1

ADAPTAÇÃO DE AS BACANTES

CENA 1

CORO: (De dentro do Coro saem os personagens principais da peça. Quando param de encenar seus personagens, voltam a ser Coro. O espetáculo inicia com todos os atores vestidos em uma roupa que representa a camisa de força, utilizada em hospícios para impossibilitar a movimentação dos pacientes. Os personagens percorrem a cena, dizem sons sem sentido, como loucos cheios de doenças psicossomáticas andando nas ruas. Param e falam em uníssono)

CORO: QUAL É O TEU ENDEREÇO?

(Juntam-se formando o Coro)

PARTICIPANTE 1: Rua

PARTICIPANTE 2: Skype

PARTICIPANTE 3: 9º andar

PARTICIPANTE 4: Ponto com

PARTICIPANTE 5: CEP

PARTICIPANTE 6: Http

PARTICIPANTE 7: Shopping

PARTICIPANTE 8: Login

PARTICIPANTE 9: Esquina

PARTICIPANTE 3: Blog

PARTICIPANTE 4: IP

PARTICIPANTE 10: WWW

PARTICIPANTE 6: Ponte

PARTICIPANTE 7: E-mail

CORO: (Todos ao mesmo tempo falam seus endereços completos até Brasil. A ideia é que o público não entenda o endereço de ninguém. Depois perguntam em uníssono novamente). Qual é o teu endereço?

PARTICIPANTE 1: Caverna.

(Os atores vão se juntando e formando o Coro que representa o povo de Tebas. A primeira atriz se posiciona no meio e os outros vão se ajustando ao redor dela. Quando se posicionam, repetem um a um o texto abaixo, fazendo o gesto de digitação em teclado de computador, simulando os perfis falsos que as pessoas colocam nas redes sociais)

PARTICIPANTE 5: Sou loira, um metro e setenta e seis, sessenta e cinco quilos, olhos azuis, pele branca e sedosa.

(Quando todos terminam de falar e digitar dizem)

CORO: Meu nome, é SÊMELE.

CORO: (Gargalhada, deslocamento pelo espaço num processo que vai transformando o riso em depressão e histeria)

PARTICIPANTE 1: Eu não vivo sem internet.

PARTICIPANTE 2: Tá todo mundo online, mas ninguém fala comigo.

PARTICIPANTE 3: Tecla comigo por favor.

PARTICIPANTE 4: Ninguém curte as minhas fotos no Facebook.

PARTICIPANTE 5: Você tem WhatsApp?

PARTICIPANTE 6: Vou mudar meu perfil.

PARTICIPANTE 4: Roubaram meu celular e perdi todos os meus contatos.

PARTICIPANTE 7: Eu não acredito! Eu só tenho 7.289.458 curtidas no Youtube. Eu não acredito. EU NÃO ACREDITO! (Tem um colapso nervoso).

CORO: (Correm e agarram a atriz – futura Agave – para acalmá-la puxando-a para traz)

CORO: (Fazem som de celular tocando, o que leva cada ator a se deslocar para um ponto do palco, como se estivesse falando no celular, dizendo o texto abaixo)

PARTICIPANTE 3: O quê? Ele tá chegando?

PARTICIPANTE 5: Tá vindo pra Tebas.

PARTICIPANTE 6: Como você ficou sabendo?

PARTICIPANTE 2: Já recebi várias mensagens confirmando sua chegada.

PARTICIPANTE 1: Isso não tá me cheirando nada bem.

PARTICIPANTE 4: Estou ficando preocupado.

PARTICIPANTE 10: Quero saber seu nome, seu endereço e sua aparência.

CENA 2

PARTICIPANTE 7 – AGAVE: Ele vem por causa dela? (Sai andando ao redor de todos) E eu? Só tive 7.289.458 curtidas no Youtube! Eu não acredito! Eu não acredito! (cai de joelhos no centro do palco)

CORO: (Em círculo, olham para a atriz caída, riem descontroladamente)

PARTICIPANTE 8 – SÊMELE: (Sai de dentro do Coro se direcionando a Agave). Esta é a parte que te cabe nesta vida morta à qual te resignaste. É o preço de tua servidão.

CORO: SERVIDÃO!

PARTICIPANTE 8 – SÊMELE: De tuas palavras caladas. EU SÊMELE.

CORO: EU SÊMELE!

PARTICIPANTE 8 – SÊMELE: (A atriz está no centro da cena, quando o ator que fará Dionísio entra por entre suas pernas e, junto com todo o coro, levanta-a) Princesa de Tebas! (Sêmele começa a cantar) Acessada, curtida e cutucada por um Deus...

CORO: Por um Deus! Por um Deus!

PARTICIPANTE 8 – SÊMELE: Sigo distante do destino que me reservaram e me permito uma nova conexão...

CORO: Conexão! Conexão!

PARTICIPANTE 8 – SÊMELE: Comigo mesmaaaa.

CORO: Aaaaaaaaaa!

(Todos a abaixam colocando-a no chão, o Coro se junta a ela)

PARTICIPANTE 8 – SÊMELE: (Cena coreografada junto com o Coro) Como a terra que tudo recebe em seu seio, na vida e na morte recebo em mim o raiar de um novo dia, e assim me despeço da escravidão de não ser eu.

PARTICIPANTE 7 – AGAVE: (Ao ouvir cada frase de Sêmele, Agave se contorce de raiva). É MENTIRA!

PARTICIPANTE 8 – SÊMELE: (Junto com o Coro) Mentira é a vida que tu levas!

PARTICIPANTE 7 – AGAVE: (Se direciona para o Coro onde Sêmele está, vai confrontá-la, mas Sêmele se desloca e caminha para frente do público). Nada do que dizes é verdade.

(Ambas se agacham, movendo-se em círculo, uma diante da outra, e se digladiam)

PARTICIPANTE 1: Isso vai levá-la à morte.

PARTICIPANTE 3: Mais rápido quanto um trovão.

PARTICIPANTE 9: Oh, se vai!

(Sêmele vai passando a mão no corpo com sensualidade)

PARTICIPANTE 7 – AGAVE: (Se aproximando de Sêmele). Dentro de mim tem um leão ávido, louco, faminto e sedento pelo teu sangue.

PARTICIPANTE 8 – SÊMELE: (Caminha para lateral gargalhando até chegar atrás de Agave). Este leão é a tua ignorância, é o teu temor de saciar a fome que sentes de vida e da qual nem tu nem ninguém pode escapar. Quanto a mim, me entrego de corpo e alma, sem medo das minhas ações, mesmo que morra, quero ver a Zeeeeeeeeus!

PARTICIPANTE 8 – SÊMELE: (Morte de Sêmele. A atriz joga o corpo para trás, o Coro corre pegando-a e levantando-a. Carregam-na em círculo pelo espaço cênico, como num cortejo fúnebre)

CORO: (Cantando durante o cortejo. O ator que fará Dionísio acompanha com a mão erguida em homenagem a mãe) Sêmeleeeee... Sêmeleeeee... Sêmeleeeee... Sêmeleeeee...

PARTICIPANTE 7 – AGAVE: (Ao mesmo tempo que o cortejo acontece Agave fala) Tira essa mulher daqui. Joga esse corpo fora... Joga esse corpo fora... Joga esse corpo fora... Tira essa mulher daqui.

CORO: (Ao final do cortejo põem a atriz no chão, Dionísio gira em direção a Agave dançando e cantando).

CENA 3

PARTICIPANTE 9 – DIONÍSIO: (Cantando) Eu Dionísioo, duas vezes nascido, filho de Sêmeleee!

CORO: Filho de Sêmeleeee!

PARTICIPANTE 9 – DIONÍSO: Foi ultrajada e fulminada pela inveiaaa!

CORO: Pela inveiaaa!

PARTICIPANTE 9 – DIONÍSO: Que ceeegaaa! Quem se acha dona da verdade e da certezaaaa!

CORO: Da certezaaaa!

PARTICIPANTE 9 – DIONÍSO: Minha mãe foi fulminada pelo raio da visão de meu pai. Fulminada pela coragem de amar sem se submeter aos grilhões do não ser. Mas livre e amada por Zeus e mãe de um Deus.

PARTICIPANTE 7 – AGAVE: E a odeio, depois de tanto tempo ainda é lembrada.

PARTICIPANTE 9 – DIONÍSO: Cala a boca.

CORO: (Onomatopeia de silencio). Chiu!

PARTICIPANTE 9 – DIONÍSO: Quem és tu para falar mal de minha mãe.

PARTICIPANTE 7 – AGAVE: Eu sou Agave, mãe de Penteu, rei dessas terras!

PARTICIPANTE 9 – DIONÍSO: (Rindo) Há algo em ti que tentaste em vão sufocar. Mas que sufoca a tua própria existência quando não mais cabe em ti. Tu também queres sentir um Deus!!

CORO: Xiiiiii... Xiiiiii... Xiiiiii... Xiiiiii... Xiiiiii... Xiiiiii...

PARTICIPANTE 9 – DIONÍSO: (Beija Agave, todo Coro joga o corpo para trás como se estivessem sendo beijados também). Vai Agave!

CORO: (Girando a cabeça, em cada girada enunciam o som) Hu! Hu! Hu!
Hu! Hu! Hu! Hu!

PARTICIPANTE 9 – DIONÍSO: Vai Agave, traz-me a cabeça do leão que te domina. (Dioníso vai para fundo da cena, senta-se a observar os acontecimentos. O Coro continua o movimento com a cabeça e com o som)

PARTICIPANTE 7 – AGAVE: (dirige-se ao Coro, já está em êxtase, começa a fazer o mesmo movimento, pois agora ela também é Mênades).

CENA 4

PARTICIPANTE 10 – PENTEU: (Sai do fundo do Coro, caminha até ficar no centro, defronte ao público. As Bacantes continuam com o mesmo movimento e som. Ele dirige-se a elas enraivecido e puxa seus cabelos tentando subjugar-las). Sei que um estrangeiro está em nossa cidade (O Coro deixa de ser as Bacantes e torna-se o povo de Tebas amedrontado). Que outras verdades ele vem trazer a estas terras eu não sei. (Caminha novamente ao centro do palco). Ele se diz filho de minha tia com Zeus (gargalha), mas nada em suas palavras pode ser provado. Como governante desta terra (Corre até o Coro), proíbo que nele acreditem (caminha para o centro da cena), pois já me disseram que é feito de carne, como um humano (todo o Coro corre atrás de Penteu, ajoelham-se, mendigam, tentam agradá-lo como um animal acuado). Enviarei soldados para aprisioná-lo, a fim de manter nossa hegemonia.

CORO: (Agradando e se sujeitando a Penteu expõem seus alheamentos, angústias e frustrações).

PARTICIPANTE 6: Comprar me deixa tão feliz! Esqueço meus problemas.

PARTICIPANTE 5: Não posso conversar com ninguém. Estou muito ocupada.

PARTICIPANTE 1: Estou sempre atrasada. Eu tenho mil compromissos.

PARTICIPANTE 7: Eu quero ganhar muito dinheiro, para gastar, esbanjar.

PARTICIPANTE 5: Eu não tenho nenhum amigo.

PARTICIPANTE 3: Minha família é uma droga. Me sinto tão só.

(Durante toda essa cena Penteu acaricia a cabeça do povo)

PARTICIPANTE 10 – PENTEU: Vejam! Acreditam que estão lúcidos, que são sensatos e que caminham para o progresso e a felicidade (gargalha). E a vida segue calmamente seu curso, contida no desejo de ser. Até mesmo a felicidade que lhes estampa o rosto, não é senão a contenção do desejo, e um nome que lhes demos pra acalmar o fogo da paixão.

PARTICIPANTE 2 – TIRÉSIAS: Tu não conheces a vontade divina Penteu. Não sabes do grito que uma fera solta ao sentir dor. É uma linguagem que não está ao teu alcance. Esta sabedoria nos mostra a beleza do mundo quando um pouco de ar livre o sopra. (Junto com o Coro que agora representa novamente as Mênades) VOU CULTUAR DIONÍSO! Para me embriagar neste sopro de vida.

PARTICIPANTE 10 – PENTEU: Quanto queres para calar a tua boca?

PARTICIPANTE 2 – TIRÉSIAS: Ficastes preso rei, na Moral que tu dizes verdadeira, no mundo onde todos se matam por nada.

PARTICIPANTE 10 – PENTEU: (Corre até as Bacantes, joga-as no chão violentamente, cada uma cai formando um círculo, deixando tanto Tirésias quanto Penteu no centro da cena. O Rei aponta para o Coro que neste momento representa o povo tebano). Este povo que governo precisa ficar ocupado e ensandecido com seus compromissos intermináveis; assim não veem, não falam, não sentem, não pensam. São moldados e acomodados para que possamos conviver. Não se dão conta de que estão envoltos pela minha Lei: a da conformidade. E nem tu, muito menos um estrangeiro irá mudar isso.

(O Coro no chão com o rosto abaixado chora baixinho).

PARTICIPANTE 2 – TIRÉSIAS: Terás sorte jovem rei, se o Deus de ti se penalizar, pois tu avanças para a desgraça. Dioníso é aquele que é, natureza libertadora que nossas palavras são incapazes de designar. O teu privilégio Penteu não é o saber. (Tirésias caminha para o fundo do palco, ao lado esquerdo, ficando de costas).

PARTICIPANTE 10 – PENTEU: Quanto queres para calar a tua boca? Quanto queres para calar a tua boca? Quanto queres para calar a tua boca? (Corre gemendo de raiva para o fundo do palco ao lado direito, ficando de costas).

(O Coro que representa o povo de Tebas levanta o rosto e fala ao público)

PARTICIPANTE 6: Não aguento mais essa vida.

PARTICIPANTE 5: Eu queria sumir.

PARTICIPANTE 1: Me sinto acabada, sem saída.

PARTICIPANTE 3: Não tenho mais esperança.

PARTICIPANTE 8 – Eu não tenho ninguém.

PARTICIPANTE 7: Eu não sei o que tô fazendo nessa vida?

CENA 5

(O tempo todo, Dioníso assiste aos acontecimentos sentados no fundo do palco, bem no centro. Ele se levanta e começa a agir como um regente do Coro, que se tornam Bacantes, acompanhando-o. Corre circulando todo o espaço cênico, fazendo um som parecido com bode. Para no centro e fala ao povo de Tebas).

PARTICIPANTE 9 – DIONÍSO: Vim lançar um olhar de alegria na essência das coisas.

CORO: (representando as Mênades corem fazendo o mesmo som de bode, se juntam no canto esquerdo da cena)

PARTICIPANTE 9 – DIONÍSO: Numa terra onde o povo mentiu um mundo ideal, amaldiçoando a vida. (Canta). Desorientados falam... falam... falam...

CORO: (Também cantando) falam... falam... falam... falam... falam... falam...

PARTICIPANTE 9 – DIONÍSO: E não se comunicam, pois estão mortos no oco da mecânicaaa...

CORO: mecânicaaa...

PARTICIPANTE 9 – DIONÍSO: Sistemáticaaa...

CORO: Sistemáticaaa...

PARTICIPANTE 9 – DIONÍSO: Do mercadooo...

CORO: Mercadooo... Oooooooooo....

PARTICIPANTE 9 – DIONÍSO: Oooooooooo.... Aqui reina Penteu, o caminhante desse tempo.

CORO: (Som semelhante ao de bode)

PARTICIPANTE 9 – DIONÍSO: Aquele que possui uma venda perpétua. Seu racionalismo hipócrita acredita dizer o que as coisas são. Vim para mostrar que todos tem um Deus dentro de si.

(Dioníso canta e dança junto com as Mênades tomando conta de todo palco)

PARTICIPANTE 9 – DIONÍSO: Pois tudo... tudo... tudo vai, tudo voltaaa... Tudo morre tudo refloresce. Tudo se desfaz tudo é refeito. O meio está em toda a parte. Toda parte... Toda parte...

(Todos param, Dioníso de costas)

PARTICIPANTE 10 – PENTEU: Expulsarei tanto aquele que se diz Dionísio quanto aqueles que o seguem. Jamais um Deus ousou me enfrentar.

CENA 7

PARTICIPANTE 9 – DIONÍSIO: (Se movimentando pelo palco falando com Penteu) Pois aqui estou Penteu, o Deus do interior de cada ser. Tu falas de civilização? Mas não há civilização onde só existe troca, onde se vendem falsos sentimentos, onde se propaga falsas alegrias. Teu povo é um eco de si mesmo, alheios. Eu sou a revelação que eles esqueceram. Vim mostrar que a realidade que acreditam não passa de um buraco. Pobres humanos que olham para o mundo através de uma pequena fenda. Não abrem o pano que sombreia os seus espíritos. Qual é teu espírito Penteu? (Vai até Penteu põe a mão em sua cabeça, beija-o, ele amolece sobre Dionísio, que o conduz).

CORO: (Se espalha em êxtase formando um grande círculo).

PARTICIPANTE 9 – DIONÍSIO: (Ainda conduzindo Penteu). Homens, aprisionados em verdades, presos nas costas de um leão. (Deixa Penteu em pé no centro do palco, mole, embriagado).

PARTICIPANTE 7 – AGAVE: (Sai de entre as Mênades e canta suavemente, tocando cada uma das Bacantes do círculo). Há muito tempo estávamos perdidos. Embriagados pela hipocrisia. Paralisados pelo medo. Naufragados na idolatria. Ceeegos....

CORO: Ceeegos... Ceeegos... Ceeegos...

PARTICIPANTE 7 – AGAVE: (Agave dirige-se a Penteu e fala com ele). Tu, eras o leão que nos paralisava. (Passa a mão nos olhos do rei, que os fecha, fica como um cego. Então ela caminha para o lado direito, chegando ao fundo do palco fica de costas).

CORO: Ceeegos... Ceeegos... Ceeegos...

PARTICIPANTE 7 – AGAVE: (Virando para Penteu, grita) MOOORTE A FEEERA!

CORO: (O Coro entra num frenesi enlouquecido e enraivado, correm até Penteu, jogam-no no chão e começam a matá-lo e devorá-lo)

PARTICIPANTE 9 – DIONÍSO: (Ao fundo do lado direito do espaço cênico, abraça Agave de costas e joga-lhe grande quantidade de sangue de uma vasilha. Agave esfrega o sangue no corpo saboreando-o).

PARTICIPANTE 7 – AGAVE: (Caminha em direção às Mênadas que devoram Penteu) Olhem esse momento! (Gargalha. As Bacantes vão se levantando e se afastando do corpo. Agave ainda rindo, aproxima-se do cadáver no chão e senta-se nele). Matamos a fera que nos escravizava. (Faz gesto, em sincronia com todo o Coro, de arrancar a cabeça de Penteu. Gargalha. Levanta as mãos como se estivesse segurando a cabeça do morto). Mataaaaaamooooos...

PARTICIPANTE 9 – DIONÍSO: (Faz som de bode).

CORO: (Começam a olhar as mãos ensanguentadas, a tentar limpá-las nas roupas e percebendo o que fizeram, caem em desespero e choram).

PARTICIPANTE 7 – AGAVE: (Continua rindo e circulando com a cabeça na mão). Mataaaaaamooooos... (Baixa a mão e olha para o rosto que segura, vai se desesperando) Não! Não matamos? (Começa a perceber que está com a cabeça do filho) Horror! (Começa a chorar de forma engasgada) É meu filho! Desgraçada! Matei meu filho! meu filho! meu filho! (Está no centro do palco chorando desconsoladamente).

CORO: Este foi o preço que nós humanos pagamos por ter nos tornados a regra e esquecido que a natureza é desregramento. Isso porque aquietamos nossa alma num mundo moderno de mentira. Que maneira dolorosa de ver esse mundo alheio que criamos.

PARTICIPANTE 9 – DIONÍSO: O que sabe o homem, no fundo, acerca de si mesmo?

PARTICIPANTE 7 – AGAVE: (Saindo do transe, levanta-se num estado de dor descomunal) Onde estou? Onde estou? Onde estou? Eu quero ir pra casa.

CORO: (Também saindo do transe, movimentam-se pelo espaço fazendo a mesma pergunta, cada um no seu tempo). Onde estou? Eu quero ir pra casa. Eu quero ir pra casa. Eu quero ir pra casa... (Voltam a se comportar como os loucos do início da peça, no entanto não perguntam mais: QUAL É SEU ENDEREÇO? O texto agora é: EU QUERO IR PRA CASA. Como se de alguma forma aquela experiência levasse-os a conhecer um pouco de si mesmos, transformando-os e mostrando novos caminhos pra casa).

(Aos poucos vão saindo de cena).

FIM